

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Faculdade de Letras
Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos

Danúbia da Costa Teixeira

**ANÁLISE DE METÁFORAS SOBRE PROTEÇÃO E DESTRUIÇÃO AMBIENTAL NA
COMUNIDADE INDÍGENA PATAXÓ IMBIRUÇU**

Belo Horizonte
2023

Danúbia da Costa Teixeira

**ANÁLISE DE METÁFORAS SOBRE PROTEÇÃO E DESTRUIÇÃO AMBIENTAL NA
COMUNIDADE INDÍGENA PATAXÓ IMBIRUÇU**

Versão final

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Doutora em Estudos Linguísticos.

Orientadora: Profa. Dra. Luciane Corrêa Ferreira

**Belo Horizonte
2023**

T266m

Teixeira, Danúbia da Costa.

Análise de Metáforas sobre proteção ambiental na comunidade indígena Pataxó Imbiruçu [manuscrito] / Danúbia da Costa Teixeira. – 2023.

1 recurso online (192 f.: il., color.): pdf.

Orientadora: Luciane Corrêa Ferreira.

Área de concentração: Linguística Teórica e Descritiva.

Linha de pesquisa: Estudos da Língua em Uso.

Tese (doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras.

Bibliografia: f. 159-173.

Anexos: f. 174-192.

Exigências do sistema: Adobe Acrobat Reader.

1. Língua portuguesa – Estudo e ensino – Teses. 2. Metáfora – Teses. 3. Proteção ambiental – Teses. 4. Indígenas da América do Sul – Brasil – Teses. 5. Índios Pataxó – Teses. I. Ferreira, Luciane Corrêa. II. Universidade Federal de Minas Gerais.

CDD: 469.07



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

FACULDADE DE LETRAS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS

FOLHA DE APROVAÇÃO

ANÁLISE DE METÁFORAS SOBRE PROTEÇÃO E DESTRUIÇÃO AMBIENTAL NA COMUNIDADE INDÍGENA
PATAXÓ

DANÚBIA DA COSTA TEIXEIRA

Tese submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em ESTUDOS LINGUÍSTICOS, como requisito para obtenção do grau de Doutor em ESTUDOS LINGUÍSTICOS, área de concentração LINGUÍSTICA TEÓRICA E DESCRITIVA, linha de pesquisa Estudos da Língua em Uso.

Aprovada em 11 de julho de 2023, pela banca constituída pelos membros:

Prof(a). Luciane Correa Ferreira - Orientadora

UFMG

Prof(a). Fernanda Carneiro Cavalcanti

UERJ

Prof(a). Junot de Oliveira Maia

UFMG

Prof(a). Marcelo Naputano

UFRR

Prof(a). Ana Rachel Carvalho Leão

IFMG

Prof(a). Lacey Okonski

University of UMEA

Belo Horizonte, 11 de julho de 2023.



Documento assinado eletronicamente por **Junot de Oliveira Maia, Professor do Magistério Superior**, em 14/07/2023, às 15:06, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Luciane Correa Ferreira, Coordenador(a)**, em 15/07/2023, às 08:07, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Fernanda Carneiro Cavalcanti, Usuário Externo**, em 17/07/2023, às 17:16, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Ana Rachel Carvalho Leao, Usuário Externo**, em 18/07/2023, às 16:51, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Marcelo Naputano, Usuário Externo**, em 18/07/2023, às 19:47, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Lacey Okonski, Usuário Externo**, em 19/07/2023, às 12:58, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **2470275** e o código CRC **5BDD938F**.

Para Pedro e Ana, persistir é preciso.

AGRADECIMENTOS

Sempre acreditei na existência do Divino, não esse divino travestido na imagem de um deus cruel, sempre querendo castigar alguém, mas na existência de uma força Divina, amável, compreensiva, maleável e constantemente disposta a ajudar aqueles que se propõe a fazer o melhor, com honestidade, dentro do contexto em que estão inseridos. Eu não consigo mensurar quantas vezes, ao longo desse percurso, senti-me completamente desamparada, exausta, burra e sem esperança. Se não fosse essa crença no Divino que me fortalece e consola, certamente eu teria desistido, sendo assim, meus primeiros agradecimentos vão para essa divindade, que seguindo o clichê, chamarei de Deus e que até aqui me consolou, guardou, animou e ajudou.

Em segundo lugar, agradeço aos meus filhos, Pedro e Ana, por toda a espera, por suportarem a solidão e a ausência nos dias em que eu precisava ir às aulas e as privações ao longo desses cinco anos. Agradeço a vocês dois por me ampararem, por todos os sorrisos, cafés e lanches entregues na mão, com todo carinho, durante as longas horas de leitura e escrita. Agradeço pela dádiva de tê-los em minha vida, se algum dia me fosse dada a oportunidade de escolher entre todas as pessoas do universo, eu escolheria mil vezes vocês para serem meus filhos. Em muitas ocasiões, pensar em vocês me impediu de desistir, e sendo sincera, se me lancei nessa jornada foi movida pela esperança de proporcionar-lhes um futuro melhor, espero conseguir.

Agradeço aos meus pais, José Geraldo Teixeira e Maria das Dores Costa Teixeira por todo ensinamento e esforço. Aos meus irmãos, Thiago Daniel Costa, Dayane Carolina Teixeira Costa e Débora Rith Costa Teixeira, por todos os encontros, conversas, risadas e celebrações. A presença de vocês foi um alívio em meio ao caos.

Também gostaria de agradecer à minha orientadora, professora Luciane Corrêa Ferreira, obrigada por fazer bem mais que orientar, você foi presente dando conselhos, enxergando oportunidades, acolhendo, defendendo e instruindo. Eu sei que não foi fácil orientar uma pessoa tão diferente de todas as outras que circulam pelos corredores do POSLIN, agradeço por você não ter desistido.

E como toda essa jornada começa muito antes do doutorado, agradeço imensamente a Maria Teodora de Souza Azini, José Azini e seus filhos, por terem me amparado e abrigado tão bondosamente durante a faculdade.

Agradeço aos amigos de caminhada, Ana Rachel, Suelen Martins, Josie Elen, Vitor Cordeiro, Paloma Carlean, Graciele Lara, Henrique Sobral, Sidelmar Kunz, Cristiane Lélis, Bruno Puccini, Jaqueline Helen, Cássio Morosini, Vítor Leite, Márcia Verona e tantos outros. Agradeço muitíssimo a Luís Fernando Gomes Camargo, José Reinaldo Rocha, Bruna Mendes, Bárbara Vieira e Débora Rith por todas as leituras dos rascunhos, palpites, correções e contribuições. Deixo também meus agradecimentos aos meus colegas de trabalho da Faculdade Única de Ipatinga, Faculdade Prominas de Montes Claros, Escola Estadual José Rosa Damasceno e Escola Estadual Alberto Caldeira.

Seriam necessárias muitas e muitas páginas para agradecer nominalmente a cada pessoa que contribuiu para que esse percurso se tornasse suportável, por isso, deixo meu abraço e meus sinceros agradecimentos a cada um que passou por meu caminho e que, de forma direta ou indireta, ajudou-me a chegar até aqui.

Metaphor is the heart and soul of language and thought.

*Matlock, Coe & Westerling
(2017)*

RESUMO

O tema desta tese são as conceptualizações metafóricas verbais e gestuais ligadas ao meio ambiente, produzidas pelos membros da Comunidade Indígena Pataxó Imbiruçu. A análise dos dados coletados foi realizada à luz da Teoria da Metáfora Conceptual e dos estudos sobre metáfora e gestos. O objetivo é contribuir para a compreensão das metáforas verbais e gestuais utilizadas pelos membros da Comunidade Indígena Pataxó Imbiruçu. Os objetivos específicos são: Mapear as metáforas sobre práticas de proteção e destruição ambiental que prevalecem nos discursos dos membros da comunidade Indígena Pataxó Imbiruçu; Descrever e analisar as metáforas sobre práticas de proteção e destruição ambiental e as metáforas relacionadas à metáfora conceptual "MÃE TERRA", presentes nos discursos dos membros da Comunidade Indígena Pataxó Imbiruçu; e Analisar as metáforas gestuais que emergem dos discursos dos membros da Comunidade Indígena Pataxó, considerando as formas com que elas contribuem para a interação verbal. Os dados foram coletados com integrantes da comunidade indígena Pataxó Imbiruçu, maiores de 18 anos, falantes de língua portuguesa, que consentissem em participar da pesquisa. A coleta de dados foi composta pela aplicação de um questionário semiestruturado com entrevista gravada em vídeo e transcrita com ajuda do software Elan, versão 5.4. Para a análise das metáforas verbais utilizamos os postulados da Semântica Cognitiva, especialmente, da Teoria da Metáfora Conceptual, formulada por Lakoff e Johnson (1980). As metáforas gestuais foram analisadas a partir dos estudos de Cienki e Müller (2009) e Kendon (2004, 1982). Sabendo que não é possível estudar as ramificações metafóricas descoladas do contexto cultural, fizemos um entrelaçamento entre os conceitos da Linguística Cognitiva e a história, cultura e cosmovisão indígena. Para tanto, ancoramo-nos em autores como Kövecses (2005, 2010), Gibbs (1999, 2017), Grady (1997), Santilli (1999, 2005), Estermann (2006, 2013), Krenak (2017, 2019, 2020 e 2021) e outros. Por meio da análise dos dados foi possível identificar as seguintes metáforas conceptuais: MÃE TERRA, DIFICULDADES SÃO PESOS, CORAÇÃO COMO CENTRO DAS EMOÇÕES e INCÊNDIOS SÃO MONSTROS. Compreendemos que a forma como os membros da Comunidade Indígena Pataxó Imbiruçu conceptualiza a Terra e a natureza fortalece sua postura de preservação ambiental e fomenta uma atitude mais protetora em relação ao meio ambiente. Essa tese contribui para os estudos de Linguística Cognitiva e da Teoria da Metáfora Conceptual, pois ajuda a compreender como os membros da Comunidade Indígena Pataxó Imbiruçu utilizam suas experiências corpóreas, bem como sua cultura, cosmovisão, história e organização social para elaborar as metáforas que permeiam sua linguagem.

Palavras-chave: Metáforas; Proteção e Destruição Ambiental; Comunidade Indígena.

ABSTRACT

The theme of this thesis is the verbal and gestural metaphorical conceptualizations related to the environment, produced by members of the Pataxó Imbiruçu Indigenous Community. The analysis of the collected data was carried out in the light of the Theory of Conceptual Metaphor and studies on metaphor and gestures. The objective is to contribute to the understanding of verbal and gestural metaphors used by members of the Pataxó Imbiruçu Indigenous Community. The specific objectives are: To map metaphors about environmental protection and destruction practices that prevail in the speeches of members of the Pataxó Imbiruçu Indigenous community; To describe and analyze the metaphors about environmental protection and destruction practices and the metaphors related to the conceptual metaphor "MÃE EARTH", present in the speeches of the members of the Pataxó Imbiruçu Indigenous Community; and Analyze the gestural metaphors that emerge from the speeches of members of the Pataxó Indigenous Community, considering the ways in which they contribute to verbal interaction. Data were collected from members of the Pataxó Imbiruçu indigenous community, over 18 years old, Portuguese speakers, who consented to participate in the research. Data collection consisted of the application of a semi-structured questionnaire with an interview recorded on video and transcribed using the Elan software, version 5.4. For the analysis of verbal metaphors, we used the postulates of Cognitive Semantics, especially the Theory of Conceptual Metaphor, formulated by Lakoff and Johnson (1980). The gestural metaphors were analyzed based on studies by Cienki and Müller (2009) and Kendon (2004, 1982). Knowing that it is not possible to study the metaphorical ramifications detached from the cultural context, we made an interweaving between the concepts of Cognitive Linguistics and the history, culture and indigenous cosmivision. To do so, we anchor ourselves on authors such as Kövecses (2005, 2010), Gibbs (1999, 2017), Grady (1997), Santilli (1999, 2005), Estermann (2006, 2013), Krenak (2017, 2019, 2020 and 2021) and others. Through data analysis, it was possible to identify the following conceptual metaphors: MOTHER EARTH, DIFFICULTIES ARE WEIGHTS, HEART AS CENTER OF EMOTIONS and FIRE ARE MONSTERS. We understand that the way in which the members of the Pataxó Imbiruçu Indigenous Community conceptualize the Earth and nature strengthens their posture of environmental preservation and fosters a more protective attitude towards the environment. This thesis contributes to the studies of Cognitive Linguistics and Conceptual Metaphor Theory, as it helps to understand how members of the Pataxó Imbiruçu Indigenous Community use their bodily experiences, as well as their culture, cosmivision, history and social organization to elaborate the metaphors that permeate your language.

Keywords: Metaphors; Environmental Protection; Destruction and Indigenous Community.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Localização de Carmésia – MG	20
Figura 2 - Modelos Cognitivos Idealizados – Tipologia Básica	56
Figura 3 - Gesto dêitico	101
Figura 4 - Gesto icônico	103
Figura 5 - Gesto rítmico	106
Figura 6 - Gesto de Joia	108
Figura 7 - Cartaz publicitário da série Cobra Kai (Netflix)	109
Figura 8 - Canal do PROIMIGRANTES no Youtube	110
Figura 9 - Comentário em rede social	110
Figura 10 - Operacionalização do Elan 5.8	117
Figura 11 - Fases de preparação (1a), golpe (1b), e retração (1c) gestual	119

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Mapeamentos mentais da metáfora conceptual O AMOR É UMA VIAGEM	42
Quadro 2 - Bom é para cima/ruim é para baixo	45-46
Quadro 3 - Tempo é dinheiro/Discussão é guerra	46
Quadro 4 - Metáforas Ontológicas	47
Quadro 5 - Perfil socioeconômico dos participantes da pesquisa	115
Quadro 6 - Gesto icônico para o conceito “grande”	124
Quadro 7 - Esquema de ação de divisão de entidade.....	146
Quadro 8 - Esquema de ação de separação ao meio	147
Quadro 9 - Esquema de ação de aperto no coração	148
Quadro 10 - Esquema de ação de alimentos	150
Quadro 11 - Gesto do Globo	151

LISTA DE SIGLAS

COCA	Corpus of Contemporary American English
FUNAI	Fundação Nacional do Índio
GECEIR	Grupo de Estudos Cognição, Educação, Imigração e Refúgio.
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
LC	Linguística Cognitiva
ONU	Organização das Nações Unidas
PIM	Procedimento de Identificação de Metáfora
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
TCM	Teoria Cognitiva de Metáfora
UCSC	Universidade da Califórnia de Santa Cruz
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	17
1 – LINGUÍSTICA COGNITIVA E METÁFORAS VERBAIS: ENTRELACANDO CONCEITOS.....	29
1.1 A Linguística Cognitiva.....	31
1.2 O que são as metáforas conceituais?.....	36
1.3 Conceptualização e categorização.....	39
1.4 A Teoria da Metáfora Conceptual.....	41
1.5 Esquemas Imagéticos.....	50
1.6 Metáforas e Cultura.....	52
1.7 Modelo Cognitivo Idealizado.....	55
2 – PRESSUPOSTOS TEÓRICOS, ESTUDOS PRECURSORES, COSMOVISÃO, HISTÓRIA E CULTURA INDÍGENA.....	59
2.1 Modelo Cognitivo Idealizado de Mãe.....	60
2.1.1 Cultura, crenças e valores indígenas a partir do conceito de Mãe.....	62
2.1.2 A cosmovisão Pataxó.....	63
2.1.3 Pesquisas sobre Mãe Terra.....	68
2.2 Metáforas sobre fogo.....	71
2.2.1 O fogo de 1951.....	72
2.2.2 Metáforas sobre Fogo: estudos precursores.....	76
2.3 Metáfora “Coração Como Centro das Emoções”.....	82
2.3.1 Coração: pressupostos dentro da cosmovisão indígena.....	84
2.3.2 Estudos pregressos sobre a metáfora Coração.....	85
2.4 Dificuldades são pesos.....	88
2.4.1 Estudos precursores sobre DIFICULDADES SÃO PESOS.....	90
3 – ENREDANDO GESTOS.....	92
3.1 A Gestualidade.....	93
3.1.1 Definição e Classificação dos gestos.....	96
3.1.2 Gestos Dêiticos.....	100
3.1.3 Gestos Icônicos.....	102
3.1.4 Gestos Rítmicos.....	104

3.1.5 Gestos Metafóricos.....	SUMÁRIO	106
CAPÍTULO 4 – METODOLOGIA.....		113
4.1 Tipo de Pesquisa e participantes.....		113
4.1.1 Do instrumento.....		116
4.2 ELAN.....		116
4.3 Corpus I: Metáforas Verbais.....		119
4.4 Corpus II: Metáforas Gestuais.....		123
CAPÍTULO 5 – ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....		127
5.1 Coração como centro das emoções.....		128
5.2 Dificuldades são pesos.....		133
5.3 Incêndios são monstros.....		135
5.4 A Terra é a nossa mãe.....		137
5.5 Os protetores da natureza.....		142
5.6 Metáforas gestuais.....		145
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....		152
REFERÊNCIAS.....		159
ANEXO 1: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....		174
ANEXO 2: PARECER CONSUBSTANCIADO DA CONEP (COMISSÃO NACIONAL DE ÉTICA EM PESQUISA – PLATAFORMA BRASIL).....		178

INTRODUÇÃO

A nossa mãe, a Terra, nos dá de graça o oxigênio, nos põe para dormir, nos desperta de manhã com o sol, deixa os pássaros cantar, as correntezas e as brisas se moverem, cria esse mundo maravilhoso para compartilhar. (KRENAK, 2020, p. 07)

O tema desta tese são as conceptualizações metafóricas verbais e gestuais ligadas ao meio ambiente, produzidas pelos membros da Comunidade Indígena Pataxó Imbiruçu. Essa temática abrange os campos da cognição e da linguagem, permeados também por processos culturais que influenciam a maneira como nos comunicamos. Acreditamos que os membros dessa comunidade utilizam suas experiências corpóreas, bem como sua cultura, cosmovisão, história e organização social para elaborarem as metáforas que permeiam sua linguagem, sendo assim, esse estudo irá debruçar-se sobre a análise dessas metáforas.

A linguagem traz marcas culturais que nos definem e nos ajudam a moldar cognitivamente o mundo que nos cerca e, por meio dela, agimos no mundo, logo, o seu uso escrito ou falado permite que existamos. Diante desse raciocínio, o que prova que eu sou quem sou é um papel escrito, minha certidão de nascimento, que diz quem sou, qual meu nome, origem, família. Outros papéis escritos comprovam se tenho profissão, bens, etc. Por meio da linguagem falada eu me expesso, me posiciono, opino. E há ainda a linguagem gestual, que se articula com gestos.

A linguagem humaniza o homem, por meio dela é que expressamos nossos sentimentos, medos e pensamentos, sendo assim, ela também é objeto de estudos contínuos. Nesse sentido, a busca da Linguística Cognitiva, doravante LC, é por compreender de que modo as pessoas interpretam as coisas e quais conceitos elaboram a partir de suas interpretações. De acordo com Ferrari (2010) “O significado de uma expressão linguística não reflete diretamente a relação entre ‘palavra’ e ‘mundo’, mas é sempre mediado por processos inerentes à cognição humana” (Ferrari, 2010, p.151). Corroborando com Ferrari, Fiorin (2002) argumenta que a atividade linguística é simbólica porque o que cria os conceitos são as palavras, esses conceitos, por sua vez, ordenam a realidade e categorizam o mundo. Dessa maneira, a LC concentra-se na conceptualização, para ela, a linguagem é um meio de conceptualização de nossas experiências corporais, sociais e culturais.

Diante disso, como poderíamos definir os processos de conceptualização?
Para Silva e Batoréo o processo de conceptualização

consiste numa determinada perspectivação do conceptualizador relativamente a uma entidade ou situação. Quer isto dizer que a conceptualização envolvida no significado de uma expressão lexical ou gramatical não pode ser caracterizada somente em termos das propriedades do objeto de conceptualização, mas tem que necessariamente ter em conta o sujeito de conceptualização. (BATORÉO; SILVA, 2010, p.233)

A Linguística Cognitiva volta-se para a compreensão da linguagem e das conceptualizações, buscando representar linguisticamente a estrutura conceptual a partir do paradigma experiencialista. Tal posicionamento teórico deu origem a várias teorias, dentre elas, a Teoria da Metáfora Conceptual, elaborada por Lakoff e Johnson, em 1983, que norteará essa pesquisa. Por meio da Teoria da Metáfora Conceptual, Lakoff e Johnson defendem que nosso sistema conceitual é naturalmente metafórico. Eles afirmam que a linguagem cotidiana, usada por todos nós, é formada por metáforas e que essas metáforas guiam não apenas nosso pensamento como também nossas ações. O sistema conceptual humano é estruturado por metáforas e suas semelhanças. Isso explica porque geralmente interpretamos uma expressão metafórica ou idiomática da mesma forma em diferentes línguas. Para os autores, nosso pensamento é majoritariamente metafórico por operar conceitos que são refletidos através da linguagem.

Mas por que a pesquisa de Lakoff e Johnson é considerada tão inovadora? Essa pesquisa possui caráter inovador justamente por apresentar uma afirmação inédita, até então: a análise de metáfora como experiência rotineira de uso da língua e como ação humana. Daí a possibilidade de se afirmar que a metáfora não é um mero ornamento linguístico circunscrito ao campo literário, mas algo que permeia nosso dia a dia.

A Teoria da Metáfora Conceptual é cognitiva porque parte do sistema conceitual e de mapeamentos metafóricos para explicar a compreensão e o uso da linguagem. Dessa maneira, a linguagem é o instrumento que permite organizar, processar e veicular informações por meio do processo de conceptualização, que por sua vez é condicionado por nossa experiência conosco e com o mundo que nos cerca.

Diante disso, é possível afirmar que todas as nossas experiências sensório-motoras e contextuais são fundamentais para a construção da linguagem.

Partindo desse raciocínio consideramos que a linguagem metafórica é um elemento essencial para a produção discursiva já que a linguagem é um constructo cognitivo, conceptual, cultural e neural (KÖVECSES, 2005).

Conforme já discutimos, a Linguística Cognitiva entende a língua como parte do nosso sistema cognitivo, partindo desse princípio, Lakoff e Johnson elaboraram a Teoria da Metáfora Conceptual, doravante TCM, na qual defendem que todo o nosso sistema conceptual é metafórico, sendo que a metáfora uma operação cognitiva que estrutura nossa experiência através do mapeamento de domínios mais abstratos por meio de domínios mais concretos.

Sendo a metáfora uma operação cognitiva, seria ingênuo pensar que ela estaria presente apenas na linguagem verbal, escrita ou falada. Os gestos não são apenas uma maneira de representar objetos, localizações ou formas, e sim representações realizadas tendo nosso sistema conceptual como ponto de partida. De acordo com Cienki (2013), os gestos realizados durante a fala, de maneira consciente ou inconsciente, configuram uma importante fonte de dados para os estudos linguísticos pois podem ser metafóricos atuando como representações de metáforas conceptuais em que o falante vai representar um domínio em termos de outro.

Diante do exposto, surgem as seguintes perguntas: como pensar a conceitualização de práticas relacionadas ao meio-ambiente na linguagem dos indígenas Pataxós? Quais elementos metafóricos aparecem na sua fala quando discorrem sobre a conceitualização de Mãe Terra? Com essas perguntas na agenda de pesquisa e partindo do entendimento de metáfora como uma forma de expressar uma ideia em termos de outra (LAKOFF; JOHNSON, 1980, 1999) essas foram as inquietações pessoais que motivaram o início dessa pesquisa. Esse projeto se insere em um projeto maior, coordenado pelas Profa. Luciane Corrêa Ferreira (UFMG) e Profa. Lacey Okonski (University of Umea) intitulado “Comparação Interlinguística da Conceitualização de Mãe Terra no Brasil e nos EUA”.¹

A maneira como nos expressamos metaforicamente está intimamente relacionada ao nosso meio e à nossa cultura (KÖVECSES, 2001) por isso, quanto mais estudarmos as metáforas inseridas nas falas de pessoas de diferentes culturas, mais conhecimento poderemos adquirir. Diante desse contexto, caracterizar os

¹“Comparação Interlinguística da Conceitualização de Mãe Terra no Brasil e nos EUA”, CAAE nr. 07643118.0.0000.5149

indivíduos pesquisados é uma necessidade e, por isso, há que se dizer que a comunidade indígena Pataxó Imbiruçu se localiza na cidade de Carmésia em Minas Gerais². Dados do IBGE indicam que a cidade possui cerca de 2.660 habitantes e localiza-se há cerca de 212 km de Belo Horizonte, capital do estado. Ela faz parte da região do Vale do Rio Doce, sendo banhada pela bacia hidrográfica do Rio Doce e pela sub-bacia do Rio Santo Antônio. Sendo sua representação espacial dada na imagem abaixo.

Figura 1- Localização de Carmésia - MG



Fonte: <https://carmesia.mg.gov.br/>

As terras indígenas pataxós que se encontram em tal município somam três comunidades sendo elas, a de Sede, Imbiruçu, Retirinho e Alto das Posses. Parte dessas terras foram demarcadas em 1972, quando o Estado doou parte de uma fazenda à Fundação Nacional do Índio (FUNAI). Anteriormente as terras pertenciam ao coronel Magalhães, entretanto, após sua morte, como ele não possuía nenhum herdeiro, as terras foram repassadas ao Estado que as direcionou para a FUNAI. A notícia da institucionalização acabou por atrair pataxós que viviam no sul da Bahia, que haviam passado ao longo dos anos por eventos dilacerantes e encontraram no

² De acordo com o Guia da Estrada Real, Carmésia foi colonizada por descendentes de europeus, no século XVIII, por ocasião da descoberta de ouro em Minas Gerais, inicialmente, chamava-se Viamão do Carmo e era um distrito pertencente a Conceição do Mato Dentro, posteriormente, passou a pertencer ao município de Dom Joaquim, já com o nome de Carmésia, nome dado em homenagem à padroeira da cidade, Nossa Senhora do Carmo. Por fim, em 30 de dezembro de 1962, foi reconhecida como cidade.

estado vizinho, em Minas Gerais, uma oportunidade de conseguirem resistir e sobreviver³.

A área denominada Terra Indígena Fazenda Guarani possui 3.279 hectares e abriga indígenas da etnia Pataxó, divididos em 3 comunidades: Comunidade Indígena Retirinho, Comunidade Indígena Alto das Posses e Comunidade Indígena Pataxó Imbiruçu, onde coletamos os dados que serão apresentados neste estudo. As três comunidades foram contactadas no início da pesquisa, no entanto, a única que respondeu positivamente, aceitando uma visita da pesquisadora para explicar o estudo em linhas gerais e aceitando o convite de participação foi a Comunidade Indígena Pataxó Imbiruçu. De acordo com a FUNAI, atualmente, moram na comunidade cerca de 30 famílias, totalizando entre 140 e 145 pessoas.

Quanto à economia, alguns moradores da comunidade trabalham no serviço público, sendo funcionários da escola ou do posto de saúde, o cacique também é vereador da cidade de Carmésia, os demais prestam serviços braçais para outros membros da comunidade e para agricultores da região. A agricultura de subsistência também é elemento crucial para a manutenção da comunidade.

A estrutura comunitária é composta por uma escola de educação básica (educação infantil, ensino fundamental e ensino médio), cujo currículo foi especialmente pensado para atender a cultura Pataxó e, assim sendo, refletir seu modo de vida e concepção cultural. Ainda sobre a estrutura, consta um posto de saúde e um centro de convivência no qual são realizadas reuniões, festas, casamentos e demais eventos.

Seguindo a cosmovisão Pataxó essa comunidade é extremamente ligada à natureza e ao meio ambiente, cientes disso, nosso primeiro norteador será verificar se os moradores da comunidade indígena Pataxó Imbiruçu produzem metáforas relacionadas à proteção e destruição ambiental. De acordo com Ailton Krenak (2019), o contato entre o indígena e a natureza se dá como uma relação familiar, afetiva e não predatória (p.19). Assim, esses povos percebem elementos da natureza, como pedras, árvores, rios e animais, como parte da própria família. Dessa maneira, os indígenas consideram-se filhos da Terra, por isso creem nos elementos naturais como parte de sua família, assim, nossa segunda questão

³ Experiências pregressas à chegada à região da Terra Indígena Fazenda Guarani serão relatadas no segundo capítulo de nossa tese.

norteadora é a de que os membros dessa comunidade produzem metáforas relacionadas à metáfora conceptual MÃE TERRA.

Por fim, a comunidade na qual realizamos a pesquisa formou-se a partir do episódio histórico conhecido como Fogo de 51, que acometeu violentamente os moradores, fazendo com que alguns deles se dissipassem, buscando outros lugares para construir suas comunidades, o que os trouxe para Minas Gerais, especificamente, para a cidade de Carmésia. Por esse motivo, nosso terceiro questionamento é de que os membros dessa comunidade produzem metáforas relacionadas ao fogo.

Algumas perguntas de pesquisa guiaram este estudo, foram elas: a cosmovisão materializada na cultura, na história e no contexto social em que vivem os membros da Comunidade Pataxó Imbiruçu motivam a produção de metáforas licenciadas pela metáfora conceptual MÃE TERRA? Como essas metáforas licenciadas pela conceptualização de Mãe Terra e de metáforas relacionadas a proteção e destruição ambiental aparecem na fala dos Pataxós? Quais são as metáforas gestuais que emergem dos discursos dos membros da Comunidade Indígena Pataxó e de que forma que elas contribuem para a interação verbal?

Visando dar conta de responder a esta pergunta, o objetivo desta pesquisa é levantar dados que nos permitam compreender as metáforas verbais e gestuais ligadas ao meio ambiente, produzidas pelos membros da Comunidade Indígena Pataxó Imbiruçu. Para atingi-lo adotamos os seguintes objetivos específicos:

- Mapear as metáforas sobre práticas de proteção e destruição ambiental que prevalecem nos discursos dos membros da comunidade Indígena Pataxó Imbiruçu;
- Descrever e analisar as metáforas sobre práticas de proteção e destruição ambiental e as metáforas relacionadas a metáfora conceptual MÃE TERRA, presentes nos discursos dos membros da Comunidade Indígena Pataxó Imbiruçu; e
- Analisar as metáforas gestuais que emergem dos discursos dos membros da Comunidade Indígena Pataxó, considerando as formas com que elas contribuem para a interação verbal.

Munidos desses objetivos, em meio a visitas sistemáticas aos Pataxós, foi possível coletar 11 narrativas - gravadas em áudio e vídeo - nas quais captamos as

metáforas verbais e gestuais que, posteriormente, foram analisadas⁴. Conscientes do desafio colocado, esta investigação parte de uma metodologia de análise de dados para focalizar as conceptualizações metafóricas no contexto sociocultural da comunidade Pataxós.

Nossa pesquisa fornece uma análise das metáforas conceptuais emergentes nas entrevistas feitas com indígenas da etnia Pataxó moradores de Carmésia, com base nas teorias de Lakoff e Johnson (1980), Grady (1997) e Kövecses (2007), entre outros teóricos. De modo complementar, no que compete às metáforas gestuais, usaremos as teorias de Cienki (2008), Kendon (2004), Kress (2001), e outros, uma vez que se trata de um contexto multimodal.

Para compor a metodologia optamos pelo formato qualitativo de entrevista, reforçamos que as entrevistas foram gravadas em vídeo de modo a viabilizar maior fidedignidade à realidade peculiar dessa comunidade rural indígena. Além disso, ressaltamos que outras técnicas que não fossem o mais livre e flexível poderiam acarretar prejuízos para a qualidade da informação obtida, em razão da perceptível timidez e recolhimento da maioria dos participantes.

Como critério para participar da pesquisa escolhemos participantes que eram membros da comunidade indígena Pataxó Imbiruçu, pessoas de ambos os sexos, com idade acima de 18 anos e que consentiram espontaneamente em participar da pesquisa. Pontuamos que tais participantes foram submetidos a entrevistas em que produzimos registros em áudio e vídeo, utilizando uma câmera filmadora apoiada em um tripé. Aplicadas de modo individual, fazendo uso do mesmo questionário para todos os participantes, os quais assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) como forma de resguardá-los e amparar legalmente os pesquisadores.

No que se refere à transcrição dos dados e métodos de identificação de metáfora, esclarecemos que os dados foram transcritos por meio da utilização do software ELAN, versão 5.8, que possibilita a transcrição dos diálogos dos vídeos gravados com exatidão no tempo das falas. O software permite a criação de trilhas que facilitam a organização dos dados para análises em diferentes níveis verbais e gestuais.

⁴ Essa pesquisa foi autorizada pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade Federal de Minas Gerais – COEP –, pelo Conselho Nacional de Ética em Pesquisa – CONEP e, por se tratar de uma comunidade indígena, também solicitamos e obtivemos autorização da FUNAI – Fundação Nacional do Índio.

O método que foi utilizado para a marcação das metáforas verbais no discurso transcrito, identificado como de leitura, diz respeito a um método introspectivo concernente à leitura atenta do material obtido, com ênfase nas ocorrências metafóricas. Esse método é conhecido como Procedimento de Identificação de Metáfora (PIM), criado pelo Grupo PRAGGLEJAZ (2009, p. 79) que definiu como passos metodológicos a leitura de o texto/ discurso para estabelecer um entendimento geral do seu significado, a definição das unidades lexicais do texto/discurso e, em seguida, para cada unidade do texto é determinado o significado no contexto, isto é, como ele se refere a uma entidade, relação ou atributo na situação evocada pelo texto (significado contextual).

Nesse procedimento, leva-se em conta o que antecede e o que precede a unidade lexical. Para cada unidade lexical, determinar se há um significado atual mais básico em outros contextos do que no contexto que estão. [...] significados básicos tendem a ser: mais concretos (o que evocam é mais fácil de imaginar, ver, ouvir, sentir, cheirar e sentir o gosto); relacionados ao funcionamento do corpo; mais precisos (em oposição a vagos); historicamente mais antigos. Com base nesses referenciais pretendemos mobilizar os discursos metafóricos dos Pataxós observando os pontos de contato e distância no uso dessa metodologia.

Para identificar metáforas gestuais, fizemos uso do Procedimento de Identificação de Metáforas em Gestos, apresentado por Cienki (2017). Tal método se deu por meio da identificação dos golpes: nesta etapa, identificam-se os movimentos realizados pelos pataxós e, em seguida, foram observadas as orientações das palmas, momento em que foi analisada a orientação das mãos, braço e antebraço, de modo a indicar se estão para cima, para baixo, abertas ou fechadas.

Isto posto, nos debruçamos sobre a direção do movimento, nesta etapa, analisou-se a posição das mãos, braço e antebraço, de modo a indicar se o movimento ocorreu para direita ou para esquerda, para fora ou em direção ao corpo. Acrescenta-se a isso a qualidade de movimento e, nesse percurso, analisa-se o grau de precisão gestual.

Nossa decisão em verticalizar a pesquisa com foco nesse tema deve-se aos aprendizados e interesses que envolveram as ações que realizamos no Projeto Mãe Terra, desenvolvido no quadro do Grupo de Pesquisa “Grupo de Estudos Cognição,

Educação, Imigração e Refúgio” – (GECEIR)⁵. O objeto de estudo do GECEIR são os discursos de minorias, como é o caso das populações indígenas, assim como imigrantes e refugiados. Este estudo, portanto, insere-se em um projeto maior intitulado “Projeto Mãe Terra” que visa compreender de que maneira os processos de natureza corpóreas estariam sendo ativados na construção de metáforas relacionadas à Mãe Terra. Em função desse envolvimento e convergência de interesses, houve o alinhamento do objeto de estudo ao foco desse projeto.

Por intermédio desta pesquisa, buscaremos ampliar os estudos de Metáfora, avançando na discussão acerca das metáforas utilizadas pelos indígenas para se referir ao meio ambiente, pois elas se apresentam como uma importante fronteira do conhecimento a ser explorada. Salienta-se que este trabalho está em consonância com a Agenda 21, aprovada na 55ª reunião da ONU – Organização das Nações Unidas (ONU), cujo objetivo principal é a construção de sociedades sustentáveis, aliando métodos de proteção ambiental, justiça social e eficiência econômica. Ao todo, 179 países assinaram a Agenda 21⁶, comprometendo-se a promover o desenvolvimento sustentável, em escala global.

Como forma de ilustrar o exposto, trazemos o exemplo 1, um trecho da entrevista realizada com Kanu, ao ser questionado acerca de como sentia a destruição da natureza em seu corpo, ele diz

Exemplo 1:

Então é muito machucado demais igual, ao que aconteceu hoje agora, de recente aqui é... de Bicas a barragem. Aquela barragem foi uma destruição que matou o coração de todos (...) atingiu muito o rio. Acabou com o Rio, né? Da onde as pessoas viviam. Hoje não vê mais, porque é o vivo (inaudível), né? Então acabou com o coração deles.

⁵ O grupo está registrado na plataforma de Diretórios de Grupo de Pesquisa do CNPq, sob a liderança da Profa. Dra. Luciane Corrêa Ferreira da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). O contato pode ocorrer por meio do endereço eletrônico refugio.geceir@gmail.com, cujas informações da líder são obtidas no link <http://www.lettras.ufmg.br/profs/luciane/>. Ao acessar o site <http://www.lettras.ufmg.br/geceir/> é possível acessar maiores detalhes acerca dos três projetos em curso, a saber: “Imigração e Refúgio no Brasil: panorama e subsídios para iniciativas de acolhimento a partir de uma perspectiva da Linguística Aplicada” (desde 2019), “Os Discursos sobre Migração e Refúgio e as Políticas de Acolhimento no Brasil e no Mundo” (desde 2017) e “Comparação Interlinguística da Conceitualização de Mãe Terra no Brasil e nos EUA”.

⁶ Acerca da Agenda 21, assinalamos que se trata de um instrumento de planejamento destinado a ser utilizado em prol da sustentabilidade, considerando as condições geográficas e a compatibilização com a proteção do meio ambiente, a justiça social e o desenvolvimento econômico. Para obter maiores informações, indicamos acessar ao site do Ministério do Meio Ambiente por intermédio do seguinte link: <https://antigo.mma.gov.br/perguntasfrequent.html?catid=32>

Kanu refere-se ao rompimento da Barragem da Vale, ocorrido em Brumadinho e São José de Bicas, em 25 de janeiro de 2019. Esse desastre ambiental afetou o Rio Doce, atingindo diretamente os moradores da comunidade indígena estudada, causando-lhes grande sofrimento.

Segundo Krenak (2019), atualmente a população está dividida em duas partes, de um lado estão as pessoas que veem tudo como mercadoria, como algo a ser dividido, vendido, ocupado, desmatado, transformado, e do outro, povos por ele denominados de sub-humanidade, como os indígenas, caiçaras, quilombolas e aborígenes, que se consideram parte da terra, que veem nas montanhas, rios e árvores, seus tios, avós, irmãos. Nas palavras dele, hoje temos, “num extremo, gente que precisa viver de um rio e, no outro, gente que consome rios como um recurso” (KRENAK, 2019, p. 25).

Desse modo, observar as metáforas verbais e gestuais dos Pataxós é um convite à observação de um modo de exposição do mundo diametralmente distinta da que nós “povo-mercadoria”, nas palavras de Krenak, desenvolvemos nossa leitura (predatória) de mundo. Ademais, trata-se de uma oportunidade de conhecer como a associação a uma cultura pode moldar os padrões de mapeamento cognitivo nos processos de pensamento metafórico. Descortinando também como as metáforas corporificadas delineiam o comportamento humano.

Diante do exposto, o mapa desta tese apresenta-se a partir dessa Introdução que será seguida por cinco capítulos e encerra-se com as Considerações Finais. No capítulo um, dedicamo-nos a elaborar uma abordagem teórica acerca da Linguística Cognitiva e das Metáforas Verbais. O capítulo é dividido em 7 seções que abordam, respectivamente: a Linguística Cognitiva, as Metáforas Verbais, considerações a respeito de conceptualização e categorização, a Teoria da Metáfora Conceptual, Esquemas Imagéticos, Metáfora e cultura e os Modelos Cognitivos Idealizados.

O segundo capítulo foi construído de modo a entrelaçar pressupostos teóricos, estudos precursores, cosmovisão, história e cultura indígena. Esse capítulo foi organizado em 4 seções, sendo as três primeiras subdivididas em três seções cada, e a última subdividida em duas. A seção inicial baseia-se na metáfora conceptual MÃE TERRA, seu primeiro tópico discute o modelo cognitivo idealizado do termo Mãe, o segundo tópico desse bloco aborda a cultura, as crenças e valores indígenas e o terceiro e último apresenta resenhas de estudos progressos

relacionados ao mesmo tema. A segunda seção organiza-se em torno de metáforas sobre FOGO, iniciando com uma abordagem teórica, em seguida, discute-se o marco histórico denominado FOGO de 51, por fim, apresentamos as resenhas de 3 artigos que abordam a mesma temática. Na terceira seção, tratamos da metáfora CORAÇÃO COMO CENTRO DAS EMOÇÕES, iniciamos com o embasamento teórico, após isso, tratamos das referências dentro da cosmovisão indígena, por fim, apresentamos alguns estudos pregressos concebidos a partir desta metáfora. Para encerrar, temos a quarta seção, onde tratamos da metáfora conceptual DIFICULDADES SÃO PESOS, nele, trazemos um recorte teórico em que retomamos a metáfora primária BOM É PARA CIMA e RUIM É PARA BAIXO (LAKOFF; JOHNSON, 1980), em seguida, apresentamos um estudo realizado por Gibbs Jr. e Macedo (2010) acerca da metáfora abordada.

O terceiro capítulo é destinado ao estudo das metáforas gestuais, ele foi dividido em 6 seções. Na primeira seção trazemos a definição e a classificação dos gestos. Na segunda seção exploramos os gestos dêiticos, apresentando e analisando um exemplo retirado de nosso corpus. A terceira seção é dedicada aos gestos rítmicos, aprofundamos a abordagem teórica e analisamos um exemplo de gesto, também retirado de nosso corpus. A quarta seção é aos gestos icônicos, iniciamos com uma definição, e evoluímos apresentando argumentação teórica e finalizamos com a apresentação e análise de um exemplo. Na quinta seção exploramos os gestos rítmicos, iniciamos com sua conceitualização, apresentamos a resenha de uma tese acerca da temática e finalizamos com a análise de um gesto rítmico. Para encerrar, a sexta seção é dedicada aos gestos metafóricos, iniciamos apresentando os pressupostos teóricos, na sequência, apresentamos 4 exemplos do gesto metafórico correspondente a BOM É PARA CIMA/RUIM É PARA BAIXO, finalizamos com o conceito do Gesto do Globo com base em Lapaire (2016).

No quarto capítulo apresentamos a metodologia utilizada nesta pesquisa. Na primeira seção detalhamos o tipo de pesquisa de que se trata este estudo, bem como os sujeitos junto aos quais os dados foram coletados são informações. Na segunda seção abordamos o software Elan, versão 5.8, utilizado na transcrição dos dados coletados. A terceira seção destinou-se ao nosso corpus de metáforas verbais, apresentando o PIM - Procedimento de Identificação de Metáforas, também explicamos como ocorreu a seleção e subdivisão das metáforas verbais, e trouxemos um exemplo de aplicação do PIM. Finalizamos com a quarta seção, na

qual apresentamos nosso segundo corpus, as metáforas gestuais, explicando a forma como esses gestos foram demarcados na trilha ‘Gestos Metafóricos’ e posteriormente analisados tendo como base o Procedimento de Identificação de Metáforas em Gestos.

No quinto capítulo realizamos a apresentação e análise dos dados coletados. Iniciamos apresentando as metáforas verbais, sendo assim, a primeira seção destina-se a análise das metáforas emergentes da metáfora conceptual CORAÇÃO COMO CENTRO DAS EMOÇÕES. Em seguida, na segunda seção, analisamos as metáforas provenientes da metáfora conceptual DIFICULDADES SÃO PESOS, em continuidade, a terceira seção apresenta metáforas relacionadas a metáfora conceptual INCÊNDIOS SÃO MONSTROS. A quarta seção destina-se a analisar metáforas advindas da metáfora conceptual MÃE TERRA, a quinta seção ancora-se na apresentação e análise de metáforas relacionadas a metáfora conceptual COMUNIDADE INDÍGENA PROTETORA. A sexta e última seção destina-se a apresentação e análise de metáforas gestuais.

Como encerramento deste estudo, apresentamos as Considerações Finais, em que retomamos a pergunta de pesquisa, bem como os objetivos que guiaram o estudo, verificando se os objetivos foram alcançados e se a pergunta de pesquisa foi respondida. Também reafirmamos as contribuições dessa pesquisa para a comunidade acadêmica e indicamos possibilidades de continuidade da mesma. Esperamos que esta investigação possa contribuir para o desenvolvimento dos estudos da Linguística, em especial, dos estudos relacionados a Teoria da Metáfora Conceptual.

CAPÍTULO 1 – LINGUÍSTICA COGNITIVA E METÁFORAS VERBAIS: ENTRELAÇANDO CONCEITOS

Na Introdução deste trabalho afirmamos que esta é uma pesquisa que se enquadra no campo da Linguística Cognitiva, mas, que ciência é essa? Quais são seus temas de estudo? Ao longo deste capítulo, trataremos de responder a estas e outras perguntas que julgamos extremamente importantes para dar base às análises dos dados coletados.

Na primeira seção falaremos sobre a Linguística Cognitiva, abordando seu surgimento e as teorias precursoras, como o Conceitualismo, elaborado pelo também filósofo e teórico John Locke. Discorreremos, ainda, acerca das temáticas de interesse da Linguística Cognitiva (SILVA,1997) e seus compromissos (LAKOFF,1990). Em seguida abordaremos o Realismo Experiencial de Lakoff e Johnson (1980), e a partir dele apresentaremos 3 argumentos elaborados, também pelos mesmos autores (1999), acerca da cognição e corporeidade. Apresentaremos, na sequência, os preceitos de Gibbs (2006) sobre a corporeidade e para finalizar, discorreremos acerca dos dois compromissos que devem ser assumidos pela LC: o compromisso de generalização e o compromisso cognitivo.

Na segunda seção, abordaremos as Metáforas Verbais, iniciaremos com o primeiro conceito em que Aristóteles considera a metáfora como um recurso poético (VEREZA, 2022) e, em seguida, apresentaremos conceitos mais atuais, baseados em Lakoff (2003), Ferreira (2007, p. 18), Semino (2008), Lakoff e Johnson (1980), e outros. Para finalizar, discutiremos alguns exemplos da metáfora conceptual DISCUSSÃO É GUERRA, conceito elaborado pelos autores Lakoff e Johnson (1980), e as metáforas conceptuais que os motivaram, apresentando uma série de expressões metafóricas a ela subjacentes bem como algumas considerações.

Na terceira seção apresentaremos considerações a respeito de Conceptualização e Categorização, esses dois conceitos, de Lakoff e Johnson (1983), que permeiam nosso trabalho, portanto, consideramos importante abrir uma sessão apenas para apresentar o significado de cada um deles.

Na quarta seção exploraremos a Teoria da Metáfora Conceptual, elaborada por Lakoff e Johnson em 1980. Apresentaremos o exemplo O AMOR É UMA VIAGEM que inaugura essa teoria. Logo em seguida, discorreremos acerca das três classificações das metáforas conceptuais, elaboradas por Lakoff e Johnson (1980).

Concluimos falando brevemente acerca da Teoria das Metáforas Primárias, elaborada pelo teórico Grady, em 1997.

Na seção 5, nos dedicaremos aos Esquemas Imagéticos. Primeiro trataremos do conceito, em seguida apresentaremos alguns desses esquemas, classificados por Lakoff (1987), a saber: PARTE/TUDO, CONTÊINER, LIGAÇÃO, ORIGEM/CAMINHO/META, CENTRO/PERIFERIA, e ESCALA, trazendo conceitos e exemplos acerca de cada um deles. Optamos por criar um tópico apenas para discutir os Esquemas Imagéticos, pois eles integram os estudos da metáfora e nos ajudam a compreendê-las.

A inter-relação entre os conceitos de Metáfora e Cultura é tema da seção 6, a qual iniciamos com as metáforas BOM É PARA CIMA e RUIM É PARA BAIXO, como mote para apresentar explicações e relações acerca destes conceitos. Em seguida, utilizamos o conceito de cultura, proposto por Kövecses (2005); modelos culturais, de Gibbs (1999). Para finalizar, apresentaremos os três tipos de variação intercultural que podem afetar a produção de metáforas, elaborados por Kövecses (2010), a saber: a extensão possível dos domínios de uma metáfora, as elaborações específicas que cada cultura utiliza para expressar uma metáfora e a relação intercultural entre a metáfora e a metonímia, discorrendo acerca de cada um deles.

Dedicamos a sétima seção à abordagem dos Modelos Cognitivos Idealizados, proposto por Lakoff (1987). Primeiramente apresentamos o conceito do tema e, em seguida, expomos os cinco tipos de modelos: os esquemas de imagem, proposicionais, metonímico, metafórico e simbólico, abordando e discorrendo sobre cada um deles.

Cada um dos temas abordados ao longo desses sete tópicos está diretamente ligado aos dados obtidos ao longo das coletas realizadas na Comunidade Indígena Pataxó Imbiruçu. Os tópicos elencados abordam temas como Metáfora Conceptual, Metáforas Gestuais, Modelos Cognitivos Idealizados, Metáfora e Cultura, entre outros, e, portanto, são extremamente relevantes para realizarmos as análises às quais nos propomos.

1.1 A Linguística Cognitiva

A Linguística Cognitiva surge entre o final da década de 1970 e início da década de 1980, motivada, sobretudo, pelo interesse em investigar o fenômeno da significação, evidenciado pelas Teorias Gerativistas - posteriormente rejeitadas pela Linguística Cognitiva - e, também, pelas investigações psicolinguísticas de Rosch (1978) e Rosch e Mervis (1975) acerca do papel dos protótipos no processo de categorização. Contudo, sua institucionalização se dá somente na década de 1990, com a criação da *International Cognitive Linguistics Association*, da revista *Cognitive Linguistics* (dirigida por Dirk Geeraerts) e da coleção *Cognitive Linguistics Research* (editada por René Dirven e Ronald Langacker e publicada por Mouton de Gruyter).

A Linguística Cognitiva baseia-se nas teorias cognitivistas e, de acordo com Rosch (1999), essas teorias possuem os conceitos como seus elementos fundamentais, isso porque um dos aspectos dos estudos sobre categorização são os conceitos. A Categorização, implica em lidar com diferentes objetos e eventos como se fossem entidades semelhantes. Sendo assim, desde “os utensílios domésticos, emoções, gêneros, os objetos e eventos, apesar de únicos, são tratados como membros de alguma classe” (ROSCH,1999, p. 88). Para o cognitivismo, a mente é como um programa de computador que funciona como uma série de cálculos, feitas com base em representações simbólicas. “A mente é vista como um conjunto de representações mentais exatamente análogas às representações simbólicas de um computador” (ROSCH,1999, p. 83).

De acordo com Rosch (1996), a primeira abordagem é a visão clássica, chamada de realismo grego, nascida da filosofia ocidental, teve início por meio dos questionamentos dos gregos quando estes começaram a se perguntar se as experiências particulares adquiridas através dos sentidos eram confiáveis para construção de bases do conhecimento. Ao perceberem que os sentidos não eram uma base confiável, os gregos compreenderam que somente as categorias estáveis, abstratas, lógicas e universais poderiam atuar como objetos de conhecimento e de referência para os significados das palavras.

Buscando oferecer uma base mais apropriada para o conhecimento, Platão compreendeu que deveria utilizar as entidades metafísicas que fundamentam a experiência e que são aprendidas através da memória. Aristóteles também teceu teorias a respeito do assunto, para ele, “cada objeto deveria ser classificado em

categorias que compartilhassem as mesmas propriedades, e essas categorias deveriam ser subdivididas em gêneros e espécies de acordo com as propriedades que as diferenciavam” (ROSCH, 2012, p. 85). O sistema de Aristóteles deu origem aos dicionários, por exemplo.

Essas teorias precursoras contribuíram para fundamentar a Linguística Cognitiva como campo de estudos, trazendo referências, apontando caminhos e delineando objetos de estudos. Segundo Silva (1997), atualmente, a Linguística Cognitiva interessa-se, especialmente, pelos seguintes temas

[...] as características estruturais da categorização linguística (tais como prototipicidade, polissemia, modelos cognitivos, metáfora e imagens mentais), os princípios funcionais da organização linguística (iconicidade e naturalidade), a interface conceptual entre sintaxe e semântica, a base pragmática é ligada à experiência da linguagem no uso e a relação entre linguagem e pensamento (incluindo questões sobre o relativismo e sobre os universais conceptuais). (SILVA, 1997, p. 1)

Como é possível perceber, a Linguística Cognitiva se interessa por temas como a categorização, a prototipicidade, modelos cognitivos e metáforas, assuntos abordados nesta tese e também por outros pesquisadores, como imagens mentais, iconicidade, linguagem em uso e relações entre linguagem e pensamento.

Para os estudos destas temáticas, a Linguística Cognitiva aplica os princípios da Psicologia Cognitiva, mais especificamente da Gestalt e, sendo assim, a Linguística Cognitiva postula que os processos cognitivos que sustentam a percepção são os mesmos que fundamentam a linguagem (SMITH, 1988). Os teóricos Croft e Cruse (2004) resumem em três os princípios da Linguística Cognitiva: a linguagem não é uma faculdade cognitiva autônoma, gramática é conceituação e o conhecimento linguístico emerge do uso da língua. Assim, a linguagem é vista como uma habilidade conectada à nossa cognição geral, sendo ela dependente de processos cognitivos gerais como atenção, categorização, percepção e memória. Vale salientar que na construção do significado estão envolvidos diferentes mecanismos cognitivos.

Segundo Lakoff (1987, p. 11), a Linguística Cognitiva se preocupa em procurar respostas mais pormenorizadas para algumas questões como: o que é o pensamento? Como nós criamos sentidos para a nossa experiência? O que é um sistema conceptual e como ele é organizado? Todas as pessoas usam o mesmo sistema conceptual? Para Lakoff e Johnson (1980) é impossível conceber o funcionamento da mente humana e a produção de conhecimentos sem fazer uma

associação ao aspecto corpóreo; ou seja, ao meio no qual o indivíduo está inserido, ao seu contexto sociocultural e ambiental, desconsiderando certos elementos de ordem físico-motoras.

Gibbs (2006) defende em sua obra a premissa de que as experiências corpóreas estão intrinsecamente ligadas às reações mentais, logo, o plano cognitivo não está separado do corpo e das experiências fenomenológicas, uma vez que estão entrelaçados. Em sua pesquisa, o autor retratou as diversas abordagens da cognição corpórea e as defendeu como central para a vida mental, o que não necessariamente significa que, conforme afirma Costa Filho (2011, p. 02), “todas as pesquisas que buscam as bases corpóreas da percepção, cognição ou linguagem vão achar correlações entre a mente e o corpo”, isto é, a mente não pode ser compreendida como totalmente corpórea, mas não é possível negar que o corpo atua intrinsecamente no desenvolvimento da compreensão da mente humana.

Dessa forma, para Gibbs (2006), a cognição humana é corpórea e norteadada pelo Paradigma Experiencialista, também conhecido como Realismo Experiencial. Por meio do Realismo Experiencial, como o próprio nome já diz, expõe-se uma visão de mundo relacionada aos nossos organismos e às nossas experiências. De acordo com Lakoff (1987), dentro dessa abordagem, a noção de experiência é ampliada, pois passa a compreender toda a experiência humana bem como tudo o que é significativo dentro dela: nossos corpos, nossas habilidades, nossa cultura, a sociedade em que estamos inseridos etc.

A partir das premissas acima estabelecidas, Lakoff e Johnson, apresentam três argumentos

(1°) A mente é corporificada – isso significa que todo pensamento possui como fonte a experiência corpórea do ser humano. Dito de outro modo, a natureza da mente humana é estruturada por meio de traços da própria corporeidade humana. O pensamento é moldado pelas singularidades de nosso corpo, pela estrutura neural de nossas mentes e pelos acontecimentos do mundo que nos rodeia.

(2°) O pensamento é majoritariamente inconsciente – para os autores, nosso sentido do que é real depende da nossa corporeidade, já que é por meio dela que podemos fazer ações como tocar, movimentar e sentir. Além do nosso corpo, a nossa mente, ao passar pelo processo de evolução e pautada na experiência, também nos auxilia nesse processo.

(3°) Os conceitos abstratos são, em grande parte, metafóricos – por meio desse argumento, os autores defendem que o pensamento é largamente metafórico e imaginativo. Dessa maneira, muitos de nossos conceitos, alguns deles utilizados diariamente, como TEMPO e AMOR, são metafóricos. O TEMPO pode ser conceptualizado como MOVIMENTO (ex.: Daqui a pouco o final do ano chega) e o AMOR como VIAGEM (ex.: Nosso amor chegou ao fim da estrada).

(LAKOFF & JOHNSON, 1999, p.318).

Nessa mesma perspectiva, Lakoff (1987) pontua que os aspectos imaginativos do pensamento; tais como a metáfora, a metonímia e as imagens mentais; ocupam um espaço central na visão experientialista. Essa Capacidade de imaginar, leva o pensamento para outro nível, um nível além do físico, em que o pensamento abstrato ganha sentido. Nas próprias palavras de Lakoff (1987) “aqueles conceitos que não se baseiam diretamente na experiência empregam metáforas, metonímias e imagens mentais, mecanismos que vão além da representação da realidade externa” (p. 14). Dessa maneira, podemos entender que a capacidade imaginativa também é corporificada, já que as metáforas, metonímias e imagens mentais são baseadas em nossa experiência corpórea. Para Johnson (1987), as redes de estruturas esquemáticas que emergem de nossa experiência corpórea é o que possibilita a formulação de expressões conceptuais.

Em relação a elaboração de pesquisas mais aprofundadas acerca da teoria da natureza corpórea, Gibbs (2006) defende que a interdisciplinaridade é fundamental. Para o autor, dará à pesquisa um caráter mais científico fazendo com que transcendam do estereotipado viés hipotético e dedutivo para o estudo científico acerca do senso cognitivo humano. Para tanto, seria necessário utilizar dados baseados em imagens cerebrais, aliados a outras linhas de estudo. O pesquisador afirma compreender que seja comum a existência de uma inclinação para os meios de pesquisa mais naturais, baseados em relatórios fenomenológicos, comportamentais e neuroimagens, que também são meios confiáveis de se obter informações sobre o senso cognitivo humano. Contudo, Gibbs (2006) *apud* Costa Filho (2011, p. 03), argumenta que são vários os modelos de processamento conexionistas que oferecem uma visão integrada da mente. Pesquisas interdisciplinares, utilizando dados de psicologia e linguística, ou medicina e linguística, utilizando recursos como tomografias, por exemplo, comprovariam que o cérebro não atua de forma isolada, sendo influenciado por questões corpóreas.

Ao ponderar acerca das pesquisas de Gibbs (2006), Costa Filho (2011) conclui que em todas as suas obras Gibbs apresentava o maior número possível de trabalhos que pudessem dar a ele uma visão mais ampla das pesquisas realizadas pelas ciências cognitivas. Por meio da compilação desses trabalhos, Costa Filho (2011), afirma que Gibbs compreendeu que há uma relação entre o cérebro e o corpo. Sendo assim, para que consigamos um conhecimento aprofundado acerca

das experiências corpóreas é necessário entender a continuidade entre ação, percepção, organismo e o ambiente em que se encontra inserido. A influência destes no contexto de formação do desempenho cognitivo dos seres humanos é indiscutível.

De acordo com Lakoff (1990), a Linguística Cognitiva deve descrever os acontecimentos genéricos que permeiam a linguagem e, ao mesmo tempo, deve se ater às descobertas empíricas sobre a natureza da mente e do cérebro. O autor afirma que a Linguística Cognitiva possui dois compromissos primários: o compromisso de generalização e o compromisso cognitivo (LAKOFF, 1990, p. 212).

Para Lakoff (1990), o compromisso de generalização implica em buscar as características gerais que norteiam os aspectos da linguagem humana, isso dá à Linguística Cognitiva um caráter científico. Esse compromisso não pode ser realizado como um todo por uma só linha de estudo, ele requer caracterização fenomenológicas por subáreas. Dentro dos tipos de generalização necessários temos a Sintaxe – que estuda a generalização que sobre a distribuição de morfemas gramaticais, categorias e construções; a Semântica – debruça-se sobre as generalizações envolvendo polissemia, campos semânticos, estruturas de conhecimento, entre outras e a Pragmática que se ocupa das generalizações acerca dos atos de falas, discursos, dêixis e o uso na linguagem dentro de determinado contexto, havendo ainda a Morfologia, a Fonologia e outras áreas do conhecimento. No entanto, lembrando que se trata de uma ciência empírica, é importante salientar que as subáreas não são distintas, sendo assim, as generalizações feitas por uma área, dependem das considerações realizadas em outra.

Acerca do compromisso cognitivo, Lakoff (1990) salienta que este possui a função de tornar as explicações sobre a linguagem humana consistentes, para tanto, deve se valer das descobertas a respeito da mente e do cérebro feitas também em outras áreas de estudo, levando em consideração todos os dados empíricos. O autor ressalta que o ideal é que esses dois compromissos convirjam e, nesse caso, os princípios gerais tornam-se cognitivamente reais. No entanto, caso não haja convergência entre os compromissos, deverá ser priorizado o princípio cognitivo que nos obriga a atentarmos para as pesquisas em psicologia cognitiva, motivadoras da Teoria da Metáfora Conceptual. As evidências desses dois compromissos não implica na inexistência de outros, no entanto, a partir da seleção desses, todos os demais, como compromissos filosóficos, compromissos com a descrição linguística,

com os pressupostos acerca da natureza do pensamento e da linguagem e outros, tornam-se secundários.

O compromisso cognitivo exige que levemos as pesquisas em psicologia cognitiva a sério e, conseqüentemente, motiva uma teoria da metáfora conceptual. Pesquisas recentes desenvolvidas por Ray Gibbs e seus colaboradores, na Universidade da Califórnia, em Santa Cruz (EUA), agregaram evidências, por meio de experimentos psicolinguísticos que corroboram a existência da metáfora conceptual e das imagens mentais convencionais.

O Realismo Experiencial propõe então uma maneira de conceptualização que interliga a construção do significado vinculado à natureza e às experiências dos indivíduos, enxergando a estrutura cognitiva como uma forma de organização hierárquica de conceitos e conhecimentos a partir de experiências vividas com base nos cinco sentidos: visão, audição, olfato, tato e paladar, ou seja, acessos ao mundo e às pessoas que nos cercam (GARCIA, 2019). Essa visão também permeia esse trabalho, já que aqui analisamos metáforas verbais e gestuais relacionadas à proteção e destruição ambiental, conforme demonstrado no capítulo 5. Entendemos que os membros da comunidade indígena Pataxó Imbiruçu, assim como todas as outras pessoas, constroem essas metáforas a partir de suas experiências corpóreas, permeadas por sua cultura, sua cosmovisão e sua organização social. E, na busca por discutir essas construções metafóricas, no tópico abaixo apresentaremos uma discussão acerca da concepção e enquadramentos teóricos da metáfora verbal.

Ao longo desta seção compreendemos os principais pontos relacionados à Linguística Cognitiva. Discorreremos acerca das teorias que a precederam, seu nascimento, suas temáticas de interesse, suas preocupações e seus compromissos. Na próxima seção falaremos sobre as Metáforas Verbais que fazem parte do rol de temáticas de interesse da Linguística Cognitiva e, por ser nosso objeto de estudo, serão retratadas a seguir.

1.2 O que são as metáforas conceptuais?

O conceito de metáfora foi definido por Aristóteles em sua obra intitulada Poética (384 a.C.) como “a transposição do nome de uma coisa para outra”. O conceito fora por ele desmembrado em três tipos de transposição – a transposição do gênero para espécie, da espécie para o gênero e de uma espécie para outra através da analogia. A transposição através de recursos analíticos é a única que

atualmente é possível compreender como o significado de metáfora baseado nos estudos e contexto que nos encontramos inseridos (VEREZA, 2022). Sob a ótica tradicional do significado de metáfora, sua categorização se dá por meio de um viés poético, cujo resultado deve simplificar uma ideia de cunho complexo. Outra função da metáfora é a possibilidade de ela ser “substituída por uma expressão literal, sem que houvesse mudança de sentido” (VEREZA, 2022, p. 339).

Com o passar do tempo a definição de metáfora foi se alterando e novas pesquisas foram surgindo, dessa forma, para Ferreira (2007, p. 18) a metáfora é compreendida como "um fenômeno da linguagem cotidiana" e sua compreensão é um assunto que, embora pouco explorado, examina o entendimento "de expressões metafóricas", primeiro sem a presença do contexto e, depois, utilizando um pequeno contexto". De acordo com Lakoff (2003), os valores mais essenciais em uma cultura são coerentes com a estrutura metafórica dos conceitos mais fundamentais, sendo que as metáforas conceituais são fundamentadas na experiência cotidiana.

A definição realizada por Jensen (2020) estabelece a metáfora como um comparativo entre dois elementos que, de outra forma, não se relacionariam em uma mesma sentença. A prática de utilizar a metáfora atribui valor criativo e possibilita uma maior clareza à escrita e à fala do dia a dia, o que ainda nos possibilita enxergar as coisas de diferentes ângulos e sob uma nova perspectiva. Jensen (2020) ainda defende que podemos definir a metáfora como a transferência figurativa das qualidades de um elemento para o outro. ESTOU ME AFOGANDO EM TRABALHO, exemplo trazido pelo autor, tem como objetivo provocar o senso de urgência e desamparo de uma situação de afogamento e criar vínculo ao trabalho que precisa ser realizado.

O teórico Goatly (1997, p. 124, tradução nossa) define a metáfora como um “evento que ocorre em um determinado momento e que essa ocorrência depende do uso e da interpretação da linguagem por parte do falante e do ouvinte”. E para Halliday (1994, p. 118), conceptualização da metáfora pode ser definida como a abstração compartilhada entre componentes de uma cultura ou grupo linguístico juntamente às imagens e que, muito provavelmente, estão associadas às emoções que produziram no momento da percepção. Já para MacCormack (1990), a principal função da metáfora é expressar emoções. Na verdade, o autor sugere que a força da metáfora reside nas emoções que são provocadas, como a admiração e perplexidade, e o efeito emocional particular da metáfora, sua força elocutória,

variará entre indivíduos conforme a história, vivência e valores atribuídos de cada um.

Richards (1936) e Black (1962) que defenderam as pesquisas da Teoria Interacional da Metáfora argumentavam que a função da metáfora não poderia ser definida como um desvio ou um ornamento, uma vez que não era possível fazer sua substituição de forma fidedigna para preservar o sentido literal daquilo que realmente quis ser dito pelo locutor da mensagem. A mudança decorrida no papel cognitivo da metáfora deu-se aos estudos de Lakoff e Johnson através da obra *Methaphors we live by* publicada no ano de 1980 e que trouxe a Teoria da Metáfora Conceptual (TMC) e efetivou a área de pesquisa da metáfora por uma perspectiva cognitiva e cognitiva-discursiva (VEREZA, 2022).

De acordo com a Teoria da Metáfora Conceptual – TMC – que será discutida mais detalhadamente ao longo desse texto, as metáforas possuem natureza conceitual e são fundamentadas na experiência humana. O pensamento abstrato é majoritariamente abstrato e o pensamento metafórico é inevitável. Para Semino (2008), a metáfora é o fenômeno pelo qual falamos e pensamos sobre algo em termos de outra coisa. Lakoff e Johnson (1980) argumentam que as metáforas não são apenas uma maneira de falar sobre uma coisa em termos de outra, mas sobretudo uma maneira de pensar sobre uma coisa em termos de outra, para eles, as metáforas são tão importantes para o sistema conceptual humano quanto os 5 sentidos. Os autores afirmam que as metáforas conceptuais são resultado de mapeamentos sistemáticos e parciais entre dois domínios conceptuais: o domínio fonte, que possui caráter experiencial e o domínio alvo, que possui um caráter mais abstrato. Lakoff e Johnson (1980) postulam ainda que o mapeamento entre o domínio fonte e o domínio alvo acontece parcialmente, dessa maneira, quando o domínio fonte incide sobre o domínio alvo apenas alguns aspectos do domínio fonte são aplicados ao domínio alvo. Os autores identificaram uma série de expressões em que uma discussão é vista em termos de guerra, tais como:

Suas reivindicações são **indefensáveis**.

Ele **atacou todos os pontos fracos** do meu argumento.

Suas críticas **acertaram no alvo**.

Eu **demoli** seu argumento.

Nunca **ganhei** uma discussão com ele.

Ele **derrubou** todos os meus argumentos.

Se você usar essa estratégia, ele **acabará com você**.

Você discorda? Ok, **atire!** (LAKOFF; JOHNSON, 1980b, p. 4; itálico no original)

Na visão dos autores, expressões como as listadas acima refletem padrões convencionais do pensamento, conhecidos como metáforas conceituais e estas são conjuntos sistemáticos de mapeamentos entre domínios conceituais em que um domínio-alvo é parcialmente estruturado em termos de um domínio-fonte. Lakoff e Turner (1989) explicam que os domínios são representações mentais, são partes do nosso conhecimento prévio ou fenômenos particulares e podem incluir elementos, relações e padrões de interferência.

No exemplo acima, percebemos que ao nos referirmos à discussão em termos de guerra, estamos realizando correspondências entre participantes em discussões e oponentes ou inimigos, estratégias em argumentos de ataque ou defesa, os resultados dos argumentos e vitória ou derrota, e assim por diante. Ao longo desse texto apresentamos outros exemplos que seguem a mesma lógica construtiva, tais como O AMOR É UMA VIAGEM e TEMPO É DINHEIRO.

Nesta seção tecemos considerações acerca da Metáfora Verbal, apresentando tanto os conceitos mais incipientes, como o elaborado por Aristóteles, até os mais recentes como os de Lakoff (2003), Ferreira (2007, p. 18), Semino (2008), Lakoff e Johnson (1980), e outros. Como a metáfora é nosso tema de estudos, os conceitos aqui apresentados serão retomados ao longo do texto, sobretudo no capítulo de discussão e análise dos dados. Agora, trataremos de dois conceitos repetidamente utilizados até o momento e que continuarão sendo utilizados: Conceitualização e Categorização, a seção abaixo foi construído na tentativa de explorar mais detidamente esses conceitos.

1.3 **Conceptualização e categorização**

Uma das funções chave da linguagem é a conceptualização e ela é realizada por meio de operações mentais de interpretação. De acordo com Evans (2007, p.40) a conceptualização é “a maneira como o usuário de uma língua escolhe categorizar ou representar um conceito através da linguagem, essa escolha tem consequência para a representação conceitual que o enunciado provoca na mente do ouvinte”. Sendo assim, um mesmo conceito pode ser metaforicamente expressado de maneiras diferentes, dependendo da cultura, das experiências sociais e corporificadas de cada falante. Maneiras diferentes de expressar uma situação, refletem maneiras diferentes de conceptualizar essa situação (LEE, 2001.p. 2).

Mecanismos cognitivos como atenção, perspectiva, conhecimento prévio, e outros, estão envolvidos nas operações mentais responsáveis pelo processo de conceptualização (CROFT; CRUSE, 2004, p. 3). Todas essas habilidades contribuem para a construção do significado de maneiras diferentes, por isso, mesmo não sendo capazes de processar toda a informação que nos rodeia, conseguimos selecionar as informações mais relevantes em cada contexto (BARCELONA *et al.*, 2012). Ao mesmo tempo em que consideramos as informações relevantes, somos capazes de perceber as informações periféricas (CROFT; CRUSE, 2004), assim, quando ouvimos expressões metafóricas como “na ponta da língua”, sabemos que se trata do músculo presente na boca, mas não deixamos de dar atenção aos outros elementos como a voz, a boca, a fala, e outros que compõem o significado dessa expressão.

Outro mecanismo cognitivo muito importante é o julgamento, ou seja, nossa capacidade de diferenciar as coisas. Essa capacidade nos ajuda a selecionar e depois organizar elementos e aspectos de uma situação em relação a outras. Essa perspectiva faz com que, ao ouvirmos uma expressão tal como “Na reunião do trabalho, Marcos ficou em cima de Tamires”, saibamos que não se trata de uma expressão literal visto que o ambiente de trabalho não permite que um funcionário se deite em cima de outro (TALMY, 2000).

Uma das habilidades cognitivas mais básicas é a categorização, isso porque ela tem um papel muito importante na organização dos conceitos e dos itens lexicais a eles associados (CROFT; CRUSE, 2004.p.74). Para Evans e Green (2006), a categorização é a nossa habilidade de agrupar as entidades conforme suas semelhanças. A teoria mais moderna, em relação a categorização, é a de Rosch (1973 e 1978), baseado na Lei de Semelhança da Gestalt e afirma que o processo de categorização envolve comparações contínuas entre diferentes membros da categoria e um ideal.

Sendo assim, essa teoria afirma que as categorias estão organizadas em torno de um protótipo, e que este é criado pelo conceitualizador e demonstra o padrão de representação de uma categoria (ROSCH; MERVIS, 1975). Em torno do protótipo central, os membros de uma categoria são sucessivamente posicionados, quanto maior a quantidade de características que eles tiverem em comum com o protótipo, mais central é a posição que ocupam. Seguindo essa mesma lógica, os membros que ocupam posições mais periféricas são aqueles que compartilham

menor número de características com o protótipo. Por exemplo, para a categoria “pássaro”, uma pesquisa realizada no Reino Unido mostra que águia ou corvo seriam considerados exemplos centrais, prototípicos, enquanto pinguim e avestruz seriam considerados exemplos mais periféricos, menos prototípicos (CARRIÓN, 2018).

Dentro da visão tradicional, há uma distinção entre o significado enciclopédico da palavra, sentido denotativo, e as informações adicionais que a essa palavra podem ser acrescidos, geralmente advindos de aspectos culturais, o sentido conotativo. De acordo com Katz (1972) e Lehrer (1974) o significado lexical pode ser desmembrado em características semânticas, por exemplo, “Rapaz = + masculino e – adulto. No entanto, para a Linguística Cognitiva, qualquer conhecimento que associamos a um item lexical, faz parte do significado deste, sendo assim, uma diferenciação categórica entre significado semântico e pragmático não pode ser feita.

Optamos por fazer a apresentação e diferenciação do conceito de Categorização e Conceptualização porque eles são de extrema relevância para essa pesquisa que tratará das metáforas e, portanto, da Teoria da Metáfora Conceptual. Para entender essa teoria é necessário compreender o que é o processo de conceptualização, feito isso, apresentamos na seção seguinte a Teoria da Metáfora Conceptual.

1.4 A Teoria da Metáfora Conceptual

A Teoria da Metáfora Conceptual, de Lakoff e Johnson (1980), baseia-se na compreensão de que grande parte das expressões metafóricas tem como motivação cognitiva metáforas conceptuais que as licenciam na materialidade linguística: quanto maior for o número de expressões licenciadas por uma metáfora conceptual, maior é a possibilidade de se reconhecer a metáfora conceptual que a ela subjaz, dando-lhes coerência semântica.

Em relação à diferença entre *expressão metafórica* e *metáfora conceptual*, pode-se dizer que, a primeira é definida como uma expressão linguística que transmite uma metáfora conceptual e, a segunda, como o pensamento metafórico. Assim, de acordo com a Teoria da Metáfora Conceptual, a metáfora é formada por imagens mentais. Essas imagens permitem o mapeamento de domínios diferentes,

que podem ser elaborados, linguisticamente, de maneiras distintas, como é o caso do exemplo a seguir

[...] O AMOR É UMA VIAGEM [...] é um exemplo de metáfora conceptual (e não de expressão metafórica), que faz uma projeção entre um Domínio de Origem (VIAGEM) e um Domínio-Alvo (AMOR), e que pode ter diversas realizações linguísticas, tais como “Estamos numa encruzilhada”, “Olha onde chegou a nossa relação” ou “Estamos a ir muito depressa”. São, portanto, diferentes expressões linguísticas que veiculam uma única metáfora conceptual. A metáfora O AMOR É UMA VIAGEM não se caracteriza por uma palavra ou expressão particular, mas antes por uma projeção ontológica onde se cruzam domínios conceptuais. Neste caso, pretende explicar-se a noção abstrata AMOR, estabelecendo correspondências com a nossa experiência concreta de uma VIAGEM. Far-se-á, então, uma projeção metafórica entre ambos os domínios, colocando em destaque o fato de, por exemplo, os amantes corresponderem a viajantes, os seus objetivos serem o destino de uma viagem ou de os obstáculos consistirem em encruzilhadas (FERRÃO, 2008, p. 06).

De acordo com Lakoff (1990) na língua inglesa há uma série de expressões em que o amor é conceptualizado em termos de viagem, algumas são explicitamente sobre amor e outras podem ser entendidas como tal, sendo que a metáfora “O AMOR É UMA VIAGEM” é um dos exemplos mais conhecidos e discutidos na obra de Lakoff e Johnson (2002). O esquema a seguir demonstra possíveis mapeamentos mentais, de um domínio para outro, no que se refere a esta metáfora conceptual

Quadro 1 - Mapeamentos mentais da metáfora conceptual O AMOR É UMA VIAGEM

Domínio-Fonte: VIAGEM	Domínio-Alvo: AMOR
Os viajantes	→ Os amantes
O veículo	→ O relacionamento amoroso
A viagem	→ Os eventos no relacionamento
A distância percorrida	→ O progresso feito
Os obstáculos encontrados	→ As dificuldades vivenciadas
As decisões sobre um caminho a seguir	→ As escolhas sobre o que fazer
O destino da viagem	→ O(s) objetivo(s) do relacionamento
O fim da viagem	→ O fim do relacionamento

Fonte: Lakoff e Johnson (2002)

Segundo o autor, o amor é conceptualizado como uma viagem em que

O casal é uma dupla de passageiros que viajam juntos, com os mesmos objetivos de vida, os quais são vistos como destinos a serem alcançados. O relacionamento em si é o veículo do casal, o que permite que busquem juntos as mesmas metas. O relacionamento cumpre o seu propósito quando o casal consegue progredir em relação aos seus objetivos comuns. A viagem não é fácil. Existem obstáculos. Em alguns lugares (encruzilhadas), devem se tomar decisões sobre qual direção seguir e se devem prosseguir a viagem juntos ou não. A viagem pode ser feita de diversas maneiras: de carro (estrada longa e tortuosa, patinar), de trem (fora dos trilhos), de barco (enclachado, naufragar), de avião (decolar, ejetar). (LAKOFF; JOHNSON, 2002, p. 21)

Segundo o mesmo autor, ao mapearmos a metáfora O AMOR É UMA VIAGEM, também encontramos correspondências epistêmicas. Para comprovar essa afirmação, o autor fornece diz que “dois viajantes estão indo para algum lugar em um veículo, quando batem em algum obstáculo e param. Se os viajantes não fizerem nada, não chegarão ao seu destino.” (LAKOFF, 1990, p. 17).

Diante disso, as decisões a serem tomadas são limitadas: os viajantes podem consertar o carro, fazer com que ele volte a andar e passar pelo obstáculo; os viajantes podem desistir do destino e ficarem parados no carro ou os viajantes podem abandonar o veículo. Embora permanecer no veículo seja a opção que exige menos esforço, ela impede que o objetivo de prosseguir a viagem seja alcançado.

Para o autor, as correlações ontológicas mapeiam esse cenário de viagem para um cenário correspondente ao amor, encontrando alternativas em forma de ações. Partindo do mapeamento ontológico temos o seguinte contexto

Duas pessoas estão apaixonadas e aspiram por objetivos comuns em um relacionamento amoroso. Elas encontram algumas dificuldades no relacionamento e, se nada for feito, tais dificuldades irão impedi-las de continuar perseguindo os seus objetivos.” (LAKOFF, 1990, p.17).

Diante disso, o casal pode tomar algumas decisões: tentar fazer algo que mude a situação e permita que retornem aos objetivos comuns, deixar a situação como está e desistir de perseguir os mesmos objetivos ou abandonar o relacionamento. Embora abandonar o relacionamento seja a atitude que requer menor esforço, ela não permite que os objetivos sejam alcançados.

Dessa maneira, entendemos que o que faz com que a metáfora O AMOR É UMA VIAGEM seja de fato uma metáfora não é uma palavra específica, nem a soma das palavras ou mesmo a expressão em si, o que faz com que a expressão seja metafórica são os mapeamentos entre os domínios conceptuais, entre o domínio-fonte, que é a viagem, e o domínio-alvo, que é o amor. Essa operacionalização não trata apenas de linguagem, mas de raciocínio e pensamento,

isso porque a linguagem é um reflexo dos mapeamentos. Dessa forma, percebemos que a metáfora não é apenas uma figura de linguagem, ela é uma maneira de pensar, definida por um mapeamento sistemático entre um domínio-fonte e um domínio-alvo.

Lakoff e Johnson (2002) defendem que as metáforas conceptuais, como O AMOR É UMA VIAGEM, devem ser escritas com letras maiúsculas, enquanto que as expressões metafóricas como “Estamos numa encruzilhada” e “Olha onde chegou a nossa relação” devem ser escritas com letras minúsculas por representarem um produto da metáfora conceptual. Essa concepção, adotada por vários autores, também será seguida neste estudo.

Em O AMOR É UMA VIAGEM o linguista inicia seu trabalho na Teoria da Metáfora Conceptual (TMC) e explica a partir de qual ponto começou sua compreensão da natureza cognitiva que abrange o recurso da metáfora. Lakoff fincou a ideia de que a aplicação de expressões linguísticas semanticamente vinculadas ao domínio abstrato, dessa forma, surge a metáfora superordenada definida como a Teoria da Metáfora Conceptual.

A TMC apesar de oferecer conceituações revolucionárias acerca dos estudos de metáfora, também gerou diversas repercussões em diversos campos de estudo da área de linguagens. Tal qual a metáfora sistemática, a metáfora conceptual é implícita, mas se evoca pelas expressões interligadas, assim afirma Vereza (2013). Existe um consenso na perspectiva da Teoria da Metáfora Conceptual que afirma que “expressões metafóricas encontradas na linguagem, tanto as mais convencionalizadas quanto as mais criativas, seriam instanciações de metáforas conceptuais subjacentes” (VEREZA, 2013, p. 111). Contudo, diversas pesquisas do ramo da psicolinguística não identificaram essa instanciação na linguagem ou ligação com “a ativação mental da metáfora conceptual subjacente às expressões metafóricas” (VEREZA, 2013, p.111).

Os estudos acerca da Teoria da Metáfora Conceptual são desafiadores, dessa forma a linguística de corpus se torna aliada durante as investigações, devido a possibilidade de analisar o “caráter de instanciações autênticas de possíveis licenciamentos de metáforas conceptuais” (VEREZA, 2013, p.111).

De acordo com Boas (2010), o fato de termos um pensamento embasado em conceitos metafóricos é o que nos permite utilizar expressões linguísticas relacionadas a esses conceitos, os quais estruturam nosso pensamento. Assim

sendo, a metáfora seria, em sua essência, uma maneira de explicar, conceitualmente e cognitivamente, uma coisa em termos de outra, tendo como ponto de partida nossas experiências corpóreas para categorizar os eventos. Dessa maneira, a metáfora se caracteriza pela relação entre dois domínios, o domínio-fonte e o domínio-alvo, em que elementos de um domínio mais concreto são transferidos para um domínio mais abstrato, dando origem a novas experiências advindas da integração entre esses dois domínios.

De acordo com Lima

As metáforas presentes na língua são uma manifestação da maneira como entendemos e conceitualizamos determinados conceitos. Trata-se de uma operação cognitiva, na qual empregamos um domínio experiencial mais concreto, estreitamente ligado à experiência com nosso próprio corpo e o mundo em que vivemos, para compreender/conceitualizar um domínio mais abstrato, cuja natureza da experiência humana não permite uma representação direta. São, portanto, nossas experiências corpóreas, de diferentes dimensões, que, sendo recorrentes e coocorrentes, geram metáforas que subjazem à nossa forma de falar. (LIMA *et al*, 2001, p.108)

Esses aspectos explicam por que produzimos diariamente metáforas como: *“Estou me sentindo para baixo, Gastei muito tempo nessa pesquisa, Quase explodi de ansiedade, As fotos que publiquei vazaram”*, sem que sequer nos apercebamos disso. Lakoff e Johnson (1980) conseguiram reunir muitas expressões linguísticas de uso cotidiano, como as apresentadas no início deste parágrafo, e, ao analisá-las, constataram que boa parte da linguagem que usamos em nosso dia a dia é metafórica.

Os autores afirmam que as metáforas são figuras de pensamento e que seria impossível que a mente humana conseguisse produzir conhecimento sem que se utilizasse de uma base sustentada por experiências corporais, independentemente da origem física, cultural ou ambiental, cujo funcionamento se dá de forma independentemente da linguagem e por meio de diversos procedimentos cognitivos de natureza fundamentalmente corpórea e imaginativa. Para eles, apesar desse funcionamento independente, o sistema seria responsável pela emergência das metáforas linguísticas ou metáforas verbais na linguagem, por meio dos já citados procedimentos cognitivos corpóreos e imaginativos, que constituem o pensamento conceptual.

Lakoff e Johnson (1980) classificam as metáforas conceituais em três tipos: estruturais, orientacionais e ontológicas. Para esses autores, as metáforas orientacionais, além de estruturarem um conceito em termos de outro também

auxiliam na organização do sistema global de conceitos já que grande parte delas está ligada a orientação espacial, exemplo “para cima/para baixo”, “dentro/fora”, “profundo/superficial”. Vejamos alguns exemplos

Quadro 2 - Bom é para cima/ruim é para baixo

BOM É PARA CIMA	(1) João subiu na vida; (2) Hoje estou me sentindo para cima; (3) Estou de alto astral; (4) Estar com você levanta meu ânimo.
RUIM É PARA BAIXO	(1) Me sinto no fundo do poço; (2) Ana caiu em depressão; (3) Jorge está para baixo, hoje. (4) Mário caiu no meu conceito.

Fonte: Elaborado pela Autora (2022).

Como pode ser observado pelos exemplos do quadro (2), costumamos relacionar eventos positivos “para cima” e os negativos “para baixo”. A existência das metáforas orientacionais está ligada ao fato de interagirmos, mediante a utilização de nossos corpos, com espaços físicos delimitados; portanto, não se pode dizer que essas metáforas não sejam arbitrárias, já que possuem base em nossa experiência física e cultural. Cabe destacar que a nossa comunicação é permeada por metáforas orientacionais.

Bezerra e Sampaio (2015) analisam construções metafóricas orientacionais espaciais do tipo (para cima/para baixo, dentro/fora, frente/atrás, em cima de / fora de fundo/raso, centro/periférico) em narrativas indígenas de natureza mítica, escritas em português por narradores e professores indígenas. A partir de seus resultados, as autoras discutiram sobre o caráter literário das metáforas na escrita da literatura indígena compreendendo as construções metafóricas que evidenciam o domínio do espaço contido em narrativas indígenas de cunho mítico.

Nas metáforas estruturais, conceitos complexos e abstratos são apresentados por meio de conceitos mais concretos. Elas são construídas pela associação entre experiências físicas e culturais com conceitos e termos mais abstratos, conforme apresentado no quadro 3.

Quadro 3 - Tempo é dinheiro/Discussão é guerra

TEMPO É DINHEIRO	(1) Ganho 40 reais por hora; (2) Não vou perder tempo com você; (3) Isso me custou muito tempo;
------------------	---

	(4) Vou investir meu tempo estudando; (5) Farei isso logo para ganhar tempo
DISCUSSÃO É GUERRA	(1) Ela perdeu a briga; (2) Seus argumentos são indefensáveis; (3) Ele atacou meus pontos fracos. (4) Esse argumento acertou no alvo. (5) Ela ganhou a discussão.

Fonte: Elaborado pela Autora (2022).

Como pode ser observado, as metáforas estruturais assumem mais significados que uma orientação ou uma quantificação, então, permitem que um conceito mais estruturado integre outro, como é o caso da metáfora conceptual TEMPO É DINHEIRO, em que a noção de *trabalho*, que é uma experiência concreta de dimensão cultural, se relaciona com outra dimensão dotada de ampla abstração, neste caso, o *tempo*. Na metáfora conceptual DISCUSSÃO É GUERRA, por sua vez, temos a dimensão cultural e concreta marcada pela guerra traduzida na abstração circunscrita no termo discussão.

A Teoria da Metáfora Conceitual diz que a compreensão de nossas experiências em termos de objetos e substâncias nos permite escolher parte de nossas experiências e tratá-las como entidades ou substâncias que são a base das metáforas ontológicas (LAKOFF, 2003). De acordo com o autor, as metáforas ontológicas mais óbvias são aquelas em que o objeto físico é especificado como se fosse uma pessoa, pois isso faz com que compreendamos uma grande variedade de experiência com entidades não humanas em termos de motivações humanas, características e atividades.

Outra maneira de compreender os conceitos metafóricos está relacionada às nossas experiências com substâncias e objetos físicos. Nesse caso, usamos as metáforas ontológicas. Lakoff e Johnson listaram alguns exemplos de Metáforas Ontológicas no livro *Metáforas da Vida Cotidiana* (2002, p. 77-78), como pode ser visto no quadro 4

Quadro 4 - Metáforas Ontológicas

Metáforas ontológicas	(1) Ele fez aquilo de raiva. (2) Aquela foi uma bela pegada. (3) Estou um pouco enferrujado, hoje. (4) Há tanto ódio nesse mundo.
-----------------------	--

Fonte: Elaborado pela Autora (2022).

Sampaio e Lamarão (2015) analisam algumas construções metafóricas ontológicas nas línguas Tupi, utilizando a TCM de Lakoff e Johnson (1980). Em sua análise, Sampaio e Lamarão, perceberam que quando os indígenas recontavam entre si a história relativa ao mito “A origem da lua”⁷, utilizando um jogo de sequência de imagens, as crianças da comunidade indígena construíram metáforas ontológicas, classificadas pelas autoras como sendo associadas à metáfora conceitual CORPOS CELESTES SÃO PESSOAS. Além disso, as autoras encontraram ainda a metáfora conceptual TEMPO É MOVIMENTO identificada nos momentos da narrativa em que as crianças tupi conversavam sobre a passagem do tempo, especificamente, da noite. Por fim, as autoras também identificaram características de humanidade em seres celestiais e animais tanto na análise de sentenças complexas, quanto nas simples.

Diante disso, é possível afirmar que todas as nossas experiências sensório-motoras e contextuais são fundamentais para a construção da linguagem. Partindo desse raciocínio, consideramos que a linguagem metafórica é um elemento essencial para a produção discursiva já que a linguagem é um constructo cognitivo, conceptual, cultural e neural (KÖVECSES, 2005).

Assim, a essência da metáfora residiria em experienciar uma coisa em termos de outra, de acordo com os autores

Nosso sistema conceptual ordinário, em termos do qual não só pensamos, mas também agimos, é fundamentalmente metafórico por natureza. Os conceitos que governam nosso pensamento não são meras questões do intelecto. Eles governam também a nossa atividade cotidiana nos detalhes mais triviais. Eles estruturam o que percebemos, a maneira como nos comportamos no mundo e o modo como nos relacionamos com outras pessoas. Tal sistema conceptual desempenha, portanto, um papel central na definição de nossa realidade cotidiana. (LAKOFF; JOHNSON, 2009, p. 45-46)

Lakoff e Johnson (2002) afirmam que as metáforas se encontram em nosso pensamento inconsciente e não na linguagem. Isso explica o fato de o nosso sistema conceitual ser basicamente metafórico e, assim sendo, é possível dizer que utilizamos as metáforas de maneira autônoma, adequando-as às nossas relações sociais. Sendo assim, cabe à linguagem apenas encontrar uma forma de expressar verbalmente as metáforas já existentes em nosso inconsciente.

⁷ Segundo a tradição Tupi, Guaraci, o deus do Sol um dia cansou-se de seu ofício eterno e precisou dormir. Quando fechou os olhos o mundo caiu em trevas. Para iluminar a escuridão enquanto dormia, Tupã criou Jaci, a lua, uma deusa tão bonita que ao Guaraci despertar por sua luz, apaixonou-se por ela. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Jaci#>>. Acesso em 25 fev. 2023.

Tendo como base esses pressupostos, Lakoff e Johnson (2002) comprovaram que nossa linguagem é governada por um sistema de Metáforas Conceptuais, ou seja, por mapeamentos sistemáticos centrados em dois domínios: o domínio-fonte e o domínio-alvo. Nasce, assim, a Teoria da Metáfora Conceptual que define a metáfora conceptual como “[...] uma maneira convencional de conceptualizar um domínio de experiência em termos de outro, normalmente de modo inconsciente” (LAKOFF; JOHNSON, 2002, p. 4).

Cabe destacar que esse mapeamento entre o domínio-fonte e o alvo se dá de forma parcial, ou seja, quando o mapeamento acontece, apenas alguns elementos do domínio-fonte são transpostos para o domínio-alvo. Dessa maneira, as Metáforas Conceptuais ao mesmo tempo em que evidenciam alguns aspectos dos domínios conceptuais, obscurecem outros. De acordo com Cavalcanti (2014) essa visão parcial dos mapeamentos metafóricos resulta em dois fenômenos

- (i) o conceito alvo pode ser mapeado a partir de diferentes domínios fonte, de acordo com os propósitos comunicacionais, as necessidades e valores dos membros de uma dada comunidade. [...]
- (ii) os aspectos negligenciados no mapeamento metafórico podem produzir novas Metáforas Conceptuais (CAVALCANTI, 2014, p. 45).

Ampliando o debate acerca da Teoria da Metáfora Conceptual, Grady (1997) propõe uma nova classificação teórica para as metáforas, dividindo-as em complexas e primárias. Na visão desse pensador, as metáforas primárias são a base para as Metáforas Conceptuais. Os conceitos primários são originados na infância, a partir de conceitos simplificados como: engolir, comer, pegar, manipular objetos. Cabe lembrar que esses mapeamentos de conceitos primários não emergiriam de maneira arbitrária, uma vez que são motivados pelas experiências corpóreas do ser humano – ainda na infância – por meio da interação com o mundo.

Os conceitos primários, na perspectiva de Grady (1997), são simplificados porque se originam de ações básicas para garantir a sobrevivência. Ele esclarece que

Os conceitos primários do domínio-fonte – isto é, conceitos que fornecem as palavras, imagens e estrutura inferencial para as metáforas – podem ser descritos como tendo conteúdo de imagem. Eles são aspectos de nossa percepção, de nossos corpos e de nosso meio ambiente, em todas as modalidades possíveis. Eles incluem a nossa representação (esquemática) cognitiva acerca das formas e tamanhos de objetos ao nosso redor, a sua posição, os seus cheiros e sabores, o nosso próprio movimento no espaço, a temperatura, o brilho, a nossa ação básica em segurar, cortar e examinar os objetos, as sensações corporais, tais como fome, comichão, tensão, etc. Os conceitos-alvo da metáfora primária, por outro lado, consistem em nossas respostas subjetivas (mas, ainda muito reais e básicas) às

experiências corporais, incluindo julgamentos, reações afetivas e inferências e tudo aquilo que pode se referir a conteúdo operacional. Nós julgamos a dificuldade de realizar uma ação; nós respondemos com prazer ou desprazer a certa sensação; nós inferimos a relação lógica entre o que percebemos, nós somos movidos a agir de determinadas maneiras, nós determinamos se atingimos ou não o nosso local e objetivos imediatos, etc. (GRADY, 1997, p. 264-265)

Para Grady (1997) o diferencial das metáforas primárias reside no fato de que elas podem ser compreendidas da mesma maneira em qualquer lugar do mundo, independentemente de fatores como cultura, já que as pessoas possuem o mesmo tipo de corpo e as mesmas relações com o meio. Essa teoria de Grady é conhecida como a Teoria das Metáforas Primárias, ela fornece embasamento para a Teoria da Metáfora Conceitual uma vez que demonstra os mapeamentos metafóricos básicos de natureza experiencial, pois esses também são universais de certa forma, já que estão ligados às experiências corporais básicas e comuns a todos os seres humanos. Estabelece, ainda, que mapeamentos primários são baseados em metáforas conceituais complexas.

Nessa continuidade de raciocínio em que exploramos a Teoria da Metáfora Conceptual de modo a dar conta dos seus meandros e enquadramentos e porque iremos correlacionar a teoria abordada aos dados coletados durante as entrevistas. Trabalharemos, na sequência, com os Esquemas Imagéticos a fim de elucidar de modo contundente esse ângulo das metáforas e também porque, novamente, os dados apontam para a existência de Esquemas imagéticos nas falas dos membros da comunidade indígena Pataxó Imbiruçu.

1.5 Esquemas Imagéticos

De acordo com Lakoff e Johnson (1980), os esquemas imagéticos são estruturas abstratas, recorrentes e baseadas em experiências humanas. Ferrão (2008) completa que, dessa maneira

[...] quando falamos de metáforas conceituais, os esquemas pertencentes ao Domínio de Origem são projetados para o Domínio-Alvo. Por exemplo, na metáfora O AMOR É UMA VIAGEM, temos o esquema imagético do PERCURSO, que pressupõe necessariamente uma origem, um destino, pontos intermédios e uma direção. Lakoff [...] dá como exemplo prototípico do esquema imagético ORIGEM – PERCURSO – DESTINO a metáfora da VIAGEM, porque uma viagem, desde o início até a etapa final, consiste, num PERCURSO. (FERRÃO, 2008, p. 4)

Os esquemas imagéticos estão relacionados com as nossas experiências sensório-motoras. São estruturas que trazemos na memória e que refletem a nossa relação com o espaço que nos rodeia, bem como relações de equilíbrio, de movimentação, de profundidade etc. associadas à nossa corporeidade. Lakoff (1987) apresenta uma classificação para alguns desses esquemas, a saber: PARTE/TODO, CONTÊINER, LIGAÇÃO, ORIGEM/CAMINHO/META, CENTRO/PERIFERIA e ESCALA (LAKOFF; JOHNSON, 1980).

O esquema imagético PARTE/TODO se configura na maneira pela qual apreendemos certos conceitos e objetos do mundo experimental, focalizando-os em *partes* ou em seu *todo*. Muitos exemplos de aplicação desse esquema são encontrados em nosso cotidiano; alguns inclusive já estão bem consagrados, como a expressão *pedir a mão em casamento*. Esta metáfora é compreendida por meio do esquema imagético PARTE/TODO, uma vez que focalizamos nosso corpo como sendo composto pelas suas partes (LAKOFF; JOHNSON, 1980).

No esquema CONTÊINER, nossa experiência de estar *dentro/fora* se traduz em hábitos cotidianos como *estar dentro do carro, estar fora do carro, sair ou entrar dentro de casa*, e, até mesmo, quando nos referimos aos nossos sentimentos represados. Nesse caso, enxergamos o nosso corpo como um contêiner para nossos órgãos e nossos sentimentos, e nossa casa como um contêiner para o nosso corpo; sendo também possível que, metaforicamente, um contêiner contenha outro contêiner. De modo a exemplificar, quando dizemos uma frase como *Maria explodiu de raiva*, é possível dizer que a compreensão dessa metáfora se dá por meio do esquema imagético CONTÊINER, pois os sentimentos, que deveriam ser contidos pelo corpo, acabaram por explodir (LAKOFF; JOHNSON, 1980).

O esquema imagético de LIGAÇÃO diz respeito ao modo como conceptualizamos dois elementos do mundo experimental (que podem ser fatos ou conceitos) a partir das relações existentes entre eles. Ao fazermos a leitura do seguinte trecho de Caio Fernando Abreu: “*Você é meu único laço, cordão umbilical, ponte entre o aqui de dentro e o lá de fora*”, a expressão *cordão umbilical* é compreendida por meio de uma leitura metafórica relacionada ao esquema imagético de LIGAÇÃO, e com base em nossa experiência e conhecimento acerca da maternidade, pois sabemos que, durante a gestação, a criança está ligada à mãe pelo cordão umbilical, sendo essa uma relação direta de dependência, já que esse é o cordão que alimenta e nutre a criança (LAKOFF; JOHNSON, 1980).

O esquema ORIGEM/CAMINHO/META se relaciona à organização de nossos pensamentos baseados em experiências corpóreas de viagens, em que há um ponto de partida, uma trajetória e um ponto de chegada. Esse esquema envolve a ideia de movimento no espaço (que seria o trajeto a ser percorrido), a ideia de um ponto inicial (de onde se parte), e a ideia de meta (que indica o lugar em que se quer chegar ou objetivo que se quer alcançar) (LAKOFF; JOHNSON, 1980). Esse esquema dá origem a expressões metafóricas como: *com fé em Deus, chegarei lá* ou *Marcos desistiu no meio do curso*. Por meio desse esquema, compreendemos que o termo “lá” indica a meta a ser alcançada, sendo necessária a realização de um percurso antes que a meta seja alcançada. De modo semelhante, o termo *no meio* indica uma parte do percurso que Marcos deveria fazer para alcançar o objetivo almejado.

Uma das canções do repertório do artista Kiko Mello⁸ é composta pelos seguintes versos: “*Ei, porque ninguém olha para mim / preciso tanto me sentir / no centro de toda atenção*”. Nessa construção, vemos refletido o esquema imagético CENTRO/PERIFERIA que diz respeito ao modo como manuseamos os objetos, identificando suas partes centrais e as periféricas. Como as partes periféricas são dependentes das partes centrais, criamos e verbalizamos metáforas que denotam o que está no centro como mais importante em relação ao que é considerado periférico (LAKOFF; JOHNSON, 1980).

Por fim, temos o esquema ESCALA que demonstra a nossa percepção de objetos do mundo experimental como entidades que podem ser maiores ou menores entre si, da mesma forma em que damos a alguns fatos do cotidiano um maior ou menor grau de importância (LAKOFF; JOHNSON, 1980).

Os esquemas imagéticos nos ajudam a compreender a forma como as metáforas são utilizadas em nosso cotidiano. Uma outra maneira de pensar a metáfora é sob a perspectiva cultural, os aspectos culturais são extremamente importantes em nossa construção histórica, pessoal e social e, sendo assim, influenciam na maneira como produzimos e compreendemos as metáforas (Lakoff e Johnson, 1980). Cientes disso, nossa próxima seção irá se dedicar à exploração das metáforas a partir do viés cultural.

⁸ Bacharel em Artes Visuais pela UFRGS Trabalha como ator desde 1999. Como músico, além dos musicais e espetáculos que envolve canto, gravou voz e guitarra no single NÃO CONSIGO DIZER NÃO.

1.6 Metáforas e Cultura

Não é possível discorrer sobre metáforas sem levar em conta os aspectos culturais, de modo que o contexto é fundamental para a construção linguística. Tendo em vista que a Linguística Cognitiva possui uma visão experiencialista, a linguagem não pode ser investigada de forma isolada em relação aos demais processos cognitivos humanos.

A metáfora conceptual primária BOM É PARA CIMA logo RUIM É PARA BAIXO pode ser associada à forma como experienciamos sentimentos como fadiga, tristeza, sono, que direcionam nosso corpo verticalmente para baixo, ou, por outro lado, a sentimentos como alegria, ânimo, motivação, que direcionam nosso corpo para cima. Essa noção também influencia a forma como entendemos as ocorrências mais abstratas pelas quais passamos diariamente. Sendo assim, experiências que consideramos boas são conceptualizadas verticalmente para cima, enquanto experiências ruins são representadas para baixo. Isso se traduz em expressões metafóricas como: *hoje estou me sentindo muito para baixo; ontem eu estava no fundo do poço; quando eu terminar esse curso, vou subir na vida; no dia da festa eu estava nas nuvens*, que são claramente motivadas por nossas experiências corpóreas. Por isso, os processos cognitivos precisam ser estudados de maneira conjunta com aspectos culturais, biológicos, experienciais, entre outros.

Motivações metafóricas procedentes de ações cotidianas como dormir, estar cansado, estar motivado, pular e outras, ocorrem com todos os seres humanos, independentemente da cultura, idade, raça ou nacionalidade; por isso, de acordo com Grady (1997) e com Kövecses (2002, 2005), elas possuem potencial para a universalidade. Para Kövecses (2002, 2005), a universalidade de um conceito está diretamente ligada à sua presença em muitas línguas, o que pode ser motivado por experiências compartilhadas geradas por esquemas culturais próximos. Porém, da mesma maneira que as experiências coletivas podem dar origem a metáforas consideradas universais, particularidades culturais podem originar metáforas que existem somente em determinadas culturas.

De acordo com Kövecses (2005, p. 01), a cultura “é um conjunto de compreensões compartilhadas que caracterizam comunidades maiores ou menores”. Nessa linha de raciocínio, compreendemos que a cultura inclui uma

miríade de elementos abstratos como emoções, processos mentais, valores morais, crenças, formas de organização social e política, relacionamentos, entre outros.

Convergindo para a mesma temática, Gibbs (1999), elabora o conceito de modelos culturais, definido como sendo os “esquemas culturais compartilhados e intersubjetivos que funcionam na interpretação da experiência e que guiam as ações em uma gama variada de domínios incluindo eventos, instituições, objetos físicos e mentais” (1999, p. 153).

Lakoff e Johnson (1999, p. 102-104) apresentam o conceito de mente fenomenal, como sendo o resultado da experiência subjetiva do homem; ela se caracteriza por ser consciente ou por possibilitar o acesso consciente a ela. A mente fenomenal, de acordo com os autores, possibilita parte da compreensão dos modelos culturais, já que permite que o homem acesse seus estados mentais e se manifeste a respeito de suas experiências, dê suas opiniões sobre os fatos. Os pilares dessa habilidade são o sistema cognitivo humano e as vivências socioculturais.

Diante disso, Kövecses (2010) lista três tipos de variação intercultural que podem afetar a produção de metáforas. O primeiro relaciona-se à extensão dos domínios possíveis que podem ser utilizados em uma determinada cultura para expressar um alvo específico. Como já dito, as metáforas são produzidas pelo mapeamento entre domínio-fonte e domínio-alvo, portanto, a extensão desses domínios em determinada cultura pode influenciar na produção de metáforas. O autor cita o exemplo da língua zulu, que possui, algumas metáforas conceituais relacionadas à raiva em comum com a língua inglesa; entretanto, o zulu se diferencia por apresentar uma extensão de domínios diferentes, no que concerne à metáfora conceptual A RAIVA É NO CORAÇÃO. Este exemplo mostra que o domínio RAIVA pode ser conceitualizado de modo diferente em uma mesma língua e, dessa forma, acaba se diferenciando de outros idiomas.

O segundo tipo relaciona-se às elaborações específicas que cada cultura utiliza para expressar uma metáfora. Kövecses cita que, no húngaro, existem expressões que descrevem o sentimento de raiva como “uma substância queimando em um cano” (p. 214). Dentre as línguas e culturas analisadas pelo autor, apenas o húngaro faz a representação da ideia de “cano como container de raiva”; enquanto as metáforas O CORPO É UM CONTAINER PARA AS EMOÇÕES e RAIVA É FOGO aparecem em várias outras línguas. Corroborando com os dados de Kövecses, no

Brasil, não utilizamos expressões metafóricas em que canos aparecem como contêineres para raiva, mas, assim como em outras culturas, utilizamos as metáforas O CORPO É UM CONTAINER PARA AS EMOÇÕES e RAIVA É FOGO (KÖVECSES, 2010) e produzimos expressões como: *quase explodi de raiva; estava queimando de raiva*, amplamente difundidas aqui.

O último tipo de variação, de acordo com Kövecses, diz respeito à relação intercultural entre a metáfora e a metonímia, isso porque algumas línguas podem conceitualizar uma expressão de modo metonímico e outras, de modo metafórico. O autor cita que no idioma inglês são utilizadas expressões metafóricas para os conceitos relacionados à raiva, por exemplo, enquanto nas línguas chinesa e zulu, utilizam-se mais metonímias para tratar do mesmo conceito (KÖVECSES, 2010).

Discutir conceitos culturais não é algo simples, ainda mais quando associados aos estudos de metáfora, isso porque há uma carência de estudos envolvendo a inter-relação entre metáforas e cultura. Entretanto, como este estudo trata de uma comunidade Pataxó, cuja cultura é, em tantos aspectos e, sobretudo naqueles relacionados ao meio ambiente, diferente da cultura não indígena, fez-se necessário incluir algumas discussões sobre como a cultura influencia na produção de metáforas.

1.7 Modelo Cognitivo Idealizado

A Teoria dos Modelos Cognitivos Idealizados, doravante TMCI, baseia-se numa perspectiva da semântica conceitual alicerçada na capacidade de conceitualização humana. Essa teoria foi desenvolvida por Lakoff, em 1987, no livro *Women, Fire, and Dangerous Things*, nessa obra importante, Lakoff afirma que a categorização só é possível por meio de um modelo cognitivo idealizado e afirma que “organizamos o conhecimento por meio de estruturas chamadas Modelos Cognitivos Idealizados, ou MCI’s, e que as estruturas categoriais assim como os efeitos prototípicos são subprodutos dessa organização” (LAKOFF, 1987, p. 68).

Feltes (2007) explica que os modelos cognitivos são considerados idealizados por dois motivos: o primeiro é porque não precisam se ajustar perfeitamente ao mundo, já que são produtos do aparato cognitivo humano e da realidade. A composição de um modelo cognitivo é determinada pelas necessidades, crenças, valores e outros. O segundo motivo é a possibilidade de construção de modelos

distintos para a compreensão de certas situações, sendo que esses modelos podem ser até mesmo opostos entre si. Nas palavras da autora

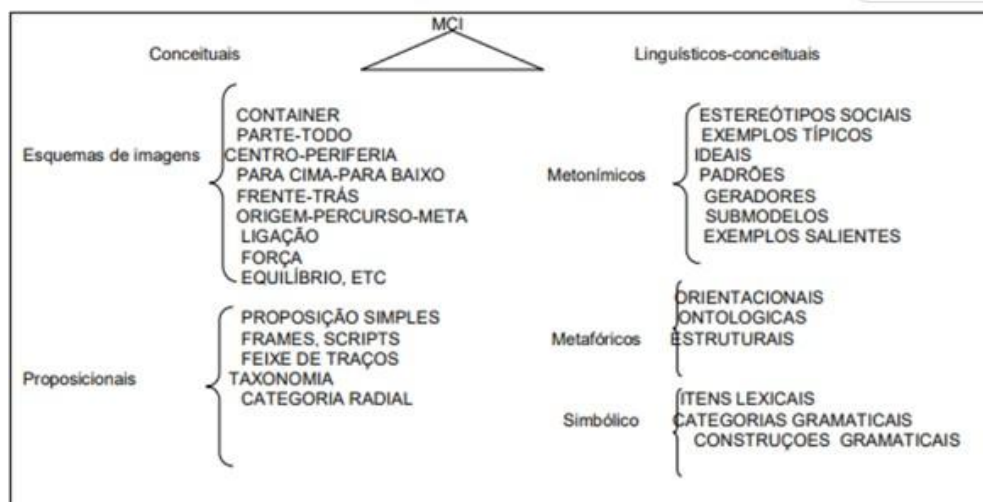
Modelos Cognitivos são construtos idealizados porque, em primeiro lugar, não precisam se ajustar necessária e perfeitamente ao mundo. Isso se justifica pelo fato de que, sendo resultados da interação do aparato cognitivo humano (altamente corporalizado) e a realidade – via experiência -, o que consta num modelo cognitivo é determinado por necessidades, propósitos, valores, crenças, etc. Em segundo lugar, podem-se construir diferentes modelos para o entendimento de uma mesma situação, e esses modelos podem ser, inclusive, contraditórios entre si. Os modelos, portanto, são o resultado da capacidade de categorização humana. (FELTES, 2007, p. 89)

Ao explicar a natureza dos Modelos Cognitivos Idealizados, Feltes (2007), alega que esses modelos também podem representar modelos culturais, a depender do contexto, a teórica afirma que isso ocorre porque a cognição humana é intrinsecamente ligada à experiência corpórea, social, cultural e histórica, por isso, as categorias produzidas pelo sistema conceitual humano podem ser, ao mesmo tempo, cognitivas e culturais.

Para Lakoff (1987), os MCI's que são corpóreos estão interligados sistematicamente aos MCI's de natureza corpórea. Conforme já abordado anteriormente, possuir natureza corpórea significa pensar o homem como parte do mundo, de maneira que as estruturas que compõe o sistema conceptual humano emergem da interação entre a natureza de nossos corpos, o ambiente físico e socioculturalmente situado.

Lakoff (1987) propõe uma divisão dos modelos cognitivos em 5 tipos básicos: os esquemas de imagem, proposicionais, metonímico, metafórico e simbólico. Tais modelos contribuem para a estruturação de nossas experiências físicas tanto no plano puramente conceitual quanto no linguístico conceitual. Feltes (2007) elaborou um quadro que demonstra visualmente os Modelos Cognitivos Idealizados

Figura 2 - Modelos Cognitivos Idealizados – Tipologia Básica



Fonte: Feltes (2007, p.170).

Com base nos estudos de Lakoff (1987) e considerando o quadro explicativo de Feltes (2007) apresentaremos a seguir os 5 tipos de Modelos Cognitivos.

O modelo de esquema de imagem é aquele que apreendemos de maneira direta e usamos para estruturar conceitos complexos, eles possuem natureza corpórea-cinestésica, por isso, toda nossa experiência acerca do nosso corpo, nossa movimentação pelo espaço, formato e peso dos objetos são angariadas nesse modelo. Dessa maneira, esse modelo nos ajuda a projetar nossa experiência com o espaço que nos cerca em domínios conceituais abstratos. Ao longo desse texto, foram discutidos alguns exemplos desse modelo, tais como: CENTRO-PERIFERIA, PARTE-TODO e CONTÊINER.

Outro modelo apreendido de forma direta é o Modelo Cognitivo Proposicional, esses modelos são apreendidos de maneira direta e constroem-se pelas propriedades dos elementos e pelas relações obtidas entre eles. Aqui existe um processo ontológico, ou seja, um conjunto de elementos ou conceitos de nível básico, como entidades, ações, estados ou propriedades ou conceitos caracterizados por outros tipos de modelos cognitivos. Como exemplo desse modelo podemos citar o cenário, a taxonomia e a categoria radial.

Já os Modelos Cognitivos Metonímicos são indiretamente construídos por meio de experiências concretas, eles ocorrem em um único domínio conceitual, no qual há dois elementos, A e B, sendo que A pode ser “representado por” B. De acordo com Lakoff (1987), a construção desse modelo se dá quando “tomamos um

aspecto considerado bem-entendido ou de fácil percepção, e o utilizamos para representar a coisa como um todo ou algum outro aspecto ou parte dela. (LAKOFF, 1987, p. 77). Dessa maneira, temos um conceito A que deve ser entendido em uma estrutura conceitual que contém tanto A quanto outro conceito B, sendo este último ou parte de A ou associado a ele na estrutura. A escolha de B determinará A nessa estrutura, sendo que B, em comparação com A, ou é de fácil compreensão ou mais fácil de ser lembrado, reconhecido ou imediatamente útil para a proposta em um dado contexto. Diante dessas condições, é possível observar que a interrelação o modelo metonímico A e B são relatados em uma estrutura conceitual na qual a relação é especificada pela função de B para A. Sendo assim, recorremos a Barcelona (2009), quando este diz que os mapeamentos metonímicos possuem a seguinte dinâmica:

O domínio-fonte pode ser o domínio comum e o alvo, um subdomínio dentro dele, de modo que a metonímia seja do tipo o todo pela parte, um exemplo é Comemos frango, referindo-se à carne do animal. Quando se dá a situação oposta, ou seja, quando o domínio-fonte é parte do domínio-alvo, que é o domínio comum, a metonímia é do tipo parte pelo todo; isto ocorre em exemplo como Necessitamos mais braço para a colheita, para referir-nos às pessoas cujo esforço físico necessitamos. Também podemos ter metonímias do tipo parte por parte, nas quais tanto o domínio-fonte como alvo são subdomínios dentro de um domínio cognitivo mais amplo, como os verbos veranear e invernar, cuja compreensão implica projetar a estação do ano durante a qual se realiza uma atividade determinada, sobre essa mesma atividade. (BARCELONA, 2009, p. 8).

Os Modelos Metafóricos derivam da projeção de domínios concretos da experiência sobre domínios abstratos, ou, como já dito anteriormente, domínio-fonte e domínio-alvo. Nesse modelo, o domínio-fonte A, é considerado bem estruturado ao passo que o domínio-alvo B precisa ser estruturado. A estruturação do domínio-alvo se dá pela compreensão do mapeamento responsável pelo elo entre o domínio-fonte e o domínio-alvo e também por meio do mapeamento ou projeção metafórica.

Cabe acrescentar que os Modelos Cognitivos Simbólicos são o resultado da associação dos elementos linguísticos com os conceituais em um Modelo Cognitivo Idealizado, como exemplo desses modelos é possível citar os itens lexicais, as categorias gramaticais e as construções gramaticais.

Compreender os Modelos Cognitivos Idealizados importa para este estudo por se ligar diretamente aos dados coletados, por isso optamos por analisá-los mais detidamente.

Até o momento, abordamos teoricamente os temas que se ligam diretamente ao nosso objeto de estudo e aos dados coletados, todos o percurso teórico que permeia este capítulo será de extrema relevância para darmos conta das análises de dados que nos propusemos a realizar. Pensando mais especificamente nesses dados, em nosso próximo capítulo iremos nos dedicar a apresentar uma coletânea de estudos pregressos que tratem de temáticas semelhantes ou próximas às nossas. Entrelaçados a estes estudos, apresentaremos dados da cultura, percurso histórico e cosmovisão Pataxó, acreditamos que isso ampliará nossa visão e nos permitirá realizar uma análise mais profícua dos dados obtidos.

CAPÍTULO 2 – PRESSUPOSTOS TEÓRICOS, ESTUDOS PRECURSORES, COSMOVISÃO, HISTÓRIA E CULTURA INDÍGENA

Este capítulo está fundamentado em três pilares: o primeiro será de abordagens teóricas acerca da Teoria da Metáfora Conceitual; o segundo, trará recortes acerca da cultura, cosmovisão e percurso histórico dos povos indígenas, sobretudo dos Pataxós e, por fim, no terceiro pilar, traremos estudos pregressos diretamente ligados aos dados coletados e aos resultados esperados. O capítulo foi organizado em quatro seções, sendo as três primeiras subdivididas em três seções cada, e a última subdividida em dois.

A seção inicial baseia-se na metáfora conceptual MÃE TERRA, o primeiro tópico discute o modelo cognitivo idealizado do termo Mãe com base nos postulados de Lakoff (1997), apresentando uma série de exemplos e discutindo-os. O segundo tópico desse bloco vai abordar a cultura, as crenças e valores indígenas a partir do conceito de território, trazendo autores já discutidos, como Gibbs, Grady, Lakoff e Johnson, Kövecses, e outros como Batoréo, Santille, Estermann, Souza e Krenak. Para finalizar, elaboramos uma seção que apresenta resenhas de outros estudos, ligados ao tema da pesquisa. Apresentamos dois artigos, o primeiro é de autoria de Okonski & Ferreira (2019) e denomina-se *Gonna be on my fucking period in boomtown, souuuunndd thanks Mother Nature: Using Twitter to Find Multimodal Creativity and Embodied Instant Metaphors*, já o segundo, de Sorj (1992), denomina-se *O feminino como metáfora da natureza*.

A segunda seção organiza-se em torno de metáforas sobre FOGO, iniciamos com uma abordagem teórica acerca das metáforas baseada em autores como Lakoff e Johnson, e Gibbs. O segundo tópico aborda um acontecimento muito marcante na trajetória histórica do Povo Pataxó – o Fogo de 1951. Para abordar o assunto, utilizamos autores como Agostinho, Coelho, Urban, Lopes, vários jornais da época e, trouxemos ainda, um relato coletado durante as entrevistas que demonstra o impacto desse acontecimento para o povo Pataxó. Para finalizar, apresentamos alguns artigos que tratam de expressões metafóricas relacionadas ao domínio conceitual alvo FOGO. O primeiro deles é de Matlock, Coe & Westerling (2017), denominado *Monster wildfires and metaphor in risk communication*. O segundo é de Castelló & Montagut (2019), cujo nome é *Framing Forest Fires and Environmental Activism: a Storytelling Contest about Human Intervention in Nature*. O terceiro e

último estudo apresentado foi elaborado por Afanasieva & Ivanova (2015) e é denominado *Metaphoric Models of the Concept FIRE in Sakha and English Languages*.

Na terceira seção, trataremos da metáfora CORAÇÃO COMO CENTRO DAS EMOÇÕES - iniciamos com a base teórica discutindo com autores como Aristóteles, Lakoff e Johnson, Kövecses e Abreu. Dando continuidade, trataremos de alguns pressupostos acerca dessa metáfora com base na cosmovisão indígena. A partir das leituras, podemos perceber que o território é como uma extensão de seus corpos. Por fim, apresentamos alguns estudos concebidos a partir da metáfora CORAÇÃO COMO CENTRO DAS EMOÇÕES: o primeiro deles é de Rocha *et al* (2018), que analisou os discursos do Papa Francisco; em seguida, Souza e Staliano (2020), que analisaram metáforas produzidas por pacientes cardíacos; veremos também os estudos de Yu (2007) sobre a metáfora coração na cultura chinesa e, para finalizar, apresentamos o artigo de BeRendt (2011), denominado *The 'Heart' of Things: A Conceptual Metaphoric Analysis of Heart and Related Body Parts in Thai, Japanese and English*, em que o autor analisa metáforas do coração a partir de três línguas diferentes.

A quarta e última seção é destinada à metáfora conceptual DIFICULDADES SÃO PESOS (LAKOFF; JOHNSON, 1987), ele é organizado em apenas dois tópicos, o primeiro deles é teórico e nele retomamos a metáfora primária BOM É PARA CIMA e RUIM É PARA BAIXO (LAKOFF; JOHNSON, 1980), abordada na seção 1.4 do Capítulo I, bem como a metáfora conceptual DIFICULDADES SÃO PESOS. No segundo tópico apresentamos um estudo realizado por Gibbs Jr. e Macedo (2010) acerca da metáfora aqui abordada e também um estudo de Siqueira *et al* (2010), denominado *Metáfora e Cultura: uma interface entre a Linguística e a Antropologia*.

Como pode-se perceber, esse capítulo foi organizado de modo a nos dar subsídio para analisarmos os dados coletados, por isso fizemos o entrelaçamento entre teoria, cultura, história, estudos pregressos e a cosmovisão Pataxó.

2.1 Modelo Cognitivo Idealizado de Mãe

De acordo com Lakoff (1997), não é possível construir uma definição de mãe que abarque todos os casos, ao criar uma definição simplória como “uma mulher que deu à luz a uma criança”, percebe-se cedo que essa definição não abarca todos

os casos. O autor afirma que “Mãe” é um conceito complexo no qual vários modelos cognitivos individuais se combinam, formando um aglomerado de definições. Dentro desse aglomerado encontra-se, por exemplo

O modelo de nascimento: quem dá à luz é mãe. O modelo genético: A fêmea que contribui com o material genético é a mãe. O modelo de nutrição: a mulher adulta que nutre e cria uma criança é a mãe dessa criança. O modelo conjugal: a esposa do pai é a mãe. O modelo genealógico: O ancestral feminino mais próximo é a mãe. (LAKOFF, 1987, p. 103, tradução nossa)

Lakoff (1987) afirma que há divergência entre os conceitos de Mãe, há aqueles que se perguntam se o termo Madrasta deveria integrar o conceito de Mãe, há os que se sentem pressionados a adotar apenas um dos conceitos, no entanto, não há evidências linguísticas que apontem para a existência de apenas um conceito correto. Para sustentar esta afirmação, o autor apresenta alguns exemplos

- Fui adotada e não sei quem é minha verdadeira mãe. Não sou uma pessoa carinhosa, então acho que jamais poderia ser uma mãe de verdade para qualquer criança.
- Minha verdadeira mãe morreu quando eu era um embrião, e fui congelada e depois implantada no útero da mulher que me deu à luz.
- Tive uma mãe genética que contribuiu com o óvulo que foi plantado no ventre da minha mãe verdadeira, que me deu à luz e me criou.
- Por engenharia genética, os genes no óvulo fertilizado pelo esperma de meu pai foram unidos a partir de genes nos óvulos de vinte mulheres diferentes. Eu não chamaria nenhuma delas de minha verdadeira mãe. Minha verdadeira mãe é a mulher que me deu à luz e me criou, embora eu não tenha uma única mãe genética. (LAKOFF, 1987, p. 104, tradução nossa)

Em cada um desses exemplos é possível verificar características que poderiam compor o conceito de Mãe, mas também é possível perceber como esses modelos divergem. Podemos entender que as pessoas constroem definições que façam sentido dentro de seus próprios contextos e, dessa forma, não existe um modelo cognitivo único e geral que seja aceito para determinar um conceito tão comum como Mãe. Há tanta divergência, que o modelo aceita mais de uma pessoa, por isso existem expressões como: madrasta, mãe substituta, mãe adotiva, mãe biológica e outros. O termo Mãe também motiva outras expressões metafóricas, por exemplo, o modelo de nascimento é a base de expressões como “a necessidade é a mãe da invenção”, e o modelo de nutrição é usado em “ele esperava que sua namorada fosse sua mãe” (LAKOFF, 1987).

Lakoff (1987), conclui, dessa forma, que não existe um conceito claro e definitivo para o termo Mãe, e também não há condições necessárias e suficientes para a maternidade. Seguindo por essa lógica, podemos pensar que é possível

haver “mães biológicas normais, mães doadoras (que doam um óvulo), mães de aluguel (que carregam a criança, mas podem não ter doado o óvulo), mães adotivas, mães solteiras que dão suas crianças para adoção e madrastas.” (p. 108). Todas são Mães em virtude da amplitude do Modelo Cognitivo Idealizado, para onde convergem os modelos e que origina tantos protótipos.

Sabendo da indissociabilidade entre a metáfora e a cultura, para expandir as discussões acerca da construção de metáforas a partir do conceito de Mãe, apresentamos a seguir considerações acerca da cultura indígena.

2.1.1 Cultura, crenças e valores indígenas a partir do conceito de Mãe

Ao realizar análises de metáforas, sejam elas verbais ou gestuais, não podemos nos esquecer do elemento básico para seu entendimento: a cultura. As metáforas primárias, por advirem de experiências de sobrevivência que perpassam todos os seres humanos, podem ser mais facilmente compreendidas, mesmo por culturas diferentes (GRADY, 1997). No entanto, para apreender as metáforas mais complexas, é necessário ter conhecimento da cultura em que elas foram produzidas.

A cultura e as crenças de um determinado povo, nesse caso, dos indígenas da comunidade Pataxó Imbiruçu, influenciam grandemente na produção e difusão de metáforas. De acordo com Gibbs:

Não se pode falar ou estudar cognição separadamente das nossas interações específicas corporificadas com o mundo cultural uma vez que o que entendemos como significativo no mundo físico é altamente limitado pelas nossas crenças e valores. (GIBBS, 1999, p. 153).

Dessa maneira, é necessário entender, ao menos minimamente, as crenças e valores de uma comunidade para que possamos compreender as metáforas produzidas por seus membros. Na mesma linha de raciocínio, Kövecses (2005) afirma que algumas metáforas variam entre culturas e algumas vezes até dentro da mesma cultura. De acordo com o autor: “a metáfora é inevitavelmente conceptual, linguística, neurocorpórea e sociocultural ao mesmo tempo” (2005, p. 156). Seguindo o mesmo princípio, Kövecses (2007), apresenta estudos sobre a variação cultural da metáfora em que afirma que, no processo de produção de metáforas, podem ocorrer variações sociais, étnico-raciais e culturais. Segundo Batoréo (2015),

se o mundo é corporizado em função da nossa vivência e experiência, ele é também por ela perspectivado e conceptualizado, sendo que esta

conceptualização não é individual e subjetiva, mas é enraizada, partilhada e orientada culturalmente. (p. 08)

Partindo da inseparabilidade do corpo, da mente, do mundo e modelos culturais para a produção e interpretação de metáforas, cabe-nos tecer algumas considerações acerca da cosmovisão Pataxó, pois acreditamos que a forma como esse povo compreende a natureza molda sua forma de agir no mundo.

2.1.2 A cosmovisão Pataxó

Para os povos indígenas, o território não é somente a terra, assim como a terra não é apenas algo que faz parte do território. Esses dois conceitos são diferentes. De acordo com Santille (2005), a comunidade indígena compreende a terra como um espaço que abriga os modos de vida, o espaço em que se nasce. Portanto, a existência de uma comunidade indígena em um determinado local não significa o uso intensivo dos recursos naturais desse determinado local.

De acordo com Souza Filho (1992), o conceito de “terra” está diretamente ligado à “propriedade”; portanto, ao privado, individual (SOUZA FILHO, 1992). Dessa maneira, quando se pensa na relação entre os povos indígenas e os lugares em que vivem, o conceito de “território” se aplicaria melhor, já que seu significado aponta para o espaço geográfico, evidenciando seu caráter coletivo e público.

A Lei 13.123, de 20 de maio de 2015⁹, conhecida como Lei da Biodiversidade, também reconhece a ligação entre os povos e comunidades tradicionais, como as indígenas e quilombolas, com o território que ocupam; delegando ao Estado o dever de protegê-las. Isso se encontra expresso no artigo 2º, inciso IV da referida lei, em que se lê que as comunidades tradicionais precisam ter seu território preservado, levando-se em consideração que, para elas, esses bens são de valor afetivo e também os “[...] recursos naturais são uma condição para a sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas geradas e transmitidas pela tradição” (BRASIL, 2015).

Uma das cosmovisões indígena é denominada *Pachamama* e é seguida por diversas etnias indígenas andinas e da América do Sul, essa cosmovisão é baseada no respeito e na coexistência harmônica com a natureza e seus componentes;

⁹ Lei da Biodiversidade, de 2015. Disponível em <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13123.htm>. Acesso em 28 mar. 2023.

sendo, portanto, necessária a proteção do meio ambiente, bem como de todos os seres que nele habitam (ESTERMANN, 2013). Dentro dessa cosmovisão o ser humano realiza o papel de zelador da terra e de todo o seu cosmo (ESTERMANN, 2013).

De acordo com a tradução quíchua, *Pacha* significa “terra”, “tempo e espaço”, algo “divino” e “sagrado”; enquanto *Mama* significa “maternidade”, “mãe” (OLIVEIRA, 2017, p. 63) Há diversas maneiras de se representar a *Pachamama*, entretanto, geralmente, ela é representada como “uma mulher pequena que vive debaixo da terra” (GÖRLITZ, 1978, p. 3). De acordo com Estermann (2006), *Pachamama* é o princípio cósmico do universo, a deusa da natureza, a fonte da vida e a mãe da terra.

Para Krenak (2019), os povos não indígenas enxergam a Terra como uma mercadoria, pois suas experiências projetam-se em experiências de compra, de consumo, noutras palavras “o mundo acredita que tudo é mercadoria, a ponto de projetar nela tudo o que somos capazes de experimentar.” (KRENAK, 2019, p. 23) Entretanto, dentro da cosmovisão da *Pachamama*, a natureza não pode pertencer a ninguém e não cabe ao ser humano tomar posse ou comercializá-la, já que ela existe de maneira material e espiritual. Dessa forma, para os indígenas, a Terra deve ser vista como provedora, a *Pachamama* não é considerada uma divindade criadora, mas sim, a proteção da natureza, que é vista como uma composição viva que possui o ser humano como seu dependente, e não o contrário (ESTERMANN, 2006, p. 193).

De acordo com a cosmovisão da *Pachamama*, os animais e as plantas também são seres vivos e cabe ao ser humano respeitá-los e zelar por eles: “cuida-se da ordem de nascer, crescer, reproduzir, bem como a bifurcação entre semear e colher, vida e morte” (ESTERMANN, 2006, p.194). Partindo de uma cosmovisão mais geral para uma mais localizada, é necessário mencionar, brevemente, a respeito dos “Encantados”, divindades que os Pataxós cultuam. Durante a coleta de dados extraímos relatos que demonstram que de acordo com os membros da comunidade, essa divindade nasceu antes mesmo da humanidade. Para Souza (2016), o Encantado possui a capacidade de se transformar em espécies vegetais, sendo que a forma mais utilizada é a de um coqueiro de piaçava, ele mora na mata e sua função é a de proteger as espécies vegetais.

Reproduzimos a declaração de um Cinta Vermelha¹⁰, chamado Domingos, com base em Souza

[...] os Pataxó jamais deveriam perder o apoio dos seres da mata. Enquanto morada desses seres, até para entrar nela, deve-se demonstrar bons modos cosmológicos. Quase nada das coisas pertencentes ao mundo dos brancos deveriam penetrar nas matas, pois essa morada é muito arisca, daí que se deve ter muito cuidado com o branco, pois, do contrário, ele pode estragar a relação com os seres que conferem porosidades, conforme ocorreu em Barra Velha no evento do “Fogo de 1951. (SOUZA, 2016, p. 20)

Outra Encantada respeitada pelos Pataxós e conhecida pela população não indígena é a Hamãy, popularmente conhecida como Caipora. De acordo com os Pataxós, ela também vive na mata, mas diferentemente do Pai da Mata, cuja função principal é proteger os vegetais, a função de Hamãy é proteger os animais. Uma de suas funções, por exemplo, é cuidar de animais machucados devido à caça predatória. Acredita-se ainda que Hamãy pune os caçadores inconsequentes chicoteando-os, deixando-os tontos e perdidos na mata (SOUZA, 2016).

O conhecimento sobre os Encantados permite perceber que os Pataxós protegem a natureza não apenas por possuírem uma ligação de apego e respeito por ela, mas também porque suas divindades moram na mata. Para os Pataxós, quando o Pai da Mata se ausenta, por exemplo, ocorrem desastres sociais e naturais, como o Fogo de 51, mencionado pelo Cinta Vermelha Domingos e que será melhor explorado na seção 3, em que abordaremos as metáforas de fogo. E para manter a presença e a proteção do Pai da Mata, de Hamãy e de outras divindades, é necessário cuidar da mata, respeitá-la e protegê-la dos brancos (SOUZA, 2016).

A seguir, reproduzimos integralmente o relato de um dos entrevistados:

Exemplo 2:

Entrevistadora: Como você entende a morte?

Iberê: A morte...para nós aqui...quando uma pessoa da nossa comunidade morre, ela...a carne, né? A carne acabou aqui, mas ela vira Encantado, ela

¹⁰ O povo Pankararu chegou a Minas há 50 anos, e há 30 anos se estabeleceram onde hoje é a Aldeia Cinta Vermelha Jundiba, junto ao povo Pataxó, à margem direita do Rio Jequitinhonha. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2021/09/01/conheca-a-historia-de-mulheres-indigenas-de-mg-que-foram-a-brasilia-contra-o-marco-temporal>. Acesso em 28 mar. 2023.

vira um espírito de luz, onde ela vai estar...ela vai estar nos observando, ela vai estar nos ajudando espiritualmente.

Outro dado importante também coletado durante a fase de entrevistas é que os pataxós acreditam que nasceram da natureza. Segundo suas crenças, o primeiro homem a pisar sobre a terra era um indígena Pataxó chamado Txopai, ele foi formado a partir da mistura entre uma gota de chuva e terra. Quando ele nasceu, já havia animais e plantas. Txopai ficou muito tempo sozinho, ocupando-se de percorrer a terra, conviver com as plantas e animais e aprender. Até que um dia, enquanto estava realizando um de seus rituais, Txopai presenciou um grande temporal, e cada gota de chuva que caía e se misturava com a terra **formava** um novo índio Pataxó (SOUZA, 2016).

No início, os índios da primeira nação Pataxó tinham aparência de vegetais. Essa primeira nação transformou seu espírito em animais e vegetais para permanecerem entre os povos Pataxós. As nações que vieram depois, também oriundas de outras chuvas, casaram-se entre si, dessa maneira, começaram a procriar, e seus filhos foram adquirindo as feições humanas (SOUZA, 2016).

Percebemos que a própria cosmovisão indígena acerca de sua criação é metafórica, ao dizer que “nasceram da natureza” estão afirmando que a natureza é a mãe deles, foi a natureza que os gestou. Aqui percebemos o domínio fonte "mãe" sendo aplicado ao domínio alvo "natureza" (OKONSKI; FERREIRA, 2019), conforme apresentado ao longo da seção 2.1 e 2.1.1. Seguindo o mesmo raciocínio, eles afirmam que seus corpos foram formados com a mistura de água e terra, aqui, vemos que a fecundação é o domínio fonte aplicado ao domínio alvo, permitindo o processo de formação do corpo dos Pataxós por meio da mistura da terra e água da chuva, em que as gotas de chuva e a terra desempenham o papel do óvulo e do espermatozóide. Esta visão se alinha ao modelo de nascimento elaborado por Lakoff (1987), em que a mãe é vista como aquela de quem se nasce, aquela que contribui com o material genético é a mãe.

Anualmente, na comunidade indígena Pataxó Imbiruçu, acontece a Festa das Águas. Essa festa é uma maneira de lembrar sua criação, ocorrida a partir das águas. Ao longo da festa, há um momento em que a comunidade se junta para procurar o “Pai da Mata”, como forma de celebração do respeito a esse Encantado. Participa, ainda, desse mundo sensível dos Pataxós, o mito do caburé e do gavião.

Segundo a cosmovisão Pataxó, essas aves apresentavam antagonismos, pois, enquanto o caburé tinha uma postura introvertida e cautelosa, o gavião teria uma apresentação cruel, traiçoeira, ávida, interesseira, uma postura perigosa para a manutenção dos valores dos pataxós (LÉVI-STRAUSS; ERIBON, 1990).

Krenak (2020), traz uma narrativa sobre a Pandemia de COVID-19, falando como voltou a viver isoladamente, em sua comunidade indígena, às margens do Rio Doce e sobre como a ação humana vem destruindo a natureza. De acordo com ele, o vírus, ao atingir apenas os seres humanos, demonstra uma reação da natureza ao descolamento promovido entre as pessoas e a Mãe Terra:

Esse vírus está discriminando a humanidade. Basta olhar em volta. O melão-de-são-caetano continua a crescer aqui do lado de casa. A natureza segue. O vírus não mata pássaros, ursos, nenhum outro ser, apenas humanos. Quem está em pânico são os povos humanos e seu mundo artificial, seu modo de funcionamento que entrou em crise. (KRENAK, 2020, p. 03)

Em sua concepção de mundo, os seres humanos precisam compreender que não fazem falta à biodiversidade e que suas ações são mais prejudiciais ao planeta do que o vírus da Covid-19 é para os humanos. Ainda segundo o autor, é necessário que o ser humano aprenda com o vírus e, assim, descubra que ele não é o sal da terra, que as escolhas que fazemos, vem tornando a vida insustentável, fazendo crescer diariamente a lista de animais extintos. Grande parte dos seres humanos, ao se denominarem humanidade, esquecem-se de que não estão desgarrados do planeta Terra, portanto, não é possível pensar que a Terra é um organismo e a humanidade é outro (KRENAK, 2020).

Krenak (2020), diz que podemos produzir condições para viver ou para morrer, e nossa humanidade, ao optar por viver em ambientes artificiais, produzidos por grandes corporações que veem a terra e a natureza como mercadorias, está produzindo condições para morrer; portanto, o vírus é um grito da Mãe Terra, pedindo para ser valorizada, ouvida, sentida. O autor afirma:

A nossa mãe, a Terra, nos dá de graça o oxigênio, nos põe para dormir, nos desperta de manhã com o sol, deixa os pássaros cantar, as correntezas e as brisas se moverem, cria esse mundo maravilhoso para compartilhar, e o que a gente faz com ele? O que estamos vivendo pode ser a obra de uma mãe amorosa que decidiu fazer o filho calar a boca pelo menos por um instante. Não porque não goste dele, mas por querer lhe ensinar alguma coisa. “Filho, silêncio.” A Terra está falando isso para a humanidade. E ela é tão maravilhosa que não dá uma ordem. Ela simplesmente está pedindo: “Silêncio”. Esse é também o significado do recolhimento. (KRENAK, 2020, p. 7)

Na obra *Ideias para adiar o fim do mundo*, o autor se aprofunda um pouco mais nas diferenças culturais entre os povos indígenas e não indígenas. Para ele, a sub-humanidade: caiçaras, indígenas, quilombolas e aborígenes, é uma camada da humanidade mais bruta e rústica, que está colada à terra, “parece que eles querem comer terra, mamar na terra, dormir deitados sobre a terra, envoltos na terra” (KRENAK, 2019, p. 11-12).

São povos que vivem a organicidade, capazes de viver dentro de uma cosmovisão em que tudo ganha sentido, eles vivem com o espírito da floresta, dentro da floresta, sendo a floresta. São povos que contam histórias, cantam, dançam e ensinam. Povos que consideram que elementos da natureza, como rios, montanhas, pedras e lagos, como parte de suas famílias e devem ser protegidos e respeitados (KRENAK, 2019).

Na cultura indígena, o organismo vivo, que é a Terra, continua sendo reconhecido como mãe e provedora em amplos sentidos, “Todas as histórias antigas chamam a Terra de Mãe, Pacha Mama, Gaia. Uma deusa perfeita e infindável, fluxo de graça, beleza e fartura” (KRENAK, 2019, p. 30). Por isso precisamos voltar ao seio da Mãe Terra, aprender a cuidar dela, a ter no sonho o exercício para buscar um futuro melhor, em que não estejamos descolados do planeta.

Na entrevista intitulada “A potência do sujeito coletivo”, Krenak (2018a) fala sobre a missão dos povos indígenas, que, para ele,

são pessoas que têm um exercício cidadão dentro da floresta com a defesa dos territórios, da floresta, da biodiversidade, da capacidade desses povos se articularem e se moverem em amplos espaços, que não têm que ser na cidade. (p. 8)

A partir das discussões tecidas ao longo dessa seção, percebemos que o território ocupa lugar de centralidade e constituição de uma cosmovisão assentada em valores associados à floresta e às suas pluralidades de sentidos. A natureza perpassada pela noção de paisagem caracteriza-se como elemento central na identidade dessas pessoas e dos seus ideais que não se dissociam de suas lutas pelo espaço que integra as suas relações de pertencimento e conexão com a realidade.

Com base no exposto acima, entendemos que, por estarem intimamente ligados à terra e considerarem-se parte dela, os moradores da comunidade Indígena Pataxó Imbiruçu produziram metáforas relacionadas à metáfora conceptual MÃE TERRA, portanto, ocupamo-nos em buscar estudos precursores que também

abordassem tal assunto, essas pesquisas encontram-se resenhadas no próximo tópico.

2.1.3 Pesquisas sobre Mãe Terra

Dentre as pesquisas progressas que abordam o tema, encontramos o artigo denominado *Gonna be on my fucking period in boomtown, souuuunndd thanks Mother Nature: Using Twitter to Find Multimodal Creativity and Embodied Instant Metaphors*, de autoria de Okonski & Ferreira (2019). Neste artigo, que cuja resenha será apresentada abaixo, as autoras argumentam a favor das vantagens do *Twitter* para pesquisas no campo da linguística cognitiva que incluem fornecer dados multimodais e metáforas instantâneas que podem ser caracterizadas como contextos específicos e experiências corporais.

São analisados dados da corporeidade da linguagem natural on-line e dados de três distintos corpora: COCA, de um experimento de laboratório, e de um corpus feito a partir de dados do *Twitter*. Todos os métodos foram comparados e analisados. Para descrever como os pesquisadores podem usar o *Twitter* para coletar esses dados multimodais, vamos primeiro revisar a literatura cognitiva que descreve a importância de capturar medidas “on-line”. A compreensão da metáfora é incorporada e dinâmica. Há indícios de que exista uma relação dinâmica entre experiências corporais, simulação mental e compreensão metafórica.

Este trabalho sugere que simulações associadas a metáforas, não são representações estáticas e discretas sempre acessadas da mesma forma. Simulações incorporadas desempenham um papel importante na interpretação da linguagem metafórica. Essas simulações afetariam o pensamento em uma escala cognitiva de tempo. Um dos objetivos foi demonstrar que usar o *Twitter* como *corpus* pode ser uma maneira de explorar dados multimodais e os contextos multimodais naturais do uso da linguagem sem ter que simular para obter condições em um laboratório e sem tentar aplicar metodologias cognitivas on-line.

Dados de *corpus* comum claramente contribuem para o objetivo de delinear alguns dos temas metafóricos mais comuns que podem oferecer informações para previsões dos estudos de acompanhamento sobre este tema. Alguns desses dados são de periódicos e as frases parecem mais formais do que baseadas no uso.

Em conclusão, embora o método de entrevista tenha algumas deficiências, os dados coletados de 28 participantes foi o suficiente para encontrar em muitos casos as implicações metafóricas encontradas no COCA *corpus* e permitiu que os pesquisadores extraíssem tipos específicos de dados, incluindo alguns interessantes autorrelatos sobre simulações incorporadas associadas à metáfora-alvo: MÃE TERRA. A análise de dados retirados do *Twitter*, por sua vez, revelou casos metafóricos usados em *corpus* do *Twitter* que não encontramos no *corpus* analisado, nem nos dados de laboratório, incluindo experiências femininas de menstruação.

Para as autoras, a hipótese viável sobre esta constatação é que as pessoas não podem divulgar algo tão sensível e privado em um estudo de laboratório. Esta seria uma das várias razões pelas quais este dado não pode ser encontrado nesse *corpus*. Primeiro, os participantes compartilharam exemplos que podem ser considerados inapropriados, como o participante que observou: “Estou tentando cavar um buraco no chão e foder a mãe terra” em um estudo de laboratório. Em segundo lugar, a probabilidade de ter essa experiência física em laboratório no exato momento de resposta ao questionário é pequena. Este é um exemplo de processamento on-line que seria extremamente difícil de replicar em um estudo de laboratório.

As autoras coletaram dados do *Twitter* e revelaram seis exemplos de participantes que evocaram metáforas da MÃE TERRA em relação à menstruação. Este é um exemplo de uma metáfora instantânea que depende dos indivíduos atuais, incorporados na experiência. A utilização de dados do *Twitter* tem sua importância porque fornece informações corporais on-line e experiências como condições eliciadoras para o uso de metáforas. Tal uso não foi encontrado no *corpus*, nem mesmo nos dados de laboratório. A pesquisa realizada pelas autoras demonstra que os dados do *Twitter* são de fácil coleta, multimodais, e podem elicitare metáforas ‘instantâneas’ que raramente seriam encontradas em outras redes sociais.

Ainda que a pesquisa acima apresentada tenha utilizado uma base de coleta de dados muito diferenciada da nossa, consideramos importante citá-la, primeiramente porque ela aborda a mesma metáfora conceptual encontrada em nossos dados, ou seja, MÃE TERRA, e em segundo lugar porque ela corrobora com nosso embasamento teórico acerca da metáfora, comprovando que mesmo pessoas

de culturas e espaços geográficos diferentes, podem produzir metáforas semelhantes.

Outro excelente exemplo acerca do mesmo tema é o estudo elaborado por Sorj (1992), denominado *O feminino como metáfora da natureza*, que aborda a metaforização do feminino no que se refere à preservação ambiental. A autora afirma que a distinção entre natureza e cultura é um assunto que sempre gera disputas entre as religiões, políticos, agentes econômicos, governos e outros. No entanto, com a atuação dos movimentos ambientais, alertando para o fato de os recursos naturais não serem inesgotáveis e para a fragilidade de seu equilíbrio, os ecologistas estão lutando pela redefinição da relação entre homens e mulheres e a natureza.

Esse movimento deu origem ao Eco Feminismo, ou “Feminismo da Diferença” que considera que as mulheres possuem um lugar privilegiado na luta ecológica. A teórica cita Darcy de Oliveira (1991) quando este destaca o papel das mulheres na humanidade afirmando que quando a humanidade se dá conta da necessidade de retomar o diálogo com a natureza depois de um fracassado projeto de se desvincular dela ou de ignorá-la, talvez seja pela mediação do feminino emergente que esta retomada de contato se possa dar. Isto porque “o diálogo com a natureza pressupõe um relacionamento que parece mais fácil às mulheres, que dela menos se distanciaram” (p. 17).

Esse estudo está bem alinhado aos dados coletados na Comunidade Pataxó Imbiruçu. Quando perguntamos aos entrevistados se eles acreditavam que as mulheres possuíam papel determinante na proteção da natureza, grande parte deles disse que sim, conforme será demonstrado no capítulo 4, destinado à análise dos dados.

Esta seção foi destinada às elucidações acerca da metáfora MÃE TERRA, apresentamos pressupostos teóricos, estudos progressos e dados sobre a história, a cultura e a cosmovisão indígena. O bloco a seguir tratará de metáforas sobre FOGO e também será dividido em três tópicos; adotamos a mesma estrutura, sendo assim, o primeiro tópico versará sobre dados teóricos, o segundo, sobre história, a cultura e a cosmovisão indígena e o último, sobre estudos já realizados.

2.2 Metáforas sobre fogo

Partindo da experiência histórica do Fogo de 51, esperava-se que encontraríamos muitas metáforas sobre fogo quando conversássemos com os indígenas acerca da destruição ambiental. Essa era uma possibilidade a ser considerada devido às várias ocorrências de incêndio no entorno da região desses povos e, também, devido aos fatores históricos que motivaram a saída desses indígenas da Bahia com destino a Minas Gerais.

O percurso histórico de um povo molda sua cultura e sendo a cultura parte importante na construção e no entendimento das metáforas (KÖVECSES, 2005), é necessário considerar esses elementos ao analisar metáforas. A relação entre a metáfora e a cultura é analisada por Lakoff e Johnson (1980, 2002), e apontam que as metáforas estruturam o sistema conceptual humano que, por sua vez, é construído com base em nossa cultura.

Com base nos estudos de Gibbs (1999), é possível dizer que a metáfora possui base cultural. De acordo com esse autor, tanto os linguistas quanto os antropólogos acreditam que o fato de haver tantas metáforas em nossa comunicação cotidiana se deve não apenas às nossas estruturas mentais individuais, mas também aos diferentes modelos culturais. Gibbs define esses modelos culturais como “esquemas culturais subjetivamente compartilhados que funcionam no intuito de interpretar experiências e guiar ações em vários domínios, incluindo eventos, instituições, e objetos mentais e físicos” (1999, p. 153). Diante disso, compreendemos que os modelos culturais influenciam os modos de comunicação, ação, crenças e comportamentos de uma sociedade, de maneira geral.

Como já discutido, de acordo com Lakoff e Johnson (1980), a Teoria da Metáfora Conceptual define a linguagem como uma estrutura embasada na conceptualização. Dessa maneira, a linguagem é o instrumento que permite organizar, processar e veicular informações por meio do processo de conceptualização, que por sua vez é condicionado por nossa experiência conosco e com o mundo que nos cerca.

Considerando que as vivências passadas dos indígenas Pataxós englobaram uma experiência histórica traumática envolvendo o fogo, a qual será abordada posteriormente, resultando em transformações tanto culturais quanto geográficas, a expectativa era de identificar metáforas relacionadas ao fogo nos dados provenientes das entrevistas coletadas.

2.2.1 O fogo de 1951

Neste tópico, cabe narrar brevemente o episódio relacionado ao fogo que fez com que os indígenas Pataxós migrassem da Bahia para Minas Gerais. Em 1951, um evento demarcou uma mudança drástica para os pataxós, sendo essa experiência denominada como Fogo de 51. Esse episódio tem início no ano de 1949 quando a liderança pataxó Honório Borges, acompanhado de seu filho pequeno Severiano, empreendeu uma viagem desde o sul da Bahia até a então capital federal, o Rio de Janeiro. Nessa ocasião, Borges levava consigo os reclames de seu povo para conhecimento do Serviço de Proteção aos Índios (SPI) e a acusação da invasão das terras ocupadas. Nessa visita, conforme Agostinho (1974), foi agendada uma audiência com o Marechal Rondon e a promessa de atenção da União para com a população indígena.

Quando do retorno, acompanharam os Borges uma dupla de homens, Antônio Barbosa e Jorge de Tal, que se identificavam respectivamente como um engenheiro e um tenente aptos a realizarem novas medições das terras do Monte Pascoal, situado na região. Contudo, esses sujeitos empreenderam um saque a um comércio em Corumbau, na cidade de Prado, próximo a região de Porto Seguro. Tal ocorrido contou ainda com o corte de “linhas telegráficas e espancaram um negociante. Dirigiram-se, a seguir, para Caraíva e ali ameaçaram praticar novos desatinos” (IMPrensa POPULAR, 1951).

Diante do terror instalado, um destacamento da polícia da cidade vizinha de Caravelas foi enviado para “enfrentar e deter os atacantes” (IMPrensa POPULAR, 1951). Por outra parte, uma comitiva policial com 14 homens foi mandada da cidade de Porto Seguro. Enquanto isso, falava-se da dificuldade de comunicação com a cidade de Caraíva e o pânico dos moradores, enquanto os “malfeitores marchavam pelo litoral” (IMPrensa POPULAR, 1951).

Conta-se que os dois destacamentos militares se encontraram próximo da aldeia indígena de Barra Velha e nessa localidade, em meio ao breu da noite, os militares empreenderam uma batalha julgando que o lado contrário se tratava dos “caboclos”, expressão utilizada no período para identificar os indígenas e seus descendentes. Segundo o periódico baiano “O Matutino”, o fogo cruzado “durou

quase uma hora e terminou com a fuga dos soldados de Caravelas em verdadeiro pânico, deixando armas e bagagens” (O MATUTINO, 1951).

Diante dessa ocorrência no mínimo inusitada entre as polícias, o major responsável pela operação, Arsênio Alves de Souza, que, dizem os relatos de época, tinha tendências integralistas¹¹, empreendeu uma série de atos violentos contra os indígenas da região. Relatos jornalísticos do período apontam que “depois de tirotear a aldeia durante várias horas, incendiou todas as casas, aprisionou e espancou dezenas de homens, mulheres e crianças, levando-os para Caravelas.” (O MOMENTO, 1951). Os relatos dão conta ainda que o líder pataxó Honório Borges, à época com 85 anos, foi brutalmente espancado. O suposto engenheiro e o tenente foram assassinados em meio ao deleite dos militares que caçaram os indígenas, os açoitaram e arrastaram seus corpos por estradas da região. Além disso, uma sequência de estupros, fugas e uma série de destruições se abateram sobre os Pataxós daquela região.

Esse verdadeiro massacre chegou ao debate da assembleia legislativa do Estado da Bahia, porém, nada foi feito. Aos pataxós, restou o medo e a tensão. Segundo a líder indígena Nitynawã Pataxó, em entrevista ao portal Jornalistas Livre, a situação gerou em seu povo um exercício contínuo de fuga “de um lado para outro e tínhamos que negar nossa própria identidade, pois o sofrimento era tanto que a saída era ajustar nossa vida de acordo com o lugar para onde fugíamos” (JORNALISTAS LIVRES, 2017).

Segundo Coelho (2011), em uma entrevista recente com um indígena pataxó, esse conflito gerou uma experiência de medo entre os indígenas, as mães evitavam o ensino da língua indígena aos filhos, temendo que ela fosse identificada pelos brancos, e que, dessa forma, novos cerceamentos ocorressem. Essa prática gerou um triste dado, pois, o Patchorã, a língua dos pataxós é considerada extinta nos dias atuais (URBAN, 1992).

Em meio ao medo e à fuga, se deu um movimento de dispersão, pode-se dizer até mesmo uma diáspora dos sobreviventes que migraram para o Estado de

¹¹ Segundo Jefferson Barbosa, os integralistas foram membros da Ação Integralista Brasileira (AIB), que existiu no Brasil entre os anos de 1932 e 1937, liderada por Plínio Salgado. Eles defendiam a valorização do Estado e a centralização do poder político, buscando estabelecer uma ordem social baseada em princípios cristãos e uma economia dirigida pelo Estado. O movimento tinha uma visão hierárquica da sociedade, valorizando a família, a pátria e a religião, e buscava uma união nacional em torno de uma identidade comum.

Minas Gerais. Nesse sentido, pode-se falar em uma brutal expropriação e espoliação, cabendo a esses sujeitos um movimento de recomposição de seus laços em outras terras e locais. Com isso, observa-se uma marca indelével nessa historicidade e que, sem dúvida, influencia, até o tempo presente, o modo como os pataxós interpretam o mundo (COELHO, 2011).

Em meio a essa diáspora, no ano de 1972, parte das terras existentes no município de Carmésia foram doadas pela FUNAI, por meio de uma ação do Estado de Minas Gerais. Diante disso, uma série de famílias pataxós, egressas de aldeias que experimentaram as atrocidades de 1951, para lá migraram, dividindo as terras com a população dos índios Krenak. Todavia, muito longe dessa nova região representar uma terra prometida, a localidade denominada como Fazenda Guarani foi palco de uma série de violências e abusos praticados pela polícia sobre os indígenas (COELHO, 2011).

Com a anuência do Estado e da União, os indígenas eram expostos a castigos físicos, abusos morais e sexuais, sendo a fazenda guarani considerada um verdadeiro campo de concentração, no qual vidas indígenas definhavam sob a propaganda de que estes estavam sendo bem cuidados e “inseridos” na sociedade. Essa nova agonia só teve seu fim com uma abertura política no início da década de 1980, momento no qual os indígenas conseguiram que os cuidados daquela terra fossem executados por eles próprios (COELHO, 2011).

O episódio conhecido entre os indígenas Pataxós como Fogo de 51 marcou tão profundamente a cultura desse povo que, ao longo das entrevistas, coletamos o seguinte dado:

Exemplo 3:

Entrevistadora: A sua cultura possui relatos tradicionais na forma de músicas e histórias?

Potiguara: Sim

Entrevistadora: Quais são os temas, os assuntos desses relatos?

Potiguara: É... são...uma delas fala sobre o massacre e a destruição da natureza, fala de vários...(inaudível)...gerações

Entrevistadora: Você pode contar um desses contos ou cantar uma música para a gente?

Potiguara: Sim, eu vou cantar a de 51, tá?

“Eu vou contar agora o que aconteceu

No ano de 51 o que meu povo sofreu

Teve índio que sofreu, pensando que ia morrer

Com as mãos amarradas, não podia nem comer
 Eu vou pedir ao povo do Brasil inteiro
 Para dar apoio ao índio pois somos todos brasileiros
 Se o índio tivesse direito como outra raça tem
 Não existia conversa e nada também.”

Entrevistadora: Que lindo, muito obrigada. Essa música relata um fato que aconteceu em 51?

Potiguara: sim, aham...foi um massacre que aconteceu. O povo Pataxó sofreu muito.¹²

Como é possível perceber, com base no exemplo 3, o episódio transformou-se em canções e relatos que são repassados pelos indígenas Pataxós de geração em geração. O dado corrobora com os estudos de Lopes, segundo o autor:

[...] o processo criativo da metáfora, nas sociedades indígenas, envolve conceitos linguísticos embasados ou ‘mergulhados’ em um contexto léxico/conceptual interpretativo de uma realidade sociocultural vivenciada em um dado contexto sócio-histórico, pela comunidade indígena. (LOPES, 2015, p. 01)

Na mesma linha de pensamento, Kövecses (2007) assevera que:

A metáfora constitui um esquema genérico que é preenchido por cada cultura que a utiliza. Quando é preenchida, ela recebe um conteúdo cultural único em um nível específico. Em outras palavras, uma metáfora conceitual de nível genérico é instanciada por formas culturalmente específicas em um nível específico. Esse é um tipo de variação entre culturas. (Kövecses, 2007, 238)

Percebemos então que tanto em Lopes (2015) quanto em Kövecses (2007) a cultura e os fatores histórico-culturais são determinantes na construção das metáforas. Por isso, a marcação histórica do Fogo de 1951, que faz parte da realidade sociocultural, pode constituir uma motivação adicional para a construção de metáforas acerca do FOGO. Para ampliar a discussão, apresentamos a seguir uma compilação de estudos que possuem como mote as metáforas sobre Fogo.

2.2.2 Metáforas sobre Fogo: estudos precursores

¹² Ao longo da entrevista, a entrevistada cantou da forma transcrita. A versão completa e oficial da canção pode ser encontrada no seguinte documento: **Cantos Tradicionais Pataxó na Língua Patxôhã** – de Cleidiane Ponçada Santana, p. 56.

Disponível

<https://www.biblio.fae.ufmg.br/monografias/2016/cleideane%20poncada%20santana.pdf>.

em: 15 mai. 2022.

em:
Acesso

Selecionamos três estudos que analisam metáforas sobre Fogo e os apresentaremos neste tópico, o primeiro deles é de Matlock, Coe & Westerling (2017), denominado *Monster wildfires and metaphor in risk communication*, o segundo é de Castelló & Montagut (2019), cujo nome é *Framing Forest Fires and Environmental Activism: a Storytelling Contest about Human Intervention in Nature* e o terceiro e último estudo apresentado foi elaborado por Afanasieva & Ivanova (2015), e é denominado *Metaphoric Models of the Concept FIRE in Sakha and English Languages*.

O trabalho expõe dois estudos: o primeiro analisa quando e como esses enunciados são usados em reportagens televisivas e o segundo verifica como eles influenciam no entendimento dos telespectadores sobre os riscos das queimadas. Os resultados explicitam que, quando essa metáfora é usada para se referir a grandes queimadas, se torna capaz de influenciar o pensamento das pessoas.

No primeiro estudo, a autora desenvolveu a análise de enunciados que se circunscrevem à metáfora conceptual “*Forest Fire Monster*” - “Monstro do Incêndio Florestal”, os quais ganham relevo nas notícias retratadas pelas reportagens em programas de televisão. Essa maneira de descrição tornou-se popular no início do século XXI, especialmente para se referir a incêndios alarmantes. Acredita-se que ao descrever o fogo como um “monstro” faça com que as pessoas percebam maior risco do que descrevê-lo como o principal incêndio.

Gostaríamos de ressaltar que, no estudo (1), foi investigada a metáfora conceptual intitulada “monstro do incêndio florestal”, sendo levantados 124 enunciados que contêm esse frame padrão na mídia popular durante o período compreendido entre junho de 2009 e junho de 2015. Esta pesquisa foi feita com 101 estudantes da University of California, Merced, que responderam questionários on-line. Destes, 73% eram mulheres, 73% eram falantes de inglês nativos e 96% eram nascidos na Califórnia. Em tal questionário, os participantes tinham que escolher aleatoriamente entre duas opções: metafóricas ou não metafóricas. Todas as pessoas responderam questões baseadas na expressão “incêndio florestal é um monstro”, 52 delas leram expressões metafóricas como “engoliram muitas casas” enquanto 49 pessoas leram expressões não metafóricas como “queimaram muitas casas”.

Já, no estudo (2B), investigou-se como a percepção de riscos pode ser afetada por determinada expressão metafórica, tal como “*monster wildfire*”. A

pesquisa foi realizada com 151 estudantes da Universidade da Califórnia, Merced, que responderam questionários on-line. Todos leram uma das passagens a eles exibida, ambas continham 28 palavras, uma delas era metafórica e uma não. Depois disso, todos foram convidados a responder quatro questões. Os resultados do estudo (2B) foram parecidos com os do estudo (2A), apontando que o uso da metáfora interfere na forma como as pessoas veem os incêndios.

Os resultados do estudo (2A) sugerem que o monstro do incêndio florestal; que devora terras engole casas; faz com que, muitas vezes, as pessoas considerem uma evacuação por acreditarem que o dano que será causado é muito maior do que realmente é. Os resultados do estudo (2B) indicam que isso acontece mesmo que a informação metafórica seja limitada.

De acordo com Matlock, Coe & Westerling (2017), considerar o fogo como um monstro é uma atitude irracional, mas as pessoas o fazem por associarem as descrições acerca do que os monstros são e o que eles fazem com os danos que o fogo pode causar. Isso evidencia o papel das emoções na percepção de risco. Mesmo não sendo real, a linguagem sobre os monstros causa medo e ansiedade, por isso associá-la ao fogo causa os mesmos efeitos.

Outro estudo bastante interessante acerca da conceptualização metafórica de incêndio é o artigo denominado *Framing Forest Fires and Environmental Activism: a Storytelling Contest about Human Intervention in Nature* elaborado pelos autores Castelló e Montagut (2019). Os autores iniciam apresentando um marco teórico baseado em estudos de Goffman (2006, 1974), Vlieghenart e Van Zoonen (2011), Gamson *et al.* (1992), Aalberg *et al.* (2012); Bengston *et al.* (2004), Houston *et al.* (2012) entre outros autores.

A coleta de dados para a elaboração da pesquisa foi uma análise prospectiva de todos os itens – incluindo notícias, reportagens e artigos de opinião – contendo a palavra “incêndio” nos dois jornais mais vendidos da Catalunha – La Vanguardia (LV) e El Periódico de Catalunya (EPC.) – durante três períodos, de 1º de junho a 30 de setembro de 2015, 2016 e 2017. Dessa maneira, chegou-se a um *corpus* de 122 itens que foram organizados em quadros a partir dos quais seriam elaboradas as histórias. Um total de 16 pessoas participaram da pesquisa e do grupo focal, produzindo seis horas e 27 minutos de gravações. Todos os participantes eram membros de ONG's atuantes em assuntos ambientais.

Em relação aos resultados encontrados nos recortes midiáticos, os autores perceberam que a causalidade do episódio de incêndio é um marcador predominante para identificar enquadramentos (e.g. risco agrícola ou incendiários), enquanto em outros se expressa e realça a causalidade indireta do incêndio (e.g. alterações climáticas ou gestão da madeira). Portanto, existem causas diretas de incêndios e causas de propagação, mas quando uma determinada história enfatiza um aspecto ou outro, ela desenvolve uma “definição de problema” específica e sugere que existam “soluções”. Acerca do frame de Risco Agrícola, os dados encontrados na mídia demonstram que práticas agrícolas, como queima de combustíveis ou uso de maquinário perto de áreas arborizadas, são uma das principais causas de episódios de incêndio. Esse frame destaca os agricultores como atores principais na prevenção de incêndios, reconhece que eles têm um papel importante. Os motivadores do frame deste discurso são geralmente as autoridades, assim, podemos incluir essas histórias na categoria de “alocação de responsabilidade pessoal”.

Sobre as alterações climáticas, os autores perceberam que, na mídia, as temperaturas crescentes são usadas com sucesso para “explicar os incêndios” e que as condições meteorológicas estão entre as causas indiretas dos incêndios florestais e, mais propriamente, impulsionam os incêndios florestais e aumentam as suas dimensões. Dessa maneira, a responsabilidade não é tão facilmente identificável e as soluções são complexas e globais, podendo ser claramente classificada como “alocação de responsabilidade estrutural”. Considerando os frames sobre incendiários e causas criminais, na mídia, os autores perceberam que se trata de um enquadramento muito popular, sobretudo entre os políticos, pois é uma possibilidade de transferir a responsabilidade da esfera política para a esfera Jurídica e pode ser classificado como “alocação de responsabilidade pessoal”. O frame incendiário implanta um discurso despolitizado sobre incêndios florestais e prevenção de incêndios.

Saindo do recorte midiático e passando para as narrativas dos participantes, os autores encontraram os dados apresentados a seguir. Em relação às alterações climáticas, ao contrário do enquadramento da mídia, as histórias que surgem de organizações ativistas são mais complexas e geralmente destacam a “alocação de responsabilidade estrutural”. Quando os ativistas exibem histórias sobre “luta contra o aquecimento global” ou esta “batalha”, eles associam o problema com o

enquadramento “manejo de madeira, combustíveis excessivos e espécies inadequadas” ou enquadramento “os processos naturais e paisagens resilientes”, respectivamente.

O frame “manejo de madeira” foi recorrente nos grupos focais, entretanto, ele aparece de maneira diferente. Participantes pertencentes ao Corpo de Bombeiros, por exemplo, possuem uma visão mais pragmática do assunto, mencionando o corte de capim e da “guarda agrária”. Ainda assim, não fazem ligações diretas entre essas atividades e os incêndios, mas com “biodiversidade”, “conservação” e “proteção” como no exemplo: “O abandono destes campos seminaturais também implica a perda de biodiversidade” (CASTELLÓ; MONTAGUT, 2019, p. 300). Por outro lado, temos duas visões: uma que argumenta a favor de um melhor manejo da floresta, incluindo a supressão de combustível, e outra que apresenta um discurso mais romântico enfocando a biodiversidade e destacando conceitos como “preservação”, “conservação” ou “proteção” (CASTELLÓ; MONTAGUT, 2019, p. 300).

Por fim, os autores concluíram que as Organizações ambientais articulam uma história alternativa sobre prevenção e mitigação de incêndios florestais; uma história que problematiza os enquadramentos midiáticos. A grande mídia dá atenção especial aos discursos de “responsabilidade pessoal”, enquanto ativistas e organizações de voluntariado sugerem que as causas são mais estruturais. O enquadramento à mídia não está apenas relacionado a uma crescente despolitização, mas também a um processo de midiatização devido a determinantes jornalísticos como a espetacularização, urgências de agenda ou rotinas profissionais.

Um terceiro estudo que gostaríamos de apresentar foi elaborado pelas autoras Afanasieva e Ivanova (2015), denominado *Metaphoric Models of the Concept FIRE in Sakha and English Languages*. Nesse artigo são analisados modelos metafóricos do conceito de FOGO na língua turcomana Sakha e em inglês. De acordo com as autoras, em Sakha, a palavra “uot” significa fogo, chama, fogueira, luz, flash e luz elétrica, entretanto, a análise linguística mostra que, nessa língua, o fogo é retratado principalmente como um ser humano, havendo até um culto para o deus do fogo, retratado como um homem pequeno de barba cinzenta. As crenças do povo turcomano indicam que o fogo possui poder sobrenatural para exorcizar o demônio, por isso acredita-se que o fogo esteja vivo e seu espírito seja onisciente e benfeitor do homem. A língua Sakha possui expressões idiomáticas

como “língua de fogo”, percebe-se então o modelo metafórico FOGO É UM HOMEM VELHO e FOGO É UM SER HUMANO.

Dentro da língua Sakha, o fogo aparece também em termos de emoção em que a palavra “uot” aparece associada a palavra “taptal” dando origem a expressões da metáfora FOGO É EMOÇÃO como: “fogo do amor”; “centelha do amor”, “aquecido pelo amor”, “deitar-se no fogo do amor”, entre outras. Há também representações da metáfora FOGO É HOSTILIDADE, em que o fogo é descrito como algo perigoso para o homem, daí surgem expressões como: não se deve brincar com fogo; não caia no fogo, cuidado com o fogo, entre outros. Outro dado encontrado indica a utilização da metáfora FOGO É SENSAÇÃO em que o fogo é visto como sensação sonora e de temperatura, daí surgem expressões como: no calor do fogo; na força do fogo; ao som do fogo ardente, entre outras. Assim, a análise da língua Sakha, revelou as seguintes metáforas conceptuais: O FOGO É UM SER HUMANO VELHO; O FOGO É EMOÇÃO, O FOGO É HOSTILIDADE, O FOGO É PERIGO e O FOGO É SENSAÇÃO (AFANASIEVA; IVANOVA, 2015).

Na língua inglesa, o fogo é visto como chama, emoção, chamas descontroladas, luz e calor que destroem e danificam as coisas, estado de combustão em que o material inflamável queima, produz calor, chamas e muitas vezes, fumaça. Nesses termos, temos expressões metafóricas advindas de FOGO É UM SER HUMANO, tais como: fogo dançante, o incêndio consumiu a maior parte da cidade, 200 mulheres foram mortas por um incêndio, línguas de fogo lambiam o céu, entre outras. O fogo também é metaforizado como um ser vivo, FOGO É UM SER VIVO, sendo conceptualizado como um ânima ou um ser humano capaz de se enfurecer, de rugir e morrer como todos os outros seres; para ilustrar, observa-se os seguintes exemplos: “Um incêndio florestal maciço assola a cidade de Java”, “o fogo se extinguiu” e “sentou-se junto ao fogo crepitante” (AFANASIEVA; IVANOVA, 2015).

As autoras também observaram modelos metafóricos em que o fogo funciona como qualidades do ser humano, como a metáfora FOGO É EMOÇÃO, nítida em expressões como: “O fogo em seu discurso inspirou a todos”; “o fogo do fanatismo religioso”; “foi tocada com paixão e fogo”, e outros. Alguns dados demonstraram outra metáfora FOGO É UMA SENSAÇÃO DE DOR, expressa em termos como: “Ela chorou alto em júbilo, seu corpo ainda em chamas” e “ela se sentiu em chamas”. O fogo pode ser interpretado de maneira negativa, sendo percebido como algo perigoso, capaz de causar danos, nesse caso, possui algumas variações que

serão apresentadas a seguir. Na metáfora FOGO É PERIGO inserem-se falas como “A biblioteca foi danificada no incêndio” e “o armazém foi completamente destruído pelo fogo”. Já na metáfora FOGO É DIFÍCIL observa-se falas como: “passar pelo fogo”, “eu teria passado por um incêndio”, “eu suportaria o fogo, a inundação e as agonias”. Observa-se o fogo como algo muito poderoso que deve ser combatido, na metáfora O FOGO É PODER temos os seguintes termos: “Os bombeiros demoraram várias horas para apagar o incêndio” e “Há um projeto para apagar o incêndio”.

Dessa maneira, ao observar os dados obtidos em língua inglesa, chegou-se aos seguintes modelos metafóricos: FOGO É UM SER HUMANO, FOGO É SER VIVO, FOGO É EMOÇÃO, FOGO É SENSAÇÃO, FOGO É UMA NOÇÃO ABSTRATA, FOGO É UM OBJETO MATERIAL e FOGO É UM OBJETO EM MOVIMENTO (AFANASIEVA; IVANOVA, 2015).

Sendo assim, Afanasieva e Ivanova (2015) destacam alguns modelos ontológicos comuns na linguagem Sahka e inglesa, que parecem ser universais para a maioria das línguas e culturas: FOGO É UM SER HUMANO, FOGO É UM SER VIVO, FOGO É EMOÇÃO, FOGO É SENSAÇÃO, FOGO É NOÇÃO ABSTRATA, FOGO É UM OBJETO EM MOVIMENTO. O que vai diferir é a forma como esses modelos são revelados, são duas línguas muito diferentes estruturalmente, o inglês é analítico e o Sahka é aglutinador. Outro ponto de diferenciação que afeta os conceitos é o estilo de vida, no Sahka, por exemplo, o fogo não aparece com o significado de arsenal, o que não ocorre no inglês, essa diferença possui motivo histórico já que se trata de um povo com histórico de criação de gado, que não utilizava armamento. A religião também influencia na criação de metáforas, sendo assim, em Sahka, o fogo é visto como um homem velho, o espírito do fogo, isso porque se trata de um povo com histórico pagão. Já no inglês, aparece o termo “fogo do inferno” - alusão relacionada à bíblia.

Este bloco foi destinado às elucidações acerca de metáforas sobre FOGO, apresentamos pressupostos teóricos, estudos pregressos e dados sobre a história, a cultura e a cosmovisão indígena. O bloco a seguir tratará da metáfora conceptual CORAÇÃO COMO CENTRO DAS EMOÇÕES. Ele encontra-se dividido em três tópicos sendo o primeiro sobre dados teóricos, o segundo sobre história, a cultura e a cosmovisão indígena e o último sobre estudos já realizados acerca do mesmo tema.

2.3 Metáfora “Coração Como Centro das Emoções”

Desde a antiguidade, o coração é visto como centro das emoções e associado às ideias relacionadas à força, amor, lealdade, entre outras. Como exemplo, citamos os escritos de Aristóteles (384-322 a. C.) para o qual o coração era a fonte das emoções e sensações, e, portanto, seria o último órgão a morrer. Uma das crenças relacionadas à utilização da aliança na mão esquerda também reafirma a ideia de coração como um órgão ligado às emoções. De acordo com a crença, os romanos acreditavam que uma das veias que chegava diretamente ao coração passava pelo dedo anelar, dessa maneira, colocar um anel no dedo anelar da pessoa amada ajudaria a prender o coração dessa pessoa para sempre.

As emoções humanas são fonte de estudo de diversas áreas, como a filosofia, a biologia, a neurociência, a psicologia e a linguística. Apesar de não ter como foco o estudo das emoções, Lakoff e Johnson (1980) explicam em sua obra *Teoria da Metáfora Conceptual*, como são formadas as conceituações para os conceitos abstratos, o que inclui as emoções.

Lakoff e Kövecses (1983) propõem um dos primeiros trabalhos dentro da Linguística Cognitiva a abordar as emoções, discorrendo sobre a relação metafórica existente entre a conceptualização de RAIVA, na língua inglesa, e a corporeidade. De acordo com os autores, é a partir da experiência sensorial que a metáfora se expande para metáforas mais abstratas, fazendo com que possamos relacionar essas experiências com entidades existentes apenas no plano conceptual.

Analisando os estudos de Kövecses (2004), também elencados no item 2.5, em que abordamos as variações interculturais da metáfora, encontramos exemplos de conceptualização de RAIVA que são comumente usados em língua portuguesa, como por exemplo, as conceptualizações a seguir:

RAIVA É LOUCURA: Ele ficou louco de raiva.

RAIVA É UM FLUÍDO QUENTE EM UM RECIPIENTE: Maria estava fervendo de raiva.

RAIVA É UM ANIMAL CATIVO: João soltou sua raiva.

RAIVA É UM Oponente em uma luta: Renata estava lutando contra sua raiva. (KÖVECSES, 2004, p. 21)

Kövecses (2004) tornou-se referência para os estudos que analisam a conceptualização de metáforas de emoção. Embora o autor tenha desenvolvido pesquisas considerando a língua inglesa, ele previu metáforas com alto potencial para a universalidade, como demonstramos ao elaborar exemplos usados em língua

portuguesa, para as metáforas conceituais acerca de RAIVA, elencadas por Kövecses.

De acordo com Kövecses (2002), grande parte das expressões linguísticas relacionadas a emoções humanas são metafóricas ou metonímicas

se examinarmos as sentenças de expressões linguísticas que são comumente usadas pelos falantes nativos para falar sobre emoções, descobrimos que a maioria delas são figurativas, ou seja, metafóricas ou metonímicas por sua natureza (KÖVECSES, 2002, p. 111).

Os seres humanos são capazes de experimentar uma variedade de emoções; contudo, para Kövecses (2002), as emoções mais recorrentes são raiva, medo, felicidade e tristeza. Segundo o autor, cada cultura conceptualiza as emoções de maneira específica, porque mesmo que pessoas de diferentes culturas passem por eventos semelhantes é quase impossível que essas pessoas os experienciem exatamente da mesma maneira.

Abreu (2015) classifica as emoções como “fenômenos multimodais já que elas estão ligadas a aspectos corporais, comportamentais, mentais, subjetivos e culturais” (p. 101), estando, portanto, configuradas num campo multidisciplinar. A autora argumenta ainda que é possível estruturar conceitos abstratos, como as emoções, em termos de experiências mais concretas porque a conceptualização das emoções se constitui a partir de nossas experiências corporais e de nossa interação com o mundo.

De acordo com Kövecses (2002), as emoções humanas estão ligadas, em muitas culturas, a aspectos biológicos e fisiológicos do corpo humano, e as metáforas relacionadas à emoção surgem das experiências corporificadas recorrentes que emergem da interação entre nosso corpo e o mundo externo. Mais uma vez, o teórico chama nossa atenção para a ação dos elementos socioculturais na construção metafórica, pois, de acordo com ele, “as construções sociais recebem uma base corporal e a motivação corporal recebe uma substância sociocultural” (KÖVECSES, 2002, p. 35). Pensando nisso, no próximo tópico apresentaremos alguns dados históricos, culturais e da cosmovisão indígena sobre esse assunto.

2.3.1 Coração: pressupostos dentro da cosmovisão indígena

A partir do pressuposto de que a cultura influencia na produção de metáforas acerca das emoções, cabe-nos fazer uma pequena abordagem acerca da cosmovisão Pataxó. Como já mencionado, os pataxós possuem uma forte ligação com a Terra, considerando-se como partes integrantes do espaço que ocupam. Dessa maneira, parte das expressões metafóricas acerca de emoções, produzidas por eles, está ligada a sentimentos pelo planeta Terra.

Adotaremos a noção de cultura sob uma perspectiva antropológica, definida como “um conjunto relativamente integrado de conhecimentos e de crenças, característico de uma comunidade, organizado por padrões e adquirido no seu meio através da interação dos seus membros” (BATORÉO, 2015, p. 05).

Para Dantas e Morais (2008), os povos indígenas concebem a terra como um espaço onde se vive, um espaço de liberdade, um lugar de realização das culturas, em que o conhecimento é construído a partir da cosmologia individual e coletiva, elaboradas por experiências sociais que, em muito, se diferem do modelo social capitalista. Por isso, “a concepção da territorialidade indígena e dos povos tradicionais se pauta por princípios diferentes daqueles que regem o direito da propriedade privada” (SANTILLE, 2005, p. 11).

De acordo com Lima e Oliveira (2017), nos territórios indígenas, a perpetuação e a produção de saberes e fazeres está diretamente relacionada ao meio ambiente e o fato de estarem no mundo, essas crenças, baseadas em sua cosmovisão, consolidam a identidade étnica do grupo. O mesmo autor afirma que a ligação dos povos indígenas com a natureza não se vincula apenas à perspectiva territorial, mas resulta de sua cosmovisão e da construção de saberes associados ao ambiente.

Complementarmente, podemos citar a fala de Krenak em seu texto *Ecologia Política*, no qual assevera que

Ecologia, para quem vive em uma floresta, é floresta viva a respirar e a inspirar: a vida da floresta é o suporte para a materialidade e a espiritualidade da existência, da cultura e da produção/reprodução da subsistência”. (KRENAK, 2018b, p. 01)

O autor salienta que o indígena é capaz de sofrer pela degradação de um rio, ou de um espaço como uma montanha ou uma floresta, porque ele trata todos esses elementos como parte de si mesmo, de sua família. Sendo assim, a morte de um rio ou de um trecho da floresta é como a morte de um familiar.

Esse posicionamento é, em parte, político, uma vez que demonstra, para as grandes corporações, que os espaços ocupados pelos indígenas não estão à venda, não devem ser corrompidos. Os indígenas estão empenhados em proteger seu espaço e em conviver em harmonia com a natureza. Dado que, para eles,

Pertencer ao lugar é uma forma de romper com esse ciclo do oprimido que vem a ser opressor. Indígena é aquele que vem do lugar. Ser do lugar marca a diferença do não lugar. O sujeito coletivo pertence ao lugar, é o oposto político do lugar que pertence ao indivíduo. (KRENAK, 2018b, p. 02)

Dessa maneira, percebemos que a comunidade indígena produz metáforas ligadas à emoção, referindo-se ao planeta Terra e a elementos naturais, motivados por sua cultura, o que faz com que eles considerem os elementos naturais como sendo parte de sua família, sendo natural expressarmos sentimentos e emoções por familiares.

Nas comunidades indígenas, assim como nas demais culturas, algumas partes do corpo são consideradas mais ligadas às emoções e sentimentos, manifestando-se metaforicamente. Após analisar os dados coletados, percebemos que a metáfora conceptual emergente foi CORAÇÃO COMO CENTRO DAS EMOÇÕES, motivo pelo qual discorreremos acerca de estudos pregressos envolvendo essa metáfora.

2.3.2 Estudos pregressos sobre a metáfora Coração

Conforme já abordado no subcapítulo 1.5, no qual discorreremos sobre Esquemas Imagéticos, com base nos estudos de Lakoff (1987), percebemos que um dos esquemas imagéticos mais recorrentes é PARTE/ TODO. Com base nesse esquema imagético, percebemos o corpo como algo formado por cabeça, tronco e membros, dentre outras partes. Essa percepção permite que formemos metonímicas focalizadas em partes específicas do corpo, sendo que algumas dessas conceptualizações, como “pedir a mão em casamento” são consagradas.

Quando produzimos metáforas em que o coração é interpretado como o centro das emoções, estamos recorrendo ao esquema imagético PARTE/TODO, tendo em vista que, em uma frase como “Meu coração está cheio de tristeza”, apesar de nos referirmos somente ao coração, todo o corpo está representado. Dessa maneira, entendemos que é possível haver representações metafóricas relacionadas à metáfora conceptual CORAÇÃO COMO CENTRO DAS EMOÇÕES

que sejam orientadas pelo esquema imagético PARTE/TODO, descrito por Lakoff (1987).

Rocha *et al.* (2018) analisaram discursos proferidos pelo Papa Francisco entre 2013 e 2015, identificando metáforas conceptuais emergentes de fraseologismos, tendo como mote a unidade lexical *coração*. Dentre as metáforas encontradas nesse estudo, as mais recorrentes foram as que conceptualizaram o coração como um recipiente de emoções, tanto positivas (como: amor, alegria, humildade, bondade e sinceridade) quanto negativas (como: indiferença, insensibilidade e frieza).

Souza e Staliano (2020) analisaram a metáfora conceptual CORAÇÃO COMO CENTRO DAS EMOÇÕES E DA VIDA em um *corpus* formado por entrevistas realizadas com pacientes cardíacos, atendidos em um hospital municipal de Dourados/MS, entre 2018 e 2019. De acordo com as autoras, “os simbolismos atribuídos ao coração por pacientes cardíacos perpassam pela compreensão desse ser um órgão ligado, intrinsecamente, à vida e às emoções” (p. 01). A produção de metáforas que conceptualiza o coração como centro das emoções e da vida ocorre pelo simbolismo atrelado ao coração, e a compreensão desses simbolismos pode auxiliar os psicólogos a intervirem de maneira mais assertiva no tratamento de tais pacientes.

Estudos de Batoréo (2004) indicam que, na cultura ocidental, é comum referir-se ao coração como o local em que as emoções estão centralizadas. A autora elenca uma série de exemplos, analisando o português de Portugal, em que esse conceito transparece, como: “*digo-te isto do coração, o desgosto amoroso partiu-lhe o coração, são coisas do coração*” (p. 200)

Já os dados de estudos linguísticos realizados a partir da cultura chinesa por Yu (2007) indicam que o coração chinês detém não somente as emoções, como também a razão. Essa diferença ocorre principalmente por questões ligadas à cultura, de acordo com Yu (2007) a cultura confucionista e taoísta considera o coração como a parte que governa o corpo já que ele controla a razão e, portanto, pode refrear as emoções e conduzir a moral. Por outro lado, a medicina tradicional chinesa acredita que o coração governa o corpo, juntamente com os outros órgãos, administrando as funções corporais e alimentando-o com as emoções. Dessa maneira, unindo religiosidade e medicina, os chineses consideram o coração como o receptáculo das emoções e da razão.

Há ainda o estudo elaborado pelo pesquisador Erich BeRendt (2011), denominado *The 'Heart' of Things: A Conceptual Metaphoric Analysis of Heart and Related Body Parts in Thai, Japanese and English*, como o próprio título adianta, realizou análises comparativas da metáfora conceptual CORAÇÃO em tailandês, japonês e inglês. Para o teórico, “um exame, em particular, de expressões centradas no coração pode revelar aspectos significativos dos modos de pensar na cultura de cada língua” (p. 65). Ao realizar comparações desse tipo é possível compreender aspectos emotivos, afetivos, de racionalidade, construindo assim uma visão de como o discurso humano pode ser realizado.

De acordo com BeRendt (2011) em japonês, as expressões estão centradas na barriga e equivalem às expressões que, em tailandês e inglês, estão relacionadas ao coração. Em tailandês, a expressão “jai” (coração) possui significados metafóricos que indicam diferentes modos de pensar, sentir e relacionamentos, ou seja, atributos das pessoas em suas inter-relações sociais. Há ainda a expressão “jit-jai” (cabeça-coração) em que se usa duas partes do corpo de uma pessoa para indicar seu estado de espírito, aqui, “O "Coração" e a "Cabeça" são vistos como ENTIDADES nas quais o equilíbrio é crucial” (p. 71). Já a expressão tailandesa “im jai” (coração contente) é usada para expressar felicidade plena, em seu estado mais completo, sendo uma representação da metáfora conceptual O CORAÇÃO COMO CONTEÚDO É COMPLETO. A expressão “Sabaay jai” (coração confortável) é usada para indicar o contentamento como um estado fluido e calmo, sendo um exemplo da metáfora O CONTEÚDO DO CORAÇÃO ESTÁ ESTABELECIDO. Em “Jai haay jai” (coração perdido; coração derrubado) temos um exemplo da metáfora CORAÇÃO É UMA ENTIDADE, em que o coração é apresentado como uma entidade assustada ou chocada e também significa perda do conteúdo do coração resultando em medo muito intenso. Na língua japonesa, as principais metáforas conceptuais encontradas foram: CORAÇÃO COMO ENTIDADE, CORAÇÃO COMO RECIPIENTE, ÁGUA COMO FONTE DE VIDA e ENTIDADE ESTÁVEL COMO BOA.

Em relação ao tailandês, BeRendt (2011) afirma que o budismo guia os ideais de comportamento sociais ditando tanto seus modelos quanto a forma como se tecem as críticas, dessa maneira, eles produzem metáforas específicas, tais como: *Aw jai klaw maa sai jai raw* (levar o coração de outra pessoa ao seu coração) essa metáfora significa ser atencioso e empático, refletindo o ideal budista da compaixão e é parte da metáfora conceptual CORAÇÃO COMO UMA ENTIDADE. Já a

expressão *Naam Jai* (coração de água) integra a metáfora conceptual CORAÇÃO COMO CONTÊINER, em que o coração é visto como um recipiente para a água. Essa metáfora indica uma pessoa atenciosa, também indica uma crítica pois a falta de água é algo grave na Tailândia, um país que depende da água para o cultivo de arroz por isso também há expressões como *naan sai jai jing* (coração como água clara) significa uma pessoa cuja mente e o coração são bons e *jai haeng* (coração seco) que significa uma pessoa fria e desanimada. As principais metáforas encontradas em tailandês foram CORAÇÃO COMO ENTIDADE, ÁGUA COMO FONTE DE VIDA, CORAÇÃO SUSTENTADO PELA ÁGUA, CORAÇÃO SUSTENTADO PELA ÁGUA É EMOCIONALMENTE FORTE.

Ao realizar análises em língua inglesa BeRendt (2011) encontrou metáforas CORAÇÃO COMO ENTIDADE/CONTÊINER motivando expressões como “é de partir o coração”, “coração de ouro”, “coração de pedra”, “coração frio”, “em seu coração”, “ganhar o coração”, “perto do coração” e outras, em que as atitudes negativas são expressas por termos como “duro” e “frio”, assemelhando-se aos dados tailandeses e japoneses, enquanto as atitudes positivas são expressas por palavras como “ouro”, “perto do coração” e “dentro do coração”. Aparecem ainda expressões que relacionam o coração como o espaço do amor e do afeto, essas motivam metáforas como “dar/entregar o coração”, “ter ou ganhar o coração de uma pessoa”, “perder o coração”, “perto do coração”. Por fim, temos as expressões metafóricas em que o coração é visto como fonte de coragem, tais como: “tomar o coração”, “arrancar o coração” e “coração corajoso”. Assim, as principais metáforas acerca do coração encontradas no inglês foram: CORAÇÃO É UMA PESSOA, CORAÇÃO COMO ENTIDADE/CONTÊINER, CORAÇÃO COMO LOCAL DAS EMOÇÕES.

Assim, o autor conclui que a construção de metáforas, as expressões idiomáticas e outras expressões relacionadas ao coração ou a outras partes do corpo, refletem diretamente a cultura e valores de uma sociedade, representada através da linguagem.

Como foi possível notar, metáforas relacionadas ao coração como centro das emoções podem ser encontradas em vários âmbitos e linguagens, o que corrobora com os dados a serem analisados ao longo do Capítulo VI, no qual apresentaremos os dados coletados na comunidade indígena Pataxó Imbiruçu.

Este bloco foi construído a partir da metáfora conceptual CORAÇÃO COMO CENTRO DAS EMOÇÕES, nele, trouxemos pressupostos teóricos, estudos pregressos e dados sobre a história, a cultura e a cosmovisão indígena. O bloco a seguir tratará das metáforas DIFICULDADES SÃO PESOS e organiza-se em dois tópicos, o primeiro tópico versará sobre dados teóricos, o segundo, sobre estudos já realizados dentro desta temática.

2.4 Dificuldades são pesos

Conforme abordado no início do Capítulo 1, Lakoff e Johnson (1987) classificaram as metáforas conceituais em três tipos: estruturais, orientacionais e ontológicas. Aqui, tomaremos como foco as metáforas orientacionais, uma vez que elas se ligam diretamente ao tema a ser tratado nesta seção. Para Lakoff e Johnson (1980), as metáforas orientacionais, além de estruturarem um conceito em termos de outro também auxiliam na organização do sistema global de conceitos, já que, grande parte delas, está ligada a orientação espacial, exemplo “para cima/para baixo”, “dentro/fora”, “profundo/superficial”. Costumamos relacionar eventos positivos “para cima” e os negativos “para baixo”.

Na seção 2.4, em que discorreremos sobre o tema Metáforas e Cultura, retomamos a metáfora primária BOM É PARA CIMA e RUIM É PARA BAIXO. Ampliando os conceitos, é possível associar essa metáfora à forma como nossos corpos experienciam sensações como fadiga, tristeza, sono, que, geralmente, fazem com que nosso corpo fique literalmente para baixo, enquanto experiências como estar alegre, animado, ativo e acordado, colocam nosso corpo para cima.

Ao elaborar expressões metafóricas relacionadas à metáfora conceptual DIFICULDADES SÃO PESOS, estamos usando nossas experiências corpóreas para conceptualizar experiências mais abstratas. Dentro dessa perspectiva, temos metáforas já consagradas como *parece que tirei um peso das minhas costas*, carregar algo pesado nas costas faz com que nosso corpo fique literalmente projetado para baixo, devido ao peso que estamos carregando. Essa experiência corpórea faz com que possamos associar uma dificuldade muito grande a algo pesado, levando-nos a conceptualizar as dificuldades em termos de pesos (LAKOFF; JOHNSON,1987). Para fornecer um cenário de discussão mais

aprofundado, no tópico a seguir apresentamos alguns estudos já realizados, assentados no mesmo tema.

2.4.1 Estudos precursores sobre DIFICULDADES SÃO PESOS

Gibbs Jr e de Macedo (2010) apresentam uma análise da metáfora conceptual DIFICULDADES SÃO PESOS. Em sua elaboração, os autores aplicaram cinco experimentos psicolinguísticos para cinco grupos formados por estudantes brasileiros, falantes de português, com idades entre 18 e 25 anos.

O primeiro experimento foi um questionário que continha perguntas relacionadas a efeitos corporais e psicológicos produzidos por ações relacionadas à noção de peso, cada questão era seguida por uma palavra positiva e outra negativa e os participantes deveriam escolher apenas uma delas. O segundo teste foi composto por 21 questões abertas, visando testar os efeitos físicos e psicológicos de ações relacionadas ao peso sobre o corpo. Como resposta, os estudantes tinham que elaborar pequenos parágrafos ou descrições.

O terceiro experimento procurava apresentar diferentes textos relacionados à metáfora conceptual DIFICULDADES SÃO PESOS. Após cada texto, foram colocadas duas metáforas, uma licenciada pela metáfora conceptual mencionada e outra licenciada por outra metáfora também pertinente ao contexto. Após a leitura, cada participante deveria escolher a metáfora que mais se adequava ao texto lido. Os experimentos 04 e 05 consistiam em realizar correspondência entre imagens, sendo que no Experimento 04, a partir da mesma imagem os participantes tiveram que realizar uma tarefa de escolha de palavras, uma tarefa de produção de novas palavras e uma tarefa de produção de textos. Por fim, no Experimento 05, cada participante recebeu um texto narrando descrições físicas de experiências com pesos e, após cada texto, havia uma sentença metafórica. A tarefa dos participantes foi avaliar a relação entre a sentença metafórica e o texto lido utilizando a escala de sete pontos.

Os resultados da realização desses experimentos sugerem que as experiências relacionadas a peso são concebidas em termos de dificuldades quando associadas aos efeitos físicos do peso sobre o corpo, o que leva a crer na existência de uma base sensório-motora para o surgimento dessa metáfora. Os autores perceberam também que, além da base sensório-motora, os fatores socioculturais

desempenham um papel na imagem mental que as pessoas têm acerca das cenas relacionadas a peso, ativadas pela metáfora.

Outro estudo interessante foi elaborado por Siqueira *et al* (2010), denominado *Metáfora e Cultura: uma interface entre a Linguística e a Antropologia*. Aqui, abordaremos apenas a parte do artigo relacionado à metáfora DIFICULDADES SÃO PESOS. O estudo foi realizado com 32 alunos de 5º série, da zona urbana e da zona rural, na cidade de Porto Alegre. Os alunos foram expostos a sete figuras, apelidadas de Duni, cada uma delas representando uma metáfora primária. Os alunos realizaram duas tarefas, uma delas era relacionar um Dune a uma metáfora primária.

Todos os participantes relacionam o Dune com as pernas dobradas à metáfora DIFICULDADES SÃO PESOS, justificando que ele parecia estar carregando um peso, ao serem questionados, deram as seguintes respostas: “Parece que faz mais esforço”; “Porque tá quase caindo”; “Tá meio torto”; “Por causa das pernas, estão tortas e ele não consegue carregar” (SIQUEIRA *et al*, 2010, p. 32). Para as autoras isso ocorre porque os alunos já observaram situações em que o corpo da pessoa se curva por causa do peso que ela carrega, dessa maneira, deram respostas que mostram que eles percebem o desconforto decorrente de carregar algo pesado, indicando a motivação experiencial para o mapeamento entre DIFICULDADE e PESO.

Finalizamos aqui o Capítulo 2, nele, além de trazermos os pressupostos teóricos já esperados no âmbito das pesquisas em Linguística, optamos por trazer ainda uma série de estudos progressos e informações sobre a cosmovisão, cultura e história Pataxó, acreditamos que esse conhecimento será fundamental para compreender os dados coletados. No próximo capítulo, trataremos das Metáforas Gestuais, que também são objeto de nosso estudo, apresentaremos um referencial teórico consistente, bem como exemplos retirados dos dados coletados durante as visitas na comunidade Pataxó Imbiruçu.

CAPÍTULO 3 – ENREDANDO GESTOS

Este capítulo é dedicado ao estudo dos gestos, pois acreditamos que os incluir é de suma importância. Durante a análise dos dados coletados, encontramos inúmeros gestos metafóricos, icônicos, dêiticos e rítmicos. Portanto, neste capítulo, forneceremos um aporte teórico que nos auxiliará na análise dos gestos metafóricos, além de explorarmos os demais tipos de gestos.

A primeira seção tem como objetivo realizar uma abordagem mais generalista dos gestos, destacando que eles se manifestam desde a infância e acompanham as pessoas ao longo da vida. Essa área de estudo é explorada pela Linguística Cognitiva, bem como por outras disciplinas científicas. Para fundamentar esse tópico, utilizamos teóricos como Kendon (2004), Knapp e Hall (1999), McNeill (1985, 1987, 1989, 1992) e outros.

A seção 3.1 aborda a definição e análise dos gestos, e desde o início apresentamos definições com base em Cotrim (2018), Müller e Cienki (2009) e Cienki (2008). Em seguida, apresentamos a classificação dos gestos com base em Cienki (2017), que os divide em quatro tipos: gestos rítmicos, gestos dêiticos, gestos icônicos e gestos metafóricos. Também incluímos um estudo de Hotze (2014) sobre a influência que os gestos exercem na compreensão da fala e outro de Miranda (2013, 2017) que trata das ligações dos gestos com a construção das metáforas multimodais. Essa seção foi construída com base nos pressupostos teóricos de McNeill (1992), Cienki e Müller (2014), Mittleberg (2014), Cienki (2008), entre outros.

Na seção 3.1.2, abordaremos os Gestos Dêiticos. Começamos com uma definição de McNeill (1992) e, em seguida, entrelaçamos com a teoria de Lakoff e Johnson (1980) sobre a orientação espacial das metáforas. Além disso, apresentamos as considerações de Marmaridou (2000) sobre o esquema imagético *Centro/Periferia*. Para concluir, apresentamos e analisamos um exemplo de Gestos Dêiticos retirado de nosso corpus de dados.

A seção 3.1.3 é dedicado à análise dos Gestos Icônicos. Começamos com uma definição e, em seguida, apresentamos uma argumentação teórica baseada em Pereira (2010), Avelar *et al* (2014) e Cienki (2017). Em seguida, apresentamos e analisamos um gesto dêitico retirado de nossa base de dados coletados.

Na seção 3.1.4 vamos abordar os Gestos Rítmicos e também se inicia com sua conceitualização, baseado em Cienki (2017) e McNeill (2005), logo em seguida

a tese de doutorado de Ingrid Vilà-Giménez, que realizou três estudos, com 45 crianças, com idades entre 14 e 58 meses, acerca da produção de gestos rítmicos. Para finalizar, apresentamos e analisamos um gesto rítmico retirado de nosso corpus.

O capítulo encerra-se com a discussão teórica sobre os Gestos Metafóricos. Começamos elucidando as metáforas e, em seguida, abordamos os gestos metafóricos. Estabelecemos conexões teóricas entre Cienki (2008), Miranda (2013), Cienki e Müller (2008), Müller (2004), entre outros. Apresentamos o gesto metafórico correspondente a BOM É PARA CIMA/RUIM É PARA BAIXO, utilizando quatro exemplos que são analisados e discutidos, encerrando o capítulo. Para concluir, apresentamos o conceito do Gesto do Globo, com base nos estudos de Lapaire (2016), encerrando o capítulo.

3.1 A Gestualidade

A gestualidade constitui uma das primeiras formas de comunicação natural e simbólica. Logo após o nascimento, as crianças já começam a se movimentar e, com o tempo, utilizam gestos para apontar, sinalizar e expressar diversas motivações. Os gestos naturais auxiliam as crianças no processo de comunicação e na construção de conceitos, representando uma maneira para elas interagirem até que tenham domínio efetivo da linguagem verbal. De acordo com Lima (2012, p. 02), “os gestos contribuem para o desenvolvimento de símbolos e desbravam o caminho para a linguagem falada”.

O contato com a gestualidade inicia-se na infância e persiste ao longo de toda a vida. Nossa linguagem é permeada por gestos, que auxiliam na comunicação e na organização dos pensamentos. Dessa forma, esses signos também são objetos de estudo da Linguística Cognitiva, assim como de outras ciências.

Kendon (2004) apresenta uma retrospectiva histórica dos estudos sobre gestualidade. Segundo esse teórico, os primeiros estudos foram realizados por gregos e romanos por volta do século XVI. No século XVII, essas investigações ofereceram uma enorme contribuição ao considerarem os gestos como uma forma de linguagem universal.

No século XVIII, ocorreu um aprofundamento nos estudos sobre a origem da linguagem gestual, especialmente no contexto da comunicação utilizada por

pessoas surdas e mudas. No século XIX, outras disciplinas como antropologia e psicologia contribuíram para alguns avanços nessa área. Entretanto, no final do século XIX, houve uma estagnação nas pesquisas. De acordo com Kendon (2004), foi somente em 1970 que as pesquisas foram retomadas e, desde então, têm crescido de forma significativa, estabelecendo-se como um campo consolidado de estudo

De acordo com Knapp e Hall (1999), o estudo dos gestos sempre despertou interesse na sociedade, como exemplificado pela obra *Institutio Oratoria* de Quintiliano, escrita no século I. Esse interesse se intensificou após a Segunda Guerra Mundial, resultando na publicação de trabalhos em diversas áreas. Entre os pesquisadores destacam-se o antropólogo Ray L. Birdwhistell, o antropólogo Edward T. Hall, o psiquiatra Jurgen Ruesch, e o fotógrafo Weldon Kees, cuja obra intitulada *Nonverbal communication: notes on the visual perception of human relations* (1957) provavelmente foi uma das primeiras a utilizar o termo "não verbal" no título de uma obra.

Segundo Knapp e Hall (1999), durante a década de 1970, houve um aumento na publicação de livros que tinham como objetivo ensinar às pessoas como utilizar gestos e expressões corporais para diversos fins, como aumentar as vendas, atrair um parceiro sexual, detectar mentiras, entre outros. No final dessa década, nos Estados Unidos, surgiu um novo perfil de pesquisa sobre gestos, com a publicação de alguns autores, como David McNeill, que discutia a relação multimodal entre gesto e fala, e Adam Kendon, que discutia o funcionamento do sistema de gestos e fala.

Para Kendon (2004), os gestos estão relacionados ao discurso; diante disso, o autor levanta quatro pontos que podem ter despertado o interesse dos pesquisadores nesse estudo. O primeiro é o questionamento sobre a forma como os gestos e a fala são produzidos, uma vez que eles podem ser percebidos como formas integradas de expressão, constituídas pelo mesmo mecanismo, ou, por outro lado, como forma separada de produção de sentido, e, nesse caso, a integração se daria devido à existência de um objeto em comum entre eles. Nas palavras do autor,

[...] um exame fechado da coordenação dos gestos e a fala sugere que as duas formas de expressão são integradas, produzidas juntas sob a orientação de um objetivo comum. Isto porque são expressões de duas formas de pensamento que são originadas como únicos, em processo interno? Ou são elas integradas como consequência de como a pessoa,

engajada na produção do enunciado, adapta dois modos separados de expressão e os combina em um único objetivo retórico? (KENDON, 2004, p. 2)

O autor ainda afirma que, ao realizarmos uma análise minuciosa dos processos de comunicação, perceberemos que as ações visíveis do corpo, por meio das quais os gestos são expressos, desempenham um papel central no processo de comunicação. O autor destaca a relação entre gesto e fala, tornando esse tópico o segundo ponto de interesse. No processo de comunicação, o gesto e a fala podem se alternar.

O terceiro ponto de interesse está relacionado ao fato de os gestos serem considerados uma forma de linguagem universal e natural. Eles podem ser espontâneos ou articulados, e até mesmo a linguagem gestual é influenciada por normas sociais.

Por fim, o quarto ponto de interesse aborda a importância de pesquisas voltadas para o estudo da origem e desenvolvimento da linguagem.

Nesse sentido, Kendon (2004, p. 3) afirma: "o estudo dos gestos, assim, parece nos prometer caminhos especiais nas formas individuais de expressão e transformação por processos sociais e códigos comunicativos socialmente compartilhados".

Dessa forma, os gestos compõem nossa linguagem, tornando-a multimodal. No campo da Linguística, Kendon (1972, 1980, 1981, 1990, 2005), como já mencionado, fez diversas contribuições para esse campo de estudo. Entre elas, destaca-se a primeira proposição de nomenclatura e classificação dos gestos. Além disso, McNeill (1985, 1987, 1989, 1992) também contribuiu para as discussões sobre a noção de gestualidade nas áreas de Psicolinguística e Linguística Cognitiva.

Após essa breve explicação sobre gestos e a evolução das pesquisas e produções científicas relacionadas a eles, vamos direcionar nossa atenção aos estudos de gestos no campo da Linguística Cognitiva, no qual esta pesquisa se insere. Para isso, vamos examinar as obras de teóricos como Cienki (1998), Cienki e Müller (2008), McNeill (1992), Mittelberg (2014, 2018), Nunez e Sweetser (2006), entre outros.

No subcapítulo a seguir, abordaremos a definição de gesto a ser adotada ao longo desta pesquisa, bem como a classificação dos gestos com base nas proposições de Cienki. Para cada classificação, forneceremos principalmente

exemplos retirados dos dados coletados por nós e apresentaremos uma breve discussão para ilustrar cada um deles.

3.1.1 Definição e Classificação dos gestos

Gestos são caracterizados por diferentes movimentos do corpo, incluindo expressões faciais, movimentos das mãos, dos braços, da cabeça, entre outros (COTRIM *et al*, 2018). Segundo Müller e Cienki (2009), os gestos são considerados como movimentos visíveis do corpo que não se limitam apenas à manipulação de objetos, como pegar algo, por exemplo. Os gestos podem ser realizados em diferentes partes do nosso corpo, como gestos de cabeça, gestos dos pés, movimentos realizados pelos olhos e encolhimento de ombros.

Müller e Cienki (2009) desenvolveram uma base teórico-metodológica que explora detalhadamente o conceito de gestos como formas visíveis de pensamento. De acordo com eles, os falantes utilizam as mãos como meio de orientar e expressar seu pensamento. Cienki (2017) enfatiza a importância de analisar cuidadosamente as repetições gestuais, especialmente os gestos metafóricos, pois eles representam metáforas conceituais. Assim como as metáforas, os gestos estão fundamentados em nossa experiência corporal. Portanto, sempre que possível, é importante estabelecer uma relação entre metáforas gestuais e o discurso verbal, uma vez que as metáforas são fenômenos cognitivos que não se limitam ao domínio linguístico.

Conforme apontado por Cienki (2008), gesto é definido como qualquer movimento corporal intencional. Eles podem ser caracterizados por uma variedade de movimentos corporais, como expressões faciais, movimentos de braços, cabeça, mãos, entre outros. No entanto, nem todo gesto é necessariamente metafórico. Assim como as metáforas consistem na representação de um domínio de experiência em termos de outro, com um domínio fonte e um domínio alvo, os gestos metafóricos, de acordo com Cienki (2017), apresentam duas modalidades distintas: a fala como domínio fonte e o gesto como domínio alvo.

Pensando nessa perspectiva, o autor categoriza quatro tipos de gestos espontâneos que ocorrem em conjunto com a fala. São eles: gestos rítmicos, gestos dêiticos, gestos icônicos e gestos metafóricos. Os gestos rítmicos são comumente utilizados para marcar palavras ou frases do discurso; os gestos dêiticos são utilizados para apontar uma entidade concreta ou um espaço; os icônicos, para

representar a forma ou o movimento das entidades físicas e os metafóricos representam conteúdos por meio de ideias abstratas (CIENKI, 2017).

No estudo dos gestos utilizados por bebês antes de adquirirem a linguagem oral, Hotze (2014) afirma que esses gestos exercem uma influência positiva na compreensão da fala. Os gestos realizados por bebês são considerados um sistema semiótico convencionalizado que atua como um meio para facilitar a comunicação pré-verbal. Segundo a autora, os gestos “guiam a criança desde a expressão gestual até o enunciado de uma única palavra e sentenças de duas palavras. [...] Até os três anos de idade, as crianças substituem os gestos por palavras e usam enunciados”¹³ (p. 1859).

Segundo Wilcox (2004), existe uma relação entre gestos e línguas. Além disso, o autor afirma que “toda língua é gestual e a origem da linguagem humana pode ser traçada por gestos visíveis”¹⁴ (p. 273-274). Assim como Lakoff e Johnson (2003) demonstraram que nosso pensamento é estruturado por metáforas, pesquisadores como Cienki e Müller (2008) e Gibbs (2017) também mostraram que os gestos podem ser utilizados de forma metafórica, mesmo quando o discurso em que ocorrem não é metafórico. De acordo com Cienki e Müller (2008, p. 1), “os gestos podem ser utilizados como ferramentas para o ouvinte/quem o vê construir a intenção de sentido do falante”¹⁵. Para Gibbs (2017), as metáforas conceptuais são importantes no uso e no entendimento das pessoas sobre os gestos. Segundo o autor,

gestos metafóricos retratam conteúdo semântico por meio de mapeamentos metafóricos, por exemplo, quando o falante faz o formato de um copo com as mãos para expressar ‘captar [segurar] uma ideia’, o que é motivado pela metáfora conceptual IDEIAS SÃO OBJETOS. (GIBBS, 2017, p. 232)¹⁶

Ao refletir sobre os gestos, Cienki (2008) faz distinção entre dois tipos. Existem gestos que possuem um significado fixo em uma determinada cultura e

¹³ “Gestures lead infants through several stages of first language acquisition and adopt a supporting function. They guide the child from the gestural expression to the one-word utterance right up to two-word sentences. [...] Until the age of three, children substitute the gesture by a word and use two words utterances” (HOTZE, 2014, p. 1859).

¹⁴ “language is gestural, and that the origins of human language can be traced to visible gestures.” (WILCOX, 2004, p. 273-4).

¹⁵ “can be used as a tool by the hearer/viewer in order to construct the speaker’s intended meaning.” (CIENKI, MÜLLER, 2008, p. 1).

¹⁶ “Metaphorical gestures depict semantic content through metaphorical mappings, such as when a speaker cups her hands to express “holding an idea,” which is motivated by the IDEAS ARE OBJECTS conceptual metaphor.” (GIBBS, 2017, p. 232).

gestos que são espontâneos, e às vezes até involuntários, cujos significados são dependentes do contexto. Os gestos espontâneos, de acordo com o autor, não possuem significado pré-determinado,

Segundo o autor, os gestos espontâneos não possuem um significado pré-determinado, mas “podem mostrar importantes *insights* no processo de formação do pensamento enquanto se produz linguagem e normalmente estão além da consciência”¹⁷ (CIENKI, 2008, p. 7).

Mittelberg (2018) destaca que os gestos possuem a capacidade de transmitir importantes aspectos semânticos e pragmáticos para o falante. Um dos objetivos do artigo é demonstrar que os gestos espontâneos frequentemente compartilham características e uma relevância semântica dos esquemas de imagem e das forças dinâmicas. A autora define os esquemas de imagem como padrões dinâmicos e incorporados de experiências recorrentes, que envolvem percepção visual, rotinas sensório-motoras e interações com o mundo físico e social. Segundo a autora, os gestos, enquanto comportamento comunicativo humano, podem ser utilizados conscientemente em diferentes graus durante a construção de significado.

A autora considera que os gestos são movimentos característicos do corpo humano, podendo ser realizados por diferentes partes, como a cabeça, os braços, o tronco ou até mesmo com o corpo inteiro. Esses gestos possuem uma função comunicativa e aquilo que é expresso por meio deles pode ser complementado pela fala e outros fatores contextuais. Ela argumenta que os esquemas de imagem e força desempenham um papel importante na construção dos gestos, auxiliando no surgimento de padrões entre os falantes e contribuindo para seus contextos de uso. Mittelberg (2018) também destaca que os gestos apresentam padrões profundamente enraizados na experiência corporal, permitindo que os falantes e ouvintes construam significado e compreensão mútua com base em estruturas esquemáticas de imagem, nas quais os gestos possibilitam reviver experiências ao descrevê-las. Para a autora, o ato de gesticular com as mãos é uma forma de representar, de forma metonímica, toda a pessoa que está gesticulando ou de retratar o comportamento de objetos ou pessoas, por exemplo, em uma cena na qual o falante tenha participado.

¹⁷ “they can provide important insight into the processes of formulating thoughts while producing language which are normally beyond conscious awareness” (CIENKI, 2008, p. 07).

Em seu trabalho, Mittelberg (2014) destaca que os gestos desempenham funções cognitivas, comunicativas e interativas, podendo desempenhar várias dessas funções simultaneamente. Ao diferenciar os gestos icônicos dos gestos metafóricos, a autora esclarece que os gestos icônicos são posturas corporais e movimentos realizados para representar objetos ou ações concretas. Nesse sentido, um gesto que representa um objeto ou algo diretamente relacionado à fala é considerado icônico. Por outro lado, se o gesto estiver relacionado a algo abstrato na fala, ele será considerado metafórico. Quanto à iconicidade dos gestos, a autora afirma que eles podem apresentar diferenças iconicamente distintas. Isso significa que a forma como os gestos são executados pode ser icônica em relação ao conteúdo que estão expressando. Por exemplo, um gesto que representa um objeto redondo pode ser realizado de uma maneira que sugira visualmente a forma circular desse objeto. Essa iconicidade nos gestos pode ajudar na compreensão e na comunicação efetiva entre os interlocutores. As explicações fornecidas por Mittelberg (2014) têm como objetivo destacar a relação entre a forma e o conteúdo dos gestos, mostrando como eles podem transmitir significado de maneira icônica ou metafórica, dependendo do contexto em que são utilizados. Ela explica que

[...] é preciso ter em mente que na fala espontânea gestos não precisam aderir a condições de boa formação ou a um código simbólico com dado mapeamento de significado de forma. Quando produzido com a fala, as ações cinéticas não precisam ser totalmente transparentes ou autoexplicativas. As formas gestuais geralmente não carregam toda a carga de comunicação, mas recebem partes de seu significado do conteúdo de fala concomitante. (MITTELBERG, 2014, p. 1716-1717)¹⁸

A autora argumenta que os gestos não são meras imitações ou reproduções do que está dentro ou fora do interlocutor, mas desempenham um papel ativo na codificação e estruturação das experiências. Além disso, os gestos podem estar envolvidos em processos associativos e criativos, contribuindo para a construção de significado.

Cienki e Müller (2014) discutem a relação da metáfora com diferentes funções comunicativas nos gestos, incluindo funções referenciais, relacionadas ao próprio discurso e pragmáticas. No entanto, eles afirmam que a relação entre a metáfora no

¹⁸ “One needs to bear in mind that spontaneous co-speech gestures do not need to adhere to well-formedness conditions or to a symbolic code with given form-meaning mappings. When produced with speech, kinetic actions do not need to be fully transparent and self-explanatory: schematic, polyvalent gestural forms usually do not carry the full load of communication, but receive parts of their meaning from the concurrent speech content.” (MITTELBERG, 2014, p. 1716-17).

gesto e o discurso em si varia de caso a caso. No que diz respeito aos emblemas, que são gestos que adquiriram funções simbólicas convencionalizadas, os autores explicam que esses gestos podem ser utilizados pelos falantes como sinais que têm o mesmo valor das palavras faladas em uma língua. Em algumas situações, os gestos emblemas podem até substituir palavras em determinados contextos de comunicação. Isso destaca a capacidade dos gestos de desempenhar um papel linguístico significativo e demonstra a complexidade e a flexibilidade da comunicação gestual.

No Brasil, destacamos pesquisas realizadas por Miranda (2013, 2017), que tratam dos gestos em suas ligações com a construção das metáforas multimodais, entre outros de seus aspectos. Em Miranda (2017), a autora reflete sobre gestos e iconicidade e afirma que “a iconicidade revela-se como uma dimensão importante para o estudo dos gestos, uma vez que a dimensão gestual, por ser imagética, é fundamentalmente icônica” (p. 99). Além de considerar os gestos como elementos direcionadores de atenção, ela afirma que, muitas vezes, eles podem ter o papel de referenciar um dêitico. Ela discute como os gestos são capazes de fornecer informações que não estariam disponíveis apenas com a modalidade oral da língua. Assim, segundo a autora, tem-se necessidade de analisar as especificidades dos gestos, “uma vez que eles contêm uma anatomia e uma sintaxe própria e distinta da linguagem verbal” (p. 104).

O teórico McNeill (1992) define os gestos como “movimentos dos braços e mãos que estão intimamente sincronizados com o fluxo da fala” (p. 11) e os categoriza em quatro tipos de gestos espontâneos que ocorrem com a fala. São eles: gestos rítmicos, gestos dêiticos, gestos icônicos e gestos metafóricos. Cada um desses gestos será explicado e exemplificado a seguir, entretanto, falaremos mais detidamente acerca dos gestos metafóricos, já que é o objeto deste estudo.

3.1.2 Gestos Dêiticos

Os gestos dêiticos, de acordo com McNeill (1992), são utilizados para apontar uma entidade concreta ou um espaço. Conforme Lakoff e Johnson (1980), as metáforas orientacionais estão intimamente ligadas à orientação espacial, caso dos exemplos já discutidos: *para cima/para baixo*, *dentro/fora*, *profundo/superficial*. Lakoff (1987) também cita o esquema imagético *centro/periferia* como também

sendo baseado em nossa experiência corporal. De acordo com o autor, “nós experienciamos nossos corpos como tendo centros (o tronco e o órgãos internos) e periferias (dedos da mão, dedos do pé, cabelos)” (p. 274).

Johnson (1987) afirma que, no esquema imagético “centro/periferia”, a base experiencial assenta-se no fato de o nosso corpo assumir um papel fundamental, já que “nosso mundo irradia, a partir de nossos corpos, como **centros perceptuais**, a partir dos quais **nós vemos, ouvimos, tocamos, experimentamos e cheiramos nosso mundo**” (p. 124, grifo do autor). Em outras palavras, isso significa que a compreensão do espaço e dos objetos nele organizados se dá a partir do nosso corpo; sendo assim, a depender do contexto e de nossa localização espacial, um mesmo objeto pode se configurar como algo que está “aqui” em um contexto e “ali” em outro contexto.

Marmaridou (2000) define, no esquema imagético *Centro/ Periferia*, o centro como sendo relativo ao corpo do falante e a periferia como os espaços em que o falante pode localizar determinados objetos dêiticos. Para a autora, uma expressão dêitica é aquela que tem como função formar um espaço mental capaz de posicionar o falante e o destinatário em um determinado espaço ou ponto no tempo. Nesse caso, o falante é o centro do fenômeno dêitico; por isso, os gestos dêiticos geralmente caracterizam-se pela extensão do braço em relação ao objeto dêitico no espaço.

Como exemplo de gesto dêitico, apresentamos o recorte a seguir. O gesto é realizado por Avati, membro da comunidade indígena Pataxó Imbiruçu, quando solicitado pela entrevistadora a falar um pouco sobre a destruição ambiental no lugar em que vive.

Exemplo 4:

“Ahhh sim, por exemplo, né, como a nossa aldeia é cercada de fazendas, aí tem várias plantações de eucalipto, né, que a água né, por exemplo, a água né, tinha muita água antigamente aqui, agora ela tá secando por causa dos eucaliptos ao redor”.

Figura 3 - Gesto dêitico



Fonte: GECEIR (2019)

Durante a interação, quando Avati se refere às fazendas que cercam a comunidade indígena, ele realiza um gesto preciso, com a mão direita para fora do corpo. Seu dedo indicador encontra-se apontado para fora, enquanto permanece com os outros dedos fechados. Trata-se de um gesto dêitico que, de acordo com Cienki (2017), pode ser usado para apontar uma entidade concreta no espaço. Nesse caso em específico, Avati aponta para as fazendas que cercam a comunidade.

Como é possível perceber, Avati realiza um gesto de *apontar*. Conforme Kendon (2004), esses gestos possuem um padrão semelhante já que a parte do corpo encarregada de apontar realiza um movimento preciso e dinâmico. Dessa maneira, a trajetória do movimento é claramente definida, seguindo a direção de um alvo em específico (as fazendas que cercam a comunidade).

Tomando como base os dados analisados por Avelar e Ferrari (2017), o gesto de *apontar para fora* é prototipicamente relacionado ao dêitico “lá” e, portanto, pode ser classificado como dêitico.

3.1.3 Gestos Icônicos

Para ser icônico, um gesto precisa estar estreitamente relacionado ao contexto discursivo em que foram realizados. Os gestos icônicos expressam uma tentativa figurada de representar um espaço ou objeto; para tanto, eles buscam revelar alguma característica do objeto ou espaço que buscam representar. Essa

característica pode se referir a formato, trajetória, localização, entre outros. Por exemplo, se o gesto icônico se refere a uma bicicleta em movimento, provavelmente o falante utilizará as mãos para fazer um gesto linear representando o movimento e a trajetória da bicicleta no espaço.

Os gestos icônicos são um importante instrumento de comunicação, pois ajudam a completar o sentido do discurso dentro de determinado contexto comunicacional; algumas palavras e ou orações, são mais bem descritas por meio dos gestos icônicos.

De acordo com Pereira (2010), “este tipo de gesto revela aspectos dos processos mentais dos falantes que não são articulados pela fala. Fornecem pormenores importantes para a interpretação dos elementos lexicais a que se referem” (p. 58). Ainda segundo o autor,

O sincronismo dos gestos icônicos com o discurso pode mostrar se são inconscientes (ex: esforço cognitivo) ou se estão sendo adicionados deliberadamente para o efeito consciente. Em um uso inconsciente, a preparação para o gesto começará antes que as palavras sejam ditas, enquanto no uso consciente há uma pequena demora entre as palavras e o gesto. (PEREIRA, 2010, p. 62)

De acordo com Avelar *et al.* (2014), movimentos gestuais como *apontar, socar, segurar, realizar ciclos, desenhar, delimitar fronteiras* etc., também são considerados movimentos icônicos de representação. Os gestos icônicos, sejam eles metafóricos ou não, são bastante importantes na comunicação pois eles acrescentam detalhes à imagem mental que o falante busca informar por meio de seu discurso.

De acordo com Cienki (2017), um gesto é metafórico quando não há um referente concreto dentro do discurso do falante, demonstrando uma ideia abstrata através de um gesto concreto. Nos gestos icônicos, os sujeitos representam ideias e objetos diretamente com seus corpos.

Em nossos dados, quando convidamos Potira, membra da comunidade indígena Pataxó Imbiruçu, a falar sobre a destruição ambiental em sua comunidade, ela faz um gesto que pode ser classificado como icônico. Veja esse exemplo abaixo:

Exemplo 5:

“A queimada, que destruiu nossas florestas. Os eucaliptos também, plantados nas **redondezas** que estão acabando com nossas nascentes”.

Figura 4 - Gesto icônico



Fonte: GECEIR (2019)

Antes da tomada de turno, Potira encontra-se em repouso, com as mãos no joelho. Após dar início à sua fala, ela faz o gesto que pode ser descrito como um movimento semicircular, da esquerda para a direita e de dentro para fora do corpo, com a mão direita e dedos abertos. Por meio desse gesto, cujo *stroke* coincide com o momento em que a entrevistada pronuncia o item lexical “redondezas”, ela procura enfatizar que as queimadas e as plantações de eucalipto ocorrem fora do território da comunidade indígena. No contexto enunciativo, tal gesto estaria indicando ‘delimitação de fronteiras’ e, por isso, poderia ser classificado como icônico e não metafórico.

Os gestos icônicos podem ser utilizados para expressar características tais como a *forma*, o *tamanho*, o *movimento* etc. e, também, características cinéticas, como *deslocamento* e *velocidade*. As palmas das mãos e dos dedos são posicionadas de forma a representar algo expresso por meio do discurso do falante. Assim, se ele, em seu discurso, refere-se, por exemplo, a uma bola e posiciona as mãos de modo a representar um objeto redondo, esse gesto será icônico.

O que difere um gesto icônico dos demais é o fato de ele estar intimamente ligado ao discurso, e expressar representações figuradas, referencial espacial ou algum acontecimento. O gesto icônico pode oferecer uma informação complementar ao discurso; entretanto, ele só será considerado icônico se houver uma relação muito próxima entre ele e o conteúdo expresso verbalmente. O gesto, então, exibirá significados de objetos e de ações, revelando aspectos dos processos mentais dos

falantes articulados por meio dos gestos icônicos que, dessa maneira, complementam a fala. Os gestos icônicos são importantes porque eles adicionam detalhes ao discurso que o falante está tentando comunicar, enriquecendo a comunicação.

Os gestos icônicos podem ser conscientes ou inconscientes. Serão conscientes quando usado intencionalmente e, nesse caso, haverá um pequeno atraso entre o pronunciamento dos itens lexicais e a expressão gestual. No uso inconsciente, o uso não é deliberado; portanto, a preparação para o gesto ocorre antes que seu referente no discurso seja dito.

3.1.4 Gestos Rítmicos

Cienki (2017) classifica os gestos rítmicos como sendo geralmente utilizados para marcar certas unidades lexicais ou frases do discurso. Esses gestos também podem estar ligados à fala. Eles são caracterizados por serem gestos curtos, realizados repetidamente com os dedos, com as mãos ou com os braços. De acordo com McNeill (2005, p. 40-41), esses gestos “conferem uma estrutura temporal ao que é dito, enfatizando a força combativa do argumento, independente do conteúdo expressado”. Os gestos rítmicos possuem amplitude restrita, são rápidos e podem ser repetidos várias vezes.

Em sua tese de doutorado, Ingrid Vilà-Giménez realizou três estudos. O primeiro foi feito com quarenta e cinco crianças entre 14 e 58 meses, com base em interações naturais entre essas crianças e suas cuidadoras. Os resultados mostraram uma grande produção de gestos rítmicos em comparação com a produção de gestos icônicos e de mãos.

Os estudos 02 e 03 foram realizados com 91 crianças de cinco e seis anos, que passaram por um processo de formação narrativa. Foi feito, também, uma comparação entre dados obtidos antes e após o processo de formação. Como resultado do Estudo 02, a pesquisadora concluiu que as crianças que ouviam narrativas que continham gestos rítmicos compreenderam melhor a estrutura da história narrada. E, como resultado do Estudo 03, percebeu-se que, ao serem convidados a produzir uma narrativa, as crianças que utilizaram em suas produções gestos rítmicos alcançaram um significativo ganho na qualidade de suas produções.

Esse estudo demonstra que, desde muito cedo, utilizamos os gestos rítmicos em nosso discurso. Ao longo da coleta de dados para a elaboração dessa pesquisa, também notamos a utilização desses gestos, como é possível ser observado no exemplo a seguir:

Exemplo 6:

“alegria...é muita alegria porque é resgatando aquilo que nossos velhos, que nossos antepassados perderam antigamente....né. Então para nós é a melhor satisfação **estar recuperando** o nosso idioma, a nossa língua.”

Figura 5 - Gesto rítmico



Fonte: GECEIR (2019)

Ao comentar sobre a satisfação de ter seu idioma recuperado, Iberê, membro da comunidade indígena Pataxó Imbiruçu, faz uma série de movimentos claros, não metafóricos, com as mãos. No momento do gesto, suas mãos ficam abertas, com os dedos também abertos, movimentando para cima e para baixo, paralelamente. São movimentos rápidos e curtos. Percebe-se que há uma relação entre os movimentos e o discurso do falante. Nesse contexto, o gesto rítmico está enfatizando e marcando a ação de recuperação do idioma expressa no discurso do falante.

3.1.5 Gestos Metafóricos

As metáforas são fenômenos cognitivos e abstratos porque existem em nossa mente e atuam em nosso pensamento. Além disso, nós sabemos que elas existem e podemos comprovar sua existência por meio da nossa fala e dos nossos gestos. Os estudos acerca dos gestos metafóricos ganharam força na década de 1980.

Desde essa época,

tem havido uma quantidade crescente de pesquisas que mostram que os gestos espontâneos durante a produção da linguagem, principalmente os gestos das mãos e antebraços, também podem constituir expressões metafóricas. (CIENKI, 2008, p. 16)

Os gestos metafóricos, de acordo com Miranda (2013), podem ser estudados como expressões de metáforas conceptuais; corroborando os estudos de Lakoff e Johnson (2002), que tratam a metáfora como um fenômeno cognitivo.

Ainda comentando sobre os gestos metafóricos, Miranda (2013) nos diz que “os gestos podem descrever espacialmente elementos do domínio-fonte de uma metáfora, algo que não é possível para expressões metafóricas da linguagem falada. As metáforas, então, podem ou não ser desencadeadas pelo conteúdo verbal do enunciado” (p. 32).

Mais à frente, o autor elucida que

[...] há metáforas expressas por meio de palavras que não podem ser expressas por meio de gestos, sobretudo em casos em que o domínio-fonte da metáfora verbal não pode ser expresso iconicamente em termos de forma, posição e movimento. Apresenta-se, portanto, um contraste entre as especificidades – e limitações – da modalidade visual, em que as metáforas possuem, sobretudo, uma natureza espacial, e as especificidades – e limitações – da modalidade verbal, em que as metáforas possuem uma natureza simbólica, podendo ser expressas por meio de referências a elementos como cores, por exemplo. (MIRANDA, 2013, p. 88)

De acordo com Cienki e Müller (2008), alguns gestos podem ser considerados emblemáticos por serem realizados de maneira consciente e possuem significados culturalmente arraigados, como o gesto “OK”, realizado majoritariamente de duas maneiras: (i) com o polegar e o indicador formando um anel ao tocar as pontas dos dedos juntos e (ii) com o polegar para cima na forma de um gesto positivo. Esses são diferentes dos gestos espontâneos, já que são produzidos, quase sempre, de maneira inconsciente durante a fala e não possuem significado pré-determinados; podendo fornecer informações importantes acerca do processo de elaboração do pensamento ao longo da fala.

Para Müller (2004), há três parâmetros úteis ao se considerar as metáforas conceituais e expressões metafóricas, a saber: o grau de convencionalidade de uma metáfora conceitual na cultura dada; o grau de convencionalidade de uma expressão metafórica em uma determinada cultura e o grau em que uma expressão metafórica é destacada em uma determinada instância de uso.

Cienki (2008) afirma que nem sempre as expressões metafóricas expressas linguisticamente serão acompanhadas por gestos metafóricos. Às vezes, expressões metafóricas na linguagem podem ser acompanhadas por gestos que não são metafóricos ou que têm "baixa metaforicidade". Do mesmo modo, pode haver expressões metafóricas em gestos que carecem de equivalentes na linguagem do falante.

O teórico enfatiza que o estudo dos gestos, no campo da Linguística Cognitiva, é importante, porque eles fornecem evidências para a base corporificada do pensamento; podendo representar, ainda, o espaço entre os elementos do domínio de origem de uma metáfora, algo que não é possível de se representar apenas com a linguagem verbal. Os gestos metafóricos desempenham papel importante na dinâmica entre o falante e o interlocutor, auxiliando o falante a expor logicamente suas ideias; dessa forma, organiza-se de maneira lógica seu discurso.

De acordo com Cienki (2008), o estudo do gesto tem ramificações para a pesquisa em metáfora, uma vez que fornece comprovação de algumas afirmações teóricas anteriores. O teórico afirma, ainda, que esses estudos levantam algumas preocupações nos níveis da teoria e do método, por isso os estudos de gestos metafóricos tendem a ganhar atenção crescente dos linguistas.

As teorias de Cienki, cujas análises acerca da metaforicidade dos gestos são bastante abrangentes, embasarão nossas análises de gestos metafóricos, haja vista que esse teórico apresenta estudos sobre a relação entre a linguagem verbal e os gestos que subsidiarão nossa análise. O ponto chave para verificar se o gesto é metafórico, ou não, consiste em observar se tal gesto “[...] envolve a interpretação de um mapeamento entre dois domínios” (CIENKI, 2008, p. 20).

Para este trabalho, optamos por selecionar apenas gestos realizados com as mãos. Na tentativa de apresentar uma elucidação, apresentamos a figura 6 em que vemos uma das fases da sinalização com as mãos.

Figura 6 - Gesto de Joia



Fonte: Arquivo Pessoal (2022).

Nesta figura, percebe-se um gesto realizado com as mãos, em que quatro dedos estão fechados e o polegar está ereto, voltado para cima. Esse gesto, popularmente conhecido como “joia”, de acordo com Cienki e Muller (2008) pode ser considerado emblemático, por ser realizado de maneira consciente e possuir significado culturalmente arraigado.

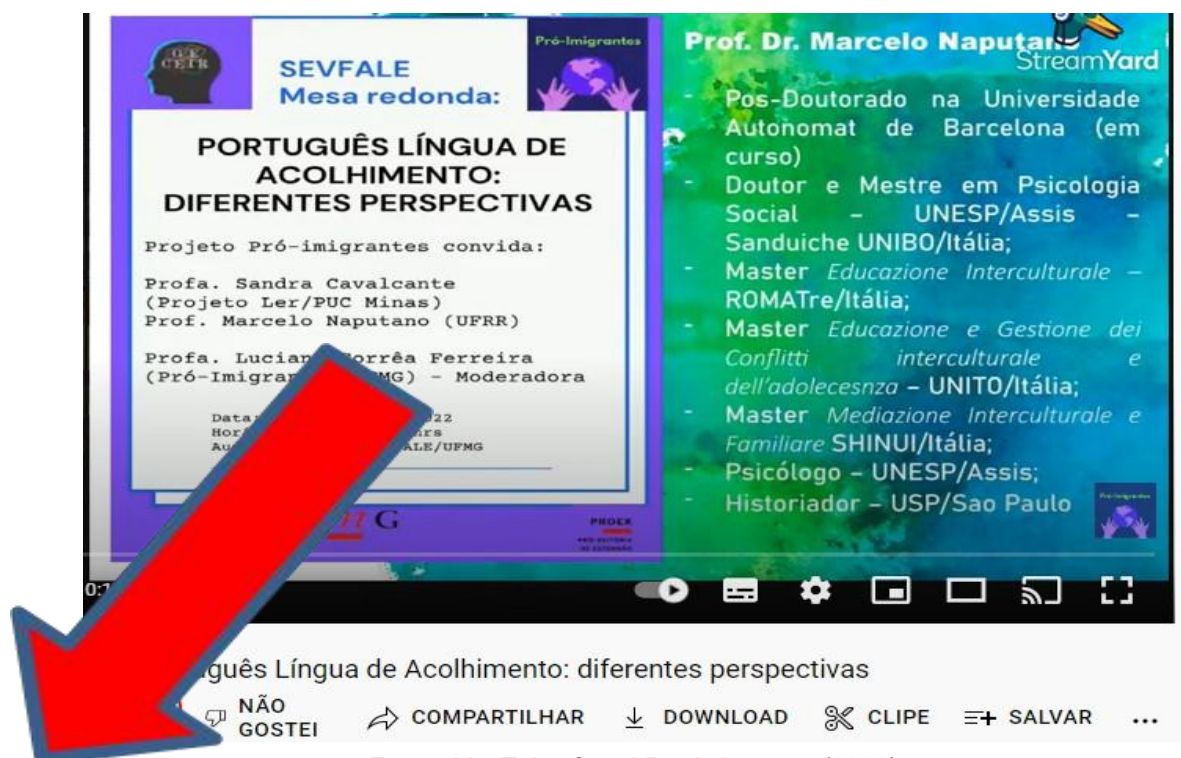
O gesto tratado está tão arraigado em nossa cultura que foi incorporado até mesmo às redes sociais e às plataformas de *streaming*, como a Netflix, conforme podemos ver nas figuras:

Figura 7 - Cartaz publicitário da série Cobra Kai (Netflix)



Fonte: Netflix (2020). Disponível em: <<https://www.netflix.com/watch/81002370?source=35>>. Acesso em: 13 nov. 2022.

Figura 8 - Canal do PROIMIGRANTES no Youtube



SEVFALE
Mesa redonda:

PORTUGUÊS LÍNGUA DE ACOLHIMENTO: DIFERENTES PERSPECTIVAS

Projeto Pró-imigrantes convida:

Profa. Sandra Cavalcante (Projeto Ler/PUC Minas)
Prof. Marcelo Naputano (UFRR)

Profa. Luciana Corrêa Ferreira (Pró-Imigrantes/UFMG) - Moderadora

Data: 22/03/2022
Horário: 19h30
Aula: SEVFALE/UFMG

Prof. Dr. Marcelo Naputano
StreamYard

- Pós-Doutorado na Universidade Autònomat de Barcelona (em curso)
- Doutor e Mestre em Psicologia Social - UNESP/Assis - Sanduiche UNIBO/Itália;
- Master *Educazione Interculturale* - ROMATre/Itália;
- Master *Educazione e Gestione dei Conflitti interculturale e dell'adolescenza* - UNITO/Itália;
- Master *Mediazione Interculturale e Familiare* SHINUI/Itália;
- Psicólogo - UNESP/Assis;
- Historiador - USP/Sao Paulo

Português Língua de Acolhimento: diferentes perspectivas

NÃO GOSTEI COMPARTILHAR DOWNLOAD CLIPE SALVAR ...

Fonte: YouTube Canal Pro-imigrantes (2022).

Figura 9 - Comentário em rede social



thought goes beyond what any machine can do.

"A mente é mais que um espelho da natureza ou um processador de símbolos, [...] não é um incidente para a mente que tenhamos corpos..."

[...] ...ade de compreensão e

Você, Carolina Passig e mais 4 pessoas

7 comentários

Danúbia Costa Teixeira 1 d

Coordenadora do Curso de Letras...

Fiquei muito feliz por sua postagem aqui e pela forma como você expôs a teoria, tornando-a acessível. Parabéns 🙌

Gostei · Responder 1 gostou

Fonte: LinkedIn - arquivo pessoal (2022).

As figuras 6 e 7 exemplificam a utilização desse gesto na Netflix – que é um serviço de *streaming* por assinatura; no Youtube – plataforma mundial e gratuita de compartilhamento de vídeos, e no LinkedIn – rede social profissional. Essas três mídias sociais são mundialmente utilizadas e podemos citar outros exemplos desse gesto em plataformas virtuais como Tinder, Facebook, Instagram, entre outros. Isso ocorre porque, como já explicitado antes, esse gesto possui significado culturalmente arraigado. Mas porque o fazemos, o que ele significa e porque é metafórico?

Na seção 3.1, em que discorremos sobre as metáforas orientacionais com base na classificação de Lakoff e Johnson (1980), explicamos que essas metáforas, além de estruturarem um conceito em termos de outro, também auxiliam na organização do sistema global de conceitos já que grande parte delas está ligada à orientação espacial, conforme os exemplos: *para cima/para baixo, dentro/fora, profundo/superficial*. Uma das metáforas orientacionais que utilizamos como exemplo foi BOM É PARA CIMA.

Tendo em vista que nossas experiências corporificadas nos levam a conceptualizar eventos positivos “para cima” e os negativos “para baixo”, esse gesto é considerado metafórico porque retoma a metáfora conceptual orientacional BOM É PARA CIMA, visto que, ao realizá-lo mantendo o polegar estendido para cima, o falante indica ‘coisas boas’, como: “estou bem”, “gostei”, “curti”, “está joia” dentre outros possíveis significados. Cabe reiterar que nossa motivação para a utilização de gestos como este possui base em nossas experiências corporais, sejam elas físicas ou culturais.

No caso desse gesto, o oposto também se sustenta; dessa maneira, realizá-lo mantendo o dedão posicionado para baixo é característico da metáfora conceptual orientacional RUIM É PARA BAIXO, fazendo que o gesto passe a caracterizar emoções ou situações ruins.

Com base no exposto, é possível dizer que esse gesto é metafórico e possui base experiencialista. Por ser um gesto cujo significado é culturalmente arraigado, ele também é utilizado em várias plataformas virtuais, permitindo que o expectador posicione-se manifestando se o conteúdo apresentado é bom, e nesse caso ele escolherá a imagem cujo polegar está posicionado para cima, ou ruim, quando poderá escolher a imagem cujo polegar está posicionado para baixo. Também nas interações sociais rotineiras, esse gesto é amplamente utilizado.

Outro gesto que merece destaque é o “gesto do globo”, ao realizá-lo a pessoa molda um globo no ar com as mãos, criando uma entidade limitada que corresponde a um conceito, geralmente, a entidade geralmente é nomeada durante a fala (MCNEILL 1992). Esse gesto costuma ser usado para delimitar um objeto abstrato (CALBRIS, 2011). Ao realizar esse gesto, o falante pode variar a largura e o tamanho do objeto delineado, posicionamento e orientação da mão ou dedo, esse gesto cria um senso de unidade e coesão pois agrupa vários itens (LAPAIRE, 2016).

Quando o gesto do globo é realizado ao longo do discurso, os interlocutores entram semioticamente em um mundo imaginário, para Lapaire (2016) para compreender a gesticulação abstrata é necessário ter uma espécie de fé semiótica, onde suspende-se a racionalidade para aceitar formas mentais e suas representações, dessa maneira o invisível torna-se palpável por meio da representação gestual. Esse gesto está na categoria dos condutos metafóricos, e segundo McNeill (1992) *apud* Lapaire (2016), condutos são

[...] metáforas pelas quais linguagem, significado, conhecimento, arte, gênero, etc., são apresentados como recipientes delimitados [...] b) a substância é embalada em um recipiente, e (c) o recipiente é passado para um recipiente por meio de um conduto. (MCNEILL, 1992, *apud* LAPAIRE, 2016, p. 147)

Dessa maneira, o gesto do globo é sempre voltado para o interlocutor, e funciona como uma ponte para estabelecer uma ligação mental entre a referência mental do falante, o contato visual entre falante e interlocutor e o objeto metafórico gestualmente representado. Para Lapaire (2016) o gesto do globo possui duas funções: isolar manualmente uma entidade e identificá-la verbalmente; e restabelecer a realidade do referente. Ao realizar o gesto, ele pode se dissolver ou evoluir para outro gesto, nessa evolução, o falante pode, por exemplo, mudar a configuração de mão, ou a direção do gesto, transformando-o em outro. Esse gesto pode ser visto em conversas informais e formais e emergiu nos dados coletados em campo ao longo dessa pesquisa.

Neste tópico não foram apresentados exemplos de metáforas gestuais retiradas de nosso corpus. No entanto, o capítulo 5, destinado a apresentar a análise dos dados coletados, apresentaremos exemplos de metáforas gestuais coletadas ao longo da pesquisa. Antes disso, no entanto, cabe-nos apresentar os métodos

utilizados para elaborar a pesquisa, coletar e analisar os dados, sendo assim, nosso próximo capítulo será o de Metodologia.

CAPÍTULO 4 – METODOLOGIA

Este capítulo destina-se a detalhar a metodologia utilizada na obtenção, seleção e análise dos dados que compõem nosso *corpus* de análise. Inicialmente, o tipo de pesquisa de que trata este estudo, bem como os sujeitos junto aos quais os dados foram coletados, são detalhados na seção 4.1.

A seção seguinte 4.1.1, destina-se à explanação do instrumento de coleta de dados.

Na seção 4.2 oferecemos um panorama pormenorizado acerca do software Elan, versão 5.8, utilizado na transcrição dos dados coletados. Para ilustrar o funcionamento do software, inserimos uma imagem da tela em que podem ser vistas as trilhas criadas bem como trechos da transcrição. Ainda no objetivo de detalhar o funcionamento do software, inserimos a figura 11 que demonstra os 3 momentos de análise propostos por Kendon (2004).

A seção 4.3 tem como foco nosso primeiro *corpus*: as metáforas verbais. Nele detalhamos o PIM - Procedimento de Identificação de Metáforas, explicamos como ocorreu a seleção e subdivisão das metáforas verbais e realizamos a aplicação do PIM em um dos dados coletados.

Na seção 4.4, tratamos de nosso segundo *corpus*: as metáforas gestuais. Iniciamos explicando a forma como esses gestos foram demarcados na trilha “Gestos Metafóricos” e posteriormente analisados, tendo como base o Procedimento de Identificação de Metáforas em Gestos, apresentado por Cienki (2017) e, por fim, selecionados de acordo com nosso recorte de pesquisa. Logo em seguida demonstramos a forma como eles foram analisados, a partir de Teßendorf (2014).

4.1 Tipo de Pesquisa e participantes

Essa é uma pesquisa linguística e de campo, que tem por objetivo analisar metáforas de MÃE TERRA, bem como metáforas relacionadas a proteção e a destruição ambiental advindas de dados coletados na comunidade indígena Pataxó Imbiruçu. Cabe ressaltar ainda que a pesquisa foi realizada em consonância com a Resolução CNS n° 304/2000, que trata das Normas para Pesquisas Envolvendo Seres Humanos – Área de Povos Indígenas, onde se lê:

2 - Qualquer pesquisa envolvendo a pessoa do índio ou a sua comunidade deve:

2.1 – Respeitar a visão de mundo, os costumes, atitudes estéticas, crenças religiosas, organização social, filosofias peculiares, diferenças linguísticas e estrutura política;

2.2 - Não admitir exploração física, mental, psicológica ou intelectual e social dos indígenas;

2.3 - Não admitir situações que coloquem em risco a integridade e o bem estar físico, mental e social;

2.4 - Ter a concordância da comunidade alvo da pesquisa que pode ser obtida por intermédio das respectivas organizações indígenas ou conselhos locais, sem prejuízo do consentimento individual, que em comum acordo com as referidas comunidades designarão o intermediário para o contato entre pesquisador e a comunidade. Em pesquisas na área de saúde deverá ser comunicado o Conselho Distrital;

2.5 - Garantir igualdade de consideração dos interesses envolvidos, levando em conta a vulnerabilidade do grupo em questão.

Dessa maneira, a pesquisa foi submetida e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa – COEP, sob o número CAAE: 07643118.0.0000.5149, e, também, pela Comissão Nacional de Ética em Pesquisa – CONEP – por meio do parecer nº 3.498.720 (Anexo II).

Os dados foram coletados por meio de entrevistas abertas realizadas com os membros da comunidade. Essas entrevistas foram registradas em áudio e vídeo e, para tanto, foi utilizada uma filmadora apoiada em um tripé. Tal opção metodológica se justifica, pois, a filmagem é o único recurso que viabiliza a análise das metáforas gestuais e, conseqüentemente, permite maior compreensão da forma como a comunidade expressa, linguisticamente, a sua relação com o meio ambiente. Além disso, considerando o contexto rural, a entrevista conduzida via questionário semiestruturado reduziria a resistência e timidez dos participantes, assim como o constrangimento de alguns, por não serem escolarizados o suficiente para responderem um questionário escrito, já que ela simula uma conversa amigável.

As entrevistas foram aplicadas individualmente, utilizando o mesmo questionário. Todos assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido -TCLE (Anexo I) como forma de resguardá-los e de amparar legalmente os pesquisadores. Como critério para participação desta pesquisa escolhemos pessoas que: (1) eram membros pertencentes à comunidade indígena Pataxó Imbiruçu, (2) eram maiores de 18 anos, (3) aceitaram por livre e espontânea vontade participar da pesquisa. Não controlamos o fator gênero/sexo. É importante dizer que, por membros, entendemos ser todo indígena, nascido ou não na comunidade em questão, mas que more na comunidade e seja considerado parte dela pelos demais moradores. No total, obtivemos 11 participantes. A relação do perfil socioeconômico deles se encontra no Quadro 5, a seguir.

Quadro 5 - Perfil socioeconômico dos participantes da pesquisa

Nome: ¹⁹	Gênero:	Idade:	Ocupação:
Kanu:	M	54 anos	Vice cacique da comunidade e trabalhador rural
Porã (Adreano):	M	20 anos	Professor e estudante da UFMG
Iberê:	M	34	Não informado
Jacira:	F	32	Secretária escolar
Iara	F	42 anos	Dona de casa (sogra de Porã)
Potira	F	18 anos	Dona de casa (esposa de Porã)
Cauê	M	41	Professor
Avaré	M	46	Agente comunitário
Avati	M	43	Trabalhador rural
Anori	M	36 anos	Professor
Ailua	F	19 anos	Filha do Cacique (xamã)

Fonte: Elaborado pela Autora (2022).

As entrevistas ocorreram em dois momentos. O primeiro foi em agosto de 2019 e o segundo, em janeiro de 2020. No primeiro momento, ainda não havíamos decidido analisar metáforas gestuais, por isso deixamos de nos atentar para o enquadramento dos participantes, o que fez com que alguns deles fossem filmados apenas da altura do peito até a cabeça, perdendo as metáforas gestuais provavelmente realizadas. O ocorrido não inviabilizou a análise dos dados já que ainda foi possível resgatar algumas metáforas gestuais e nenhuma metáfora verbal foi perdida. Nesse primeiro momento, foram entrevistados: Iara, Jacira, Avaré, Avati e Anori.

No segundo momento, entrevistamos Kanu, Porã, Jacira, Iberê e Cauê. Dessa vez, tomamos cuidado com o enquadramento o que nos permitiu analisar todos os movimentos corporais para, posteriormente, selecionarmos mais gestos metafóricos que comporiam a pesquisa. Todos os participantes responderam ao mesmo questionário semiestruturado. No entanto, ao longo da entrevista, foi possível a elaboração de novas perguntas, de acordo com a especificidade de cada entrevistado, e deixamos que eles respondessem livremente.

¹⁹ Todos os participantes receberam nomes fictícios para preservar suas identidades.

4.1.1 Do instrumento

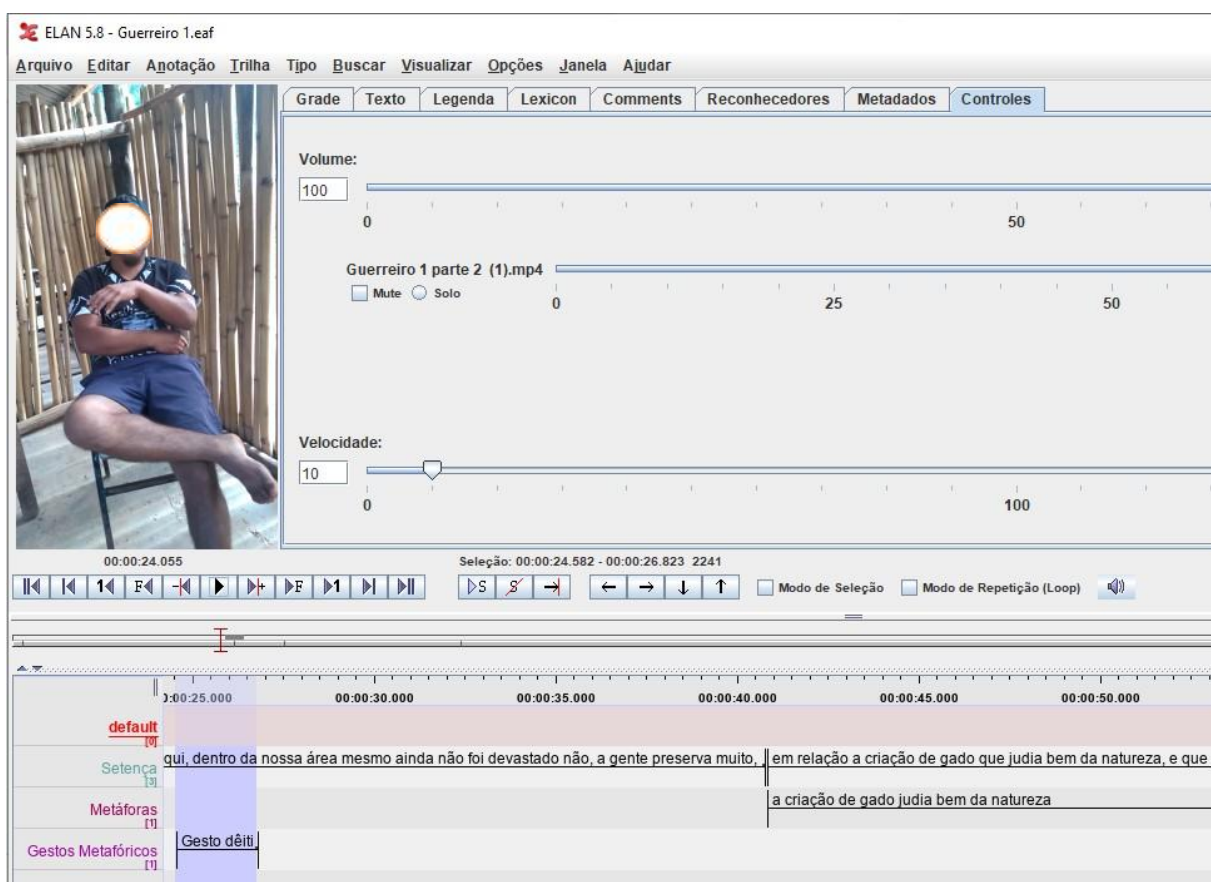
O instrumento de coleta de dados para essa pesquisa foi um questionário composto por 14 questões abertas. Ao longo da aplicação, se um participante demonstrava dificuldade em compreender alguma pergunta, poderíamos reformulá-la, mantendo o mesmo sentido e essência, mas alterando algumas palavras no intuito de torná-la mais inteligível, visando facilitar a compreensão do respondente. Todas as perguntas eram realizadas a cada entrevista, no entanto, o participante tinha a liberdade de não responder a qualquer pergunta, caso lhe trouxesse algum incômodo.

4.2 ELAN

Para identificação das metáforas do nosso *corpus*, utilizamos o software ELAN, o Programa livre EUDICO Linguistic Annotator, versão 5.8, que possibilita fazer anotações textuais, de forma sincronizada, ao áudio/vídeo. Permite a descrição, anotação, transcrição e análise de dados multimídia com exatidão em relação ao momento da fala e do gesto. Além disso, ele permite a criação de trilhas que facilitam a organização dos dados para análises em diferentes níveis verbais e gestuais. Dessa maneira, o ELAN é um software que pode ser destinado à análise de dados multimodais, já que é possível criar anotações e realizar análises de textos e gestos. Com o ELAN, é possível criar uma trilha para cada tipo de dado multimodal ou para cada tipo de metáfora verbal que se queira analisar. Para essa pesquisa criamos apenas 3 trilhas:

- *Sentença*: na qual as falas do entrevistado foram integralmente transcritas;
- *Metáfora*: trilha na qual foram transcritos os trechos metafóricos encontrados na trilha “Sentença”; e
- *Gestos*: trilha na qual foram demarcados os gestos considerados metafóricos.

Figura 10 - Operacionalização do Elan 5.8



Fonte: elaborado pela autora (2023).

Antes de realizar a transcrição, é necessário cadastrar as trilhas. Esse trabalho é realizado apenas uma vez. Feito isso, realizamos o “upload” do vídeo. Em primeiro lugar demarcamos os gestos que acreditamos serem metafóricos, de acordo com Cienki (2017). Quando pretendemos analisar gestos, precisamos iniciar a identificação das unidades de análise assistindo ao vídeo sem som e a imagem em câmera lenta. Sendo assim, reduzimos a velocidade de execução para 70% e cada gesto identificado foi demarcado na trilha “Gestos Metafóricos”.

Após realizarmos a marcação das unidades de análise gestual, passamos à segunda etapa que foi realizar a transcrição da totalidade da fala dos entrevistados. Fizemos isso na trilha ‘Sentença’. As falas da entrevistadora não foram transcritas uma vez que não eram objeto de análise. Para realizar a transcrição das falas dos entrevistados utilizamos a Perspectiva da Análise da Conversação (AC), elaborada pelo teórico Marcuschi (2006). Partindo dessa perspectiva entendemos que é necessário realizar uma transcrição de modo a permitir que o leitor perceba a conversação como um fenômeno que é organizado e, portanto, pode ser estudado

com rigor científico. Cabe sinalizar ainda que, na perspectiva da Análise da Conversação, há uma grande preocupação com a vinculação situacional, isto é, trabalhar com situações reais de fala e levar em consideração não apenas os fatores verbais, mas também os paralinguísticos, como pausas e gestos. Como é possível observar na imagem, o software permite que façamos a transcrição considerando com precisão onde começa e onde termina a fala de cada participante, sendo possível identificar com exatidão o tempo das falas e os intervalos de silêncios entre elas, desse modo não se perde a linha temporal.

Depois de realizar a transcrição completa da fala dos entrevistados, passamos ao passo seguinte: realizar a leitura da trilha "Sentença" e, a partir dela, transcrever os trechos que continham metáforas verbais, na trilha "Metáforas". Para finalizar, o quarto passo consistia em analisar as unidades gestuais juntamente com a fala verificando se o gesto ocorria simultaneamente com seu referente na fala ou não. Em caso afirmativo, adicionava-se um "X" na trilha "Gestos" e em caso negativo, passava-se para o próximo gesto. Esse processo precisa ser realizado separadamente com cada vídeo, ou seja, tivemos que realizá-lo várias vezes.

Para facilitar o manuseio dos dados, o Elan permite a criação de um arquivo de texto através de algum programa de edição de textos, MS Word®, por exemplo, com a transcrição das trilhas. No caso dos gestos, o software possui a possibilidade de realizar capturas de tela. Optamos por fazer uma captura a cada segundo, dentro do recorte de tempo previamente estabelecido. Dessa maneira, foi possível selecionar imagens que demonstrassem os 3 momentos de análise propostos por Kendon (2004) e explorados mais detidamente no Cap. III: preparação, golpe e descanso. Na Figura 11 é possível observar as três fases do gesto, durante a entrevista. Ao falar sobre as queimadas, Porã diz o seguinte: "A gente sofre muito com a queimada, sabe? A redondeza... assim..." Ao falar sobre "a redondeza", Porã faz um gesto icônico, conforme demonstrado abaixo:

Figura 11 - Fases de preparação (1a), golpe (1b), e retração (1c) gestual



Fonte: GECEIR (2019)

Ao analisarmos todos as unidades gestuais demarcadas na trilha “Gestos”, percebemos a existência de gestos metafóricos, gestos dêiticos, gestos icônicos e gestos rítmicos. Acima, apresentamos as três fases de um gesto icônico que ocorre simultaneamente com seu referente na fala.

4.3 *Corpus I: Metáforas Verbais*

A partir da trilha "Sentenças" transcrevemos a trilha “Metáforas”, subjacente à primeira. Inicialmente, transcrevemos todas as metáforas encontradas nas falas dos entrevistados. Na sequência, criamos um arquivo, utilizando o software MS Word, referente a cada vídeo transcrito, visando facilitar o manuseio dos dados, e realizamos a leitura minuciosa dos mesmos. O passo seguinte foi selecionar apenas as metáforas verbais que se enquadrassem em nosso recorte, ou seja, adicionamos ao *corpus* somente os dados relacionados à metáfora conceptual MÃE TERRA e metáforas que estivessem correlatas a contextos de destruição ou proteção ambiental.

O método utilizado para a marcação das metáforas verbais no discurso transcrito, identificado como método de leitura, diz respeito a um método introspectivo que concerne à leitura atenta do material obtido e que enfatize as ocorrências metafóricas. Esse método é conhecido como Procedimento de

Identificação de Metáfora (PIM), criado pelo Grupo PRAGGLEJAZ (2009, p. 79) que definiu os seguintes passos metodológicos:

1. Ler todo o texto/ discurso para estabelecer um entendimento geral do seu significado;
2. Definir as unidades lexicais do texto/discurso;
3. (a) Para cada unidade do texto, determinar o seu significado no contexto, isto é, como ele se refere a uma entidade, relação ou atributo na situação evocada pelo texto (significado contextual). Levar em conta o que antecede e o que precede a unidade lexical.
4. (b) Para cada unidade lexical, determinar se há um significado atual mais básico em outros contextos do que no contexto que estão. [...] significados básicos tendem a ser:
 - evocam é mais fácil de imaginar, ver, ouvir, sentir, cheirar e sentir o gosto);
 - relacionados ao funcionamento do corpo;
 - mais precisos (em oposição a vagos);
 - historicamente mais antigos; e
5. Se sim, marcar a unidade lexical como metafórica.

Abaixo, segue um exemplo de utilização desse método a partir do seguinte exemplo, retirado da entrevista realizada com Kanu:

Exemplo 7

“eu me sinto muito pesado demais”

A etapa 1 é realizar a leitura de todo o texto. A etapa 2 é separar as unidades lexicais da frase que são identificadas como se segue, com barras indicando as separações entre os itens:

eu/ me/ sinto/ muito/ pesado/ demais/

Na etapa 3, consideramos uma unidade lexical de cada vez, começando pelo início da frase. Para cada unidade lexical, explicamos as nossas decisões para cada

uma das três partes desta etapa do nosso procedimento, e apresentamos a nossa decisão final com relação ao uso metafórico do item no contexto da entrevista (etapa 4).

Eu

- a) Significado contextual: pessoa que está proferindo o discurso, falante.
- b) Significado básico: pronome pessoal do caso reto que exerce a função de sujeito.
- c) significado contextual versus significado básico: o significado contextual encontra-se diretamente relacionado ao significado básico.

Usado metaforicamente? Não

Me

- a) Significado contextual: reforça o significado do item anterior, dirige-se a si mesmo, demarca o lugar de locutor.
- b) Significado básico: pronome oblíquo, refere-se à primeira pessoa do discurso, atua no predicado.
- c) significado contextual versus significado básico: o significado contextual encontra-se diretamente relacionado ao significado básico.

Usado metaforicamente? Não

Sinto:

- a) Significado contextual: demonstra o sentimento do falante no momento em que ele pensa no assunto proposto.
- b) Significado básico: perceber, ter a sensação, ser sensível a algo.
- c) significado contextual versus significado básico: o significado contextual encontra-se diretamente relacionado ao significado básico.

Usado metaforicamente? Não

Muito:

- a) Significado contextual: o participante busca expressar intensidade e reforçar o termo anterior.
- b) Significado básico: excesso, grandeza, intensidade.
- c) significado contextual versus significado básico: o significado contextual encontra-se diretamente relacionado ao significado básico.

Usado metaforicamente? Não.

Pesado:

- a) Significado contextual: o participante busca expressar sofrimento, algo complicado, difícil.
- b) Significado básico: que pesa muito, profundo.
- c) significado contextual versus significado básico: O significado contextual difere do significado básico.

Usado metaforicamente? Sim

Demais:

- a) Significado contextual: possui função de potencializar o sentimento expressado pelo termo anterior.
- b) Significado básico: em excesso, demasiado, muito. Advérbio de intensidade.
- c) significado contextual versus significado básico: o significado contextual encontra-se diretamente relacionado ao significado básico.

Usado metaforicamente? Não.

As nossas explicações do PIM, aplicadas às unidades lexicais de uma oração, servem para ilustrar o funcionamento do procedimento e mostrar algumas das decisões tomadas ao determinar se uma palavra está sendo usada metaforicamente no discurso. Dessa forma, podemos incluir ou excluir a amostra no *corpus*.

Após aplicação do PIM em todos os enunciados transcritos na trilha “Metáforas”, selecionamos aquelas que se enquadravam no recorte, e as subdividimos nas seguintes categorias:

- Metáfora conceptual MÃE TERRA: 8 amostras
- Metáfora conceptual DIFICULDADES SÃO PESOS: 1 amostra
- Metáfora conceptual CORAÇÃO COMO CENTRO DAS EMOÇÕES: 1 amostra
- Metáfora Conceptual INCÊNDIOS SÃO MONSTROS: 1 amostra
- Metáfora Conceptual COMUNIDADE INDÍGENA PROTETORA: 3 amostras

Essas amostras foram detalhadamente analisadas no Cap. 5, destinado a discussão e análise de dados. Outros dados também foram utilizados para a composição do texto, sendo assim, é possível encontrar exemplos compondo a

Introdução, o Capítulo 1 e o Capítulo 2, entretanto, as amostras utilizadas nesses capítulos não foram analisadas por não se enquadrarem no recorte.

Agora, passaremos a tratar do processo que utilizamos para selecionar as unidades gestuais de nossa amostra.

4.4 Corpus II: Metáforas Gestuais

Após demarcar as unidades gestuais na trilha “Gestos Metafóricos” utilizamos o Procedimento de Identificação de Metáforas em Gestos, apresentado por Cienki (2017), para verificar quais gestos eram metafóricos e quais não eram. O método engloba os seguintes passos:

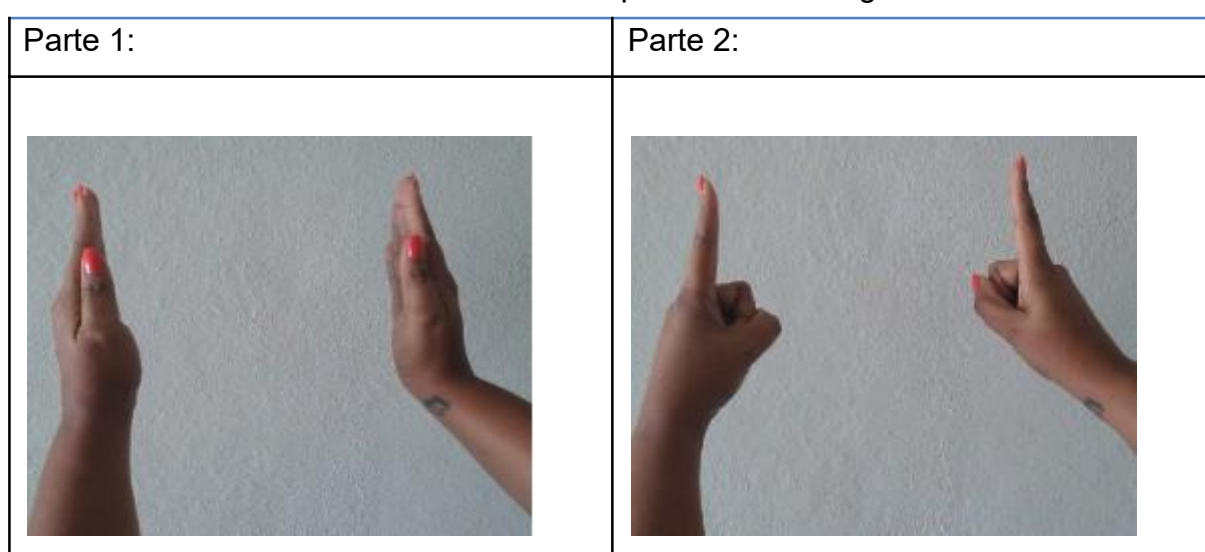
1. *Identificação dos golpes*: nesta etapa, identificam-se os movimentos realizados;
2. *Orientação das palmas*: onde se analisa a orientação das mãos, braço e antebraço, de modo a indicar se estão para cima, para baixo, abertas ou fechadas;
3. *Direção do movimento*: nesta etapa, analisa-se a posição das mãos, braço e antebraço, de modo a indicar se o movimento ocorreu para direita ou para esquerda, para fora ou em direção ao corpo;
4. *Qualidade de movimento*: nesta etapa, analisa-se o grau de precisão gestual;
5. *Representação icônica do movimento*: onde se indica o modo icônico de representação gestual;
6. *Referência*: onde se indica, por escrito, a referência verbal que ocorre juntamente com o gesto;
7. *Presença de metáfora*: aqui é indicado se há ou não presença de gestos metafóricos.

Realizamos esse procedimento com cada gesto demarcado na trilha. Logo após, foi o momento de identificar, dentre os gestos metafóricos, quais se enquadravam em nosso recorte de pesquisa, ou seja, quais deles estavam ligados à metáfora conceptual MÃE TERRA, ou a contextos de proteção e destruição ambiental. Por se tratar de um recorte extremamente específico, foram encontrados apenas 3 gestos. Estes foram analisados no Cap. V.

Realizado o recorte das metáforas gestuais, utilizamos a metodologia de análise construída por Sedinha Teßendorf (2014) em seu capítulo *Pragmatic and metaphoric – combining functional with cognitive approaches in the analysis of the “brushing aside gesture*, disponível no livro *Body – Language – Communication*, vol. II, organizado por Müller *et al* (2013), para realizar a análises destes. Esse método de análise é focado em especificar o conteúdo conceptual subjacente ao gesto. Desta forma, a análise é, primeiramente, uma descrição conceptual do gesto e, em segunda instância, uma análise do gesto em si, que é entendido como a concretização desse conteúdo conceptual.

O gesto, ou a forma de atuação do conteúdo conceptual, pode ser analisado considerando o nível de detalhamento necessário aos objetivos do pesquisador. Por exemplo, uma pessoa pode fazer um gesto icônico para o conceito “grande”, abrindo as duas mãos com as palmas voltadas para dentro e os dedos abertos. No entanto, esse mesmo gesto pode ser realizado com os dedos fechados, ou, com os indicadores apontados para fora e os demais dobrados. A depender do objetivo do pesquisador, essas diferenças podem ser inconsequentes. Em outras palavras, pode-se dizer que todos os gestos representam o conceito “grande”. O nível de detalhamento da descrição fica, assim, a critério do pesquisador, que o determina com base em seus objetivos analíticos.

Quadro 6 - Gesto icônico para o conceito “grande”



Fonte: arquivo da autora (2023).

Com foco na descrição do conteúdo conceptual do gesto, nossa análise é dividida em *Ponto de Partida*, *Causa*, *Ação* e *Ponto final*. Partindo do entendimento de que o gesto é uma ação e, por isso, evoca um conceito que é encenado em um dado contexto sociointeracional. O *ponto de partida* descreve a situação anterior à ação, ou, o estado de coisas que provocam a ação. A *causa* descreve o motivo que leva a tal ação. A *ação* em si é o que é feito nesse contexto. O *ponto final* é o resultado da ação, ou melhor, qual é o estado de coisas que se atinge ao executar essa ação.

Esta fase da análise tem como foco a descrição conceptual, idealizada como independente das peculiaridades do sujeito que faz o gesto em um determinado contexto. A segunda parte da análise foca em como o gesto foi de fato realizado. Trata-se de uma descrição sobre o que foi feito de fato ao gesticular. Como exemplo da primeira fase da análise, vejamos como Teßendorf (2014, p. 1549) analisa o gesto metafórico para “varrer algo para o lado”. Usamos esse gesto quando dizemos “deixe isso para lá”.

Ponto de partida: Situação desagradável

Causa: Um objeto chato está no nosso entorno imediato

Ação: A parte de trás da mão varre algo para o lado

Ponto final: o objeto é removido; término da situação chata e recuperação da situação neutra

Observa-se que essa é uma descrição conceptual mais genérica, que poderia ser realizada de diferentes maneiras, por diferentes pessoas, em diferentes contextos. Na segunda parte da análise, procedemos à descrição de como a pessoa realizou o gesto, em que podemos reportar se usou a mão direita ou esquerda, se a mão estava na horizontal ou vertical, se o objeto metafórico foi varrido para o lado ou para trás do falante. Dentre os gestos coletados, selecionamos um exemplo de gesto icônico – Figura 3 (p. 105), uma de gesto dêitico – Figura 2 (p.103) e uma de gesto rítmico – Figura 4 (p.107) para ilustrar o Cap. III, em que há uma seção para abordar cada um desses tipos de gestos.

Para as análises, apresentadas no Cap. V, seção 5.6, foram utilizados quatro gestos metafóricos, o primeiro, no Quadro 7, Esquema de ação de divisão de entidade, o segundo – Quadro 8 – Esquema de ação de separação ao meio, o terceiro, Quadro 9 – Esquema de ação de aperto no peito, o terceiro, Quadro 10 – Esquema de ação de alimentos, e, por fim, Quadro 11 – Gesto do Globo. Todas

essas metáforas gestuais relacionam-se a contextos de proteção ou destruição ambiental e a metáfora conceptual MÃE TERRA.

No capítulo a seguir, faremos a análise do *corpus*. Primeiramente, analisaremos as metáforas verbais e, logo em seguida, faremos a análise das metáforas gestuais.

CAPÍTULO 5 – ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Ao longo deste capítulo iremos apresentar as análises dos dados coletados durante as entrevistas realizadas na Comunidade Indígena Pataxó Imbiruçu. Os dados foram transcritos com o auxílio do software Elan, e, após isso, foram compilados e analisados sob a óptica dos teóricos apresentados nos capítulos 2, 3 e 4.

Os primeiros exemplos apresentados corroboram com os dados bibliográficos apresentados em Batoréu (2004), Yu (2007) e Kövecses (2002), em que a metáfora conceptual CORAÇÃO COMO CENTRO DAS EMOÇÕES é analisada já que em nossos dados, essa metáfora também pode ser constatada.

Na seção seguinte apresentamos a metáfora conceptual DIFICULDADES SÃO PESOS, à luz das pesquisas de Lakoff e Johnson (1980). Seleccionamos exemplos que demonstram que a utilização dessa metáfora ocorre a partir das nossas experiências corpóreas que nos ensinaram que quando carregamos muito peso, a sensação é desconfortável e força nosso corpo para baixo.

Os exemplos seguintes foram licenciados na metáfora conceptual INCÊNDIOS SÃO MONSTROS, apresentada no estudo de Matlock, Coe & Westerling (2017) e ancorada nas pesquisas de Gibbs (1999), Kövecses (2002,2005) e Lopes (2015). Percebemos conforme as pesquisas citadas que também em nossa investigação o contexto histórico-social contribuiu significativamente para que os entrevistados elaborassem metáforas conceptualizando o fogo como um monstro uma vez que os membros da comunidade indígena Pataxó Imbiruçu trazem reminiscências na memória acerca do Fogo de 51.

A seguir, são fornecidos exemplos da metáfora conceptual MÃE TERRA. Esta representou a metáfora para a qual identificamos o maior número de exemplos ao longo da pesquisa, os quais foram apresentados e analisados na seção 5.4. Concluímos que os entrevistados conceptualizam a Terra como mãe devido à estreita relação que possuem com a natureza, o que corrobora com Krenak (2019) quando este afirma que, dentro da cosmovisão indígena todos os elementos da natureza fazem parte de suas vidas, esses povos consideram os elementos da natureza: rios, montanhas, pedras e lagos, como parte de suas famílias.

Na seção 5.5, apresentaremos a metáfora conceptual COMUNIDADE INDÍGENA PROTETORA em que analisamos metáforas que demonstram que os entrevistados se consideram os protetores e guardiões da natureza.

Para finalizar, apresentamos e analisamos as metáforas gestuais. Para tanto, baseamo-nos nos postulados de Cienki (2008), Kendon (2004), Miranda (2013), Muller (2004) e outros. Compreendemos que os entrevistados produzem não apenas metáforas verbais, mas também metáforas gestuais ligadas à proteção ambiental.

5.1 Coração como centro das emoções

No que se refere aos estudos de metáforas relacionadas a emoção, os estudos do teórico Kövecses (1983, 2004) são norteadores. Em 1983, Lakoff e Kövecses elaboraram um artigo considerado um marco para os estudos sobre emoção, em que os autores abordaram a conceptualização de RAIVA na língua inglesa, indicando sua relação metafórica com a corporeidade. Em sua pesquisa, eles perceberam que as metáforas mais abstratas são oriundas da expansão de experiências sensoriais, sendo assim, algumas experiências são possíveis apenas no plano conceptual.

Nesse artigo, Lakoff e Kövecses elencaram uma série de conceptualizações metafóricas que, embora tenham sido elaboradas com base na língua inglesa, possuem grande potencial para a universalidade. Dentre essas conceptualizações estão: RAIVA É LOUCURA, RAIVA É UM ANIMAL CATIVO e RAIVA É UM FLUÍDO QUENTE EM UM RECIPIENTE. (KÖVECSES, 2004, p. 21).

Além da raiva, os seres humanos apresentam uma série de outras emoções como medo, desejo, alegria (KÖVECSES, 2002). As pessoas possuem maneiras próprias de expressar as emoções e um fator determinante para essa variação é a diferença cultural. Pessoas inseridas em diferentes culturas exteriorizam emoções de maneira específica porque, mesmo passando por eventos semelhantes, vão experienciar de modos distintos (*ibidem*).

Ainda em consonância com os estudos relacionados às emoções, ao analisarmos os dados emergentes no contexto da pesquisa, percebemos a ocorrência da metáfora conceptual CORAÇÃO COMO CENTRO DAS EMOÇÕES, como é possível verificar no exemplo abaixo, coletado durante a entrevista com

Iberê, quando, ao ser questionado acerca de como se sente quando percebe alguma destruição ambiental, disse o seguinte:

Exemplo 8

1:33 – 1:57: “Quando a gente. É... não aqui na nossa aldeia, mas para fora que a gente sai, a gente sempre vê alguma destruição, é..., aquilo...aquilo bate um aperto no coração porque é... é muito chocante para nós, né? Nós que somos conhecidos como os protetores, os guardiões da... da floresta, isso é muito doloroso.” (grifo nosso).

À luz das discussões teóricas realizadas no Capítulo II, mais especificamente na seção 2.3, 2.3.1 e 2.3.2, em que discorremos acerca das metáforas relacionadas ao coração, percebemos que os trechos por nós demarcados no exemplo acima são metafóricos. De acordo com o Dicionário Caldas Aulete da Língua Portuguesa (2022, *online*), o termo “apertar” significa, entre outras coisas, “afligir”, “amargurar”, “opressão”, “dor”, “angústia”, ou seja, emoções humanas. Os estudos apresentados na seção 2.3.2 demonstram que o coração pode ser representado como o local em que as emoções estão centralizadas (BATORÉU, 2015, p. 12); como centro das emoções e da vida (SOUZA; STALIANOB, 2020), como um recipiente de emoções, tanto positivas quanto negativas (ROCHA *et al.*, 2018) e como detentor das emoções e da razão (YU, 2007).

No exemplo 8, o coração é conceptualizado como o local em que as emoções estão centralizadas, tendo em vista que “aperto” é um sentimento associado à “aflição” e “amargura”, “dor” e “angústia”, ou seja, emoções fortes. Sendo assim, o exemplo ilustra a metáfora conceptual CORAÇÃO COMO RECIPIENTE, corroborando com os estudos de Rocha *et al* (2004), pois o coração está sendo conceptualizado como um recipiente para sentimentos negativos. Dessa maneira, o domínio fonte baseia-se em nossa experiência de utilização dos recipientes para guardar ou armazenar produtos, essa experiência é aplicada ao domínio alvo, neste caso, o coração, que passa a ser conceptualizado como um recipiente em que se guardam as emoções. Neste exemplo, a emoção evocada pela destruição ambiental é a expressão idiomática cristalizada “um aperto no coração”.

Ao analisar o trecho é possível perceber que a destruição ambiental suscita na entrevistada sentimentos ruins, como dor e aflição. De acordo com Lakoff e

Kövecses (1983), é a partir da experiência sensorial que a metáfora se expande para metáforas mais abstratas, dessa maneira as experiências com dor física se expandem e permitem a construção de metáforas conceituais que relacionam essa dor à sensação causada pela destruição ambiental.

Sabendo que a construção de metáforas é perpassada pela cultura (KÖVECSES, 2004), percebe-se a existência de traços culturais da cultura indígena na elaboração dessa metáfora. Para Krenak (2018), o indígena é capaz de sofrer pela degradação de um rio, ou de um espaço como uma montanha ou uma floresta, porque ele trata todas essas coisas como parte de si mesmo, de sua família (p. 25) Sendo assim, a morte de um rio ou de um trecho da floresta é como a morte de um familiar. Partindo das constatações desse mesmo autor, que afirma que a comunidade indígena percebe os elementos da natureza como partes integrantes de suas famílias, é possível dizer que o aperto no coração e a dor experienciada pelo entrevistado ante a destruição ambiental se deve a um fator cultural que faz com que os povos indígenas percebam a natureza como parte de si mesmos, sendo assim, a destruição da natureza é a destruição dos povos indígenas, por isso é associada a sensação de aperto e aflição.

Corroborando com o exposto acima, apresentamos dois dados retirados de nossa coleta, o primeiro deles, exemplo 9, adveio da entrevista com o vice cacique Kanu, e o segundo, exemplo 10, extraído da entrevista com Ailua. os dados foram produzidos enquanto ambos respondiam à pergunta acerca de como se sentiam ao perceber algum episódio de destruição ambiental:

Exemplo 9

0:55 – 1:57: oia, eu me sinto muito pesado demais, eu me sinto assim muito...meu coração dói muito, a destruição não ser machucada, são coisas que não tem aquele dom que agrada a gente, então a gente se sente muito machucado demais” (Grifos nossos).

Exemplo 10

1: 14 – 1: 33: “nós chamamos a Terra de mãe porque nós...ela, nos acolhemos, nos dá frutos então isso é muito importante para nós indígenas, então quando falamos ... quando falamos e... quando pessoas falam que tá desmatando ela, isso nos machuca profundamente” (Grifos nossos)

Mais uma vez, percebemos uma associação entre dor física e a destruição da natureza por meio da conceptualização de CORAÇÃO COMO CENTRO DAS EMOÇÕES (BATORÉU, 2004; YU, 2007). Ao expressar como se sentia, Kanu declara que seu coração dói, fica machucado por causa da destruição ambiental. Ele diz ainda que a destruição não é algo que agrada ao povo indígena, que não há dom na destruição. Já Ailua refere-se ao desmatamento como algo que a machuca profundamente. Aqui percebemos que o domínio fonte é a nossa experiência com a sensação de dor causada por feridas e machucados em nosso corpo, a experiência corporificada é aplicada ao domínio alvo, o coração, sendo assim, o entrevistado associa a dor causada pela destruição ambiental à dor de ter um machucado no coração. A associação é metafórica porque trata-se de uma dor emocional, uma vez que, literalmente falando, não é possível que se abra uma ferida no coração ou no corpo dos entrevistados cada vez que a natureza sofrer algum dano.

De acordo com Batoréu (2004), na cultura ocidental é comum se referir ao coração como o local em que as emoções estão centralizadas. Esse exemplo está alinhado à pesquisa da autora, uma vez que os exemplos 9 e 10, demonstram que os entrevistados centralizam as emoções, como dor e tristeza, no coração. Relembramos que o aspecto cultural possui grande influência na produção das conceptualizações metafóricas (KÖVECSES, 2002). Para Krenak (2018), os povos indígenas veem a floresta como um suporte para a materialidade e a espiritualidade da existência, da cultura e da produção/reprodução da subsistência. Dessa forma, é inteligível perceber os motivos pelos quais a destruição da floresta pode ser metaforicamente associada a dor física, aflição e outros elementos capazes de machucar esses povos. A afirmação de Krenak (2018) pode ser claramente observada no exemplo 11, quando, ao ser questionada acerca de como sentia a destruição ambiental em seu corpo, Ailua diz o seguinte:

Exemplo 11:

1:02 - 1:11: Sinto espiritualmente, sinto tristeza, é... tipo...tipo uma parte de mim foi embora...tipo...não me sinto bem.

Entendemos na fala da entrevistada que o meio ambiente é conceptualizado como parte do próprio corpo dela, sendo assim, quando ocorre um dano ambiental,

quando a natureza é destruída, é como se parte do corpo da entrevistada estivesse indo embora. Neste ponto, observamos que a compreensão de que a destruição ambiental frequentemente resulta da extração de árvores, da remoção de animais da natureza e do deslocamento de rios e córregos, entre outras ações, impacta a entrevistada. Ela utiliza essas informações como domínio fonte, aplicando-as ao domínio alvo, que é o seu próprio corpo. Dessa maneira, conceptualizar o dano ambiental como um processo em que plantas e animais ao serem retirados de seu habitat, vão embora da natureza, causa na participante sensação corporal semelhante, ou seja, de perda, de dano, como se parte do seu corpo também fosse embora.

Nos exemplos, ao narrarem suas experiências de percepção da destruição ambiental, emergiram, do discurso dos entrevistados, metáforas em que o coração é metaforizado como o centro das emoções e como um recipiente de emoções negativas, como dor e aflição, que se justifica pela associação entre tradições culturais e as experiências corporificadas.

Em consonância com o já exposto até o momento, apresentamos mais um exemplo retirado da entrevista com o vice cacique Kanu, quando, ao recordar episódios de destruição ambiental, diz o seguinte:

Exemplo 12

2:04 – Aquela Barragem foi uma destruição que **matou o coração** de todos. (...) Da onde as pessoas viviam. Hoje não vêve mais, porque é o vivo (inaudível), né? Então **acabou com o coração** deles.” (grifo nosso)

Nesse trecho, Kanu refere-se ao rompimento da Barragem da Vale, ocorrido em Brumadinho e São José de Bicas, em 25 de janeiro de 2019²⁰. Esse desastre ambiental afetou o Rio Doce, atingiu diretamente os moradores da comunidade indígena estudada e causou grande sofrimento a eles. A comunidade indígena da etnia Krenak habita as margens do Rio Doce, próximo a região de Resplendor. Essa comunidade utilizava a água do Rio Doce para pescar, cultivar e realizar outras

²⁰ Histórico do rompimento das barragens da Vale na Mina Córrego do Feijão – Disponível em: <https://www.mg.gov.br/pro-brumadinho/pagina/historico-do-rompimento-das-barragens-da-vale-na-mina-corrego-do-feijao>. Acesso em 15 nov. 2022.

atividades, basicamente, quase toda a água utilizada pelos membros da comunidade era proveniente deste rio.

Sendo assim, os membros dessa comunidade não sofreram apenas sentimentalmente com a destruição ambiental, tiveram prejuízos materiais, passaram por uma situação que modificou, ao menos temporariamente, o modo de vida deles. Na ocasião, de acordo com os relatos coletados ao longo das entrevistas, vários membros da comunidade indígena Pataxó Imbiruçu, se deslocaram para a região com o intuito de auxiliar na reconstrução da comunidade atingida. De acordo com Krenak (2019), dentro da cosmovisão indígena, todos os elementos da natureza fazem parte de suas vidas. Esses povos consideram os elementos da natureza: rios, montanhas, pedras e lagos, como parte de suas famílias, por isso esforçam-se para protegê-los e respeitá-los.

Essa mistura de cultura e experiências corpóreas levam à criação de metáforas conceptuais que traduzem emoções de maneira abstrata, tal como a metáfora conceptual CORAÇÃO COMO CENTRO DAS EMOÇÕES, representada novamente nesse último exemplo. Aqui, percebe-se que a emoção foi tão intensa que resultou na morte do coração e não somente na morte individual, mas também na coletiva. Essa morte aparece metaforicamente expressa meio dos verbos “matar” e “acabar”. A destruição que fez com que as pessoas não pudessem mais viver no e do espaço em que estavam inseridas, na concepção do entrevistado, causa a morte do coração.

Esse exemplo corrobora com os estudos de Souza e Staliano (2020) que, ao analisarem relatos de pacientes cardíacos atendidos em um hospital municipal de Dourados/MS, perceberam a ocorrência da metáfora conceptual CORAÇÃO COMO CENTRO DAS EMOÇÕES E DA VIDA, em que se percebe que os entrevistados conceptualizam o coração não apenas como centro das emoções, mas também reconhecem sua ligação intrínseca com a vida. Sendo assim, ao verbalizar que a destruição da natureza causa a morte do coração, percebe-se que a elaboração de uma metáfora acerca da destruição da natureza que vai além do emocional, atrela-se à vida da comunidade indígena, tornando-se parte dela. Novamente, percebe-se a atuação dos valores culturais como motivação para a produção das metáforas conceptuais.

5.2 Dificuldades são pesos

As metáforas orientacionais estão comumente ligadas a orientação espacial, (LAKOFF; JOHNSON, 1980), algumas dessas metáforas possuem conceitos já enraizados em nossa cultura, como as metáforas primárias BOM É PARA CIMA e RUIM É PARA BAIXO. Na esteira dessas metáforas conceptuais constatamos outras bastante rotineiras como “Marcos subiu na vida”, “Maria caiu em depressão”, “Joana ocupa um alto cargo na empresa”, entre outros. Ao concebermos metáforas como estas, demonstramos que costumamos relacionar eventos positivos “para cima” e os negativos “para baixo”, sendo assim, “subir na vida” e “ocupar um alto cargo”, são exemplos de eventos positivos, por isso são conceptualizados “para cima”, já “cair em depressão”, sendo um exemplo de evento negativo, é conceptualizado “para baixo”.

Experiências corporais como fadiga, tristeza e sono fazem com que nosso corpo se volte para baixo, portanto, conceptualizamos tais experiências como ruins e usamos esses conceitos para elaborar metáforas como “Maria caiu em depressão” ou “João está no fundo do poço”. Já as experiências corporais como estar feliz, estar animado, pular, crescer, estar ativo, geralmente deixam nossos corpos eretos, ou seja, para cima, por isso, conceptualizamos-las como boas (LAKOFF; JOHNSON, 1980).

Nessa mesma linha, elaboramos metáforas a partir da metáfora conceptual DIFICULDADES SÃO PESOS, pois nossas experiências corpóreas demonstram que quando carregamos algo muito pesado, nosso corpo fica literalmente curvado para baixo. A partir dessa experiência produzimos, diariamente, metáforas como “parece que tirei um peso das minhas costas”, “toda essa situação tem sido um peso para mim”

Ao analisarmos os dados coletados na Comunidade Indígena Pataxó Imbiruçu, encontramos uma metáfora relacionada à metáfora conceptual DIFICULDADES SÃO PESOS como demonstrado a seguir. O trecho apresentado abaixo foi proferido por Kanu quando, ao ser questionado acerca de como se sente quando percebe alguma destruição ambiental, disse o seguinte:

Exemplo 13

0:55 – 1:57: oia, eu me sinto muito pesado demais, eu me sinto assim muito...meu coração dói muito, a destruição não ser machucada, são coisas que não tem aquele dom que agrada a gente, então a gente se sente muito machucado demais” (Grifos nossos)

Como é possível perceber, Kanu parte da experiência corpórea de carregar peso, de estar com o corpo curvado para baixo e da sensação incômoda causada por essa experiência para explicar, metaforicamente, como se sente ao perceber a destruição ambiental. Os pesos são conceptualizados em termos de sensações incômodas causadas pela destruição ambiental presenciada por Kanu, e traduzidas metaforicamente de modo a demonstrar como a destruição atua em seu corpo, evocando uma sensação semelhante à de carregar algo muito pesado, ou seja, é incômodo e causa sofrimento.

5.3 Incêndios são monstros

Os membros originários da Comunidade Indígena Pataxó Imbiruçu saíram da Bahia e vieram para Minas Gerais após o evento histórico por eles denominado de Fogo de 51 (COELHO, 2011). Esse evento, descrito no Capítulo II, mais precisamente na seção 2.2.1, foi citado por 3 dentre os 10 entrevistados. Diante disso, percebemos que o fogo é algo que marca a história mais recente da comunidade em questão e, portanto, desde o início da pesquisa, entendemos que haveria a possibilidade de encontrarmos metáforas relacionadas ao fogo, o que se comprovou por meio dos exemplos que serão apresentados ao longo desta seção.

Os estudos de Gibbs (1999) apontam para o caráter cultural das construções metafóricas indicando que os modelos culturais associados às nossas estruturas mentais dão origem ao grande número de metáforas que usamos diariamente. Para Lopes (2015), nas sociedades indígenas o processo de criação de metáforas está diretamente ligado ao processo sociocultural vivenciado em dado contexto sócio-histórico.

Para Kövecses (2002, 2005) os aspectos culturais podem originar metáforas que existem somente em determinadas culturas. O autor listou três tipos de variação intercultural que podem afetar a produção de metáforas: a extensão dos domínios possíveis que podem ser utilizados em uma determinada cultura para expressar um

alvo específico; as elaborações específicas que cada cultura utiliza para expressar uma metáfora e a relação intercultural entre a metáfora e a metonímia, isso porque algumas línguas podem conceitualizar uma expressão de modo metonímico e outras, de modo metafórico (KÖVECSES, 2010).

Devido aos acontecimentos históricos que perpassam a trajetória dos membros da Comunidade Indígena Pataxó Imbiruçu, entendemos que o tipo de variação intercultural que motiva a produção de metáforas sobre fogo nessa comunidade é o segundo, ou seja, as elaborações específicas que cada cultura utiliza para expressar uma metáfora. Isso porque a trajetória histórica dos membros dessa comunidade moldou a cultura deles, além disso, os desafios atuais também são motivadores de elaborações metafóricas. Sendo assim, a trajetória dessa comunidade bem como suas vivências faz com que eles consigam elaborar metáforas que, de certa forma, retomem sua história, apresentem seu presente e representem sua cultura.

Ao longo da investigação bibliográfica buscamos por estudos que analisassem metáforas relacionadas a fogo e coletamos as seguintes ocorrências: MONSTRO DO INCÊNDIO FLORESTAL e INCÊNDIOS SÃO MONSTROS (MATLOCK; COE; WESTERLING, 2017); FOGO É UM HOMEM VELHO e FOGO É UM SER HUMANO, FOGO É EMOÇÃO, FOGO É HOSTILIDADE, FOGO É SENSACÃO (AFANASIEVA; IVANOVA, 2015). Isso ocorre porque metaforizar o fogo como um monstro ativa os conhecimentos prévios que as pessoas possuem sobre monstros, o que eles são e o que podem fazer.

Durante a análise dos dados coletados, nos deparamos com o exemplo a seguir. Ao ser questionado sobre os danos ambientais ocorridos no território da comunidade, Avati menciona a plantação de eucalipto, que, embora não esteja localizada dentro do território da comunidade, acaba prejudicando-o, levando à escassez de fontes de água. Além disso, Avati destaca as queimadas intencionais provocadas pelos fazendeiros da região, as quais acabaram atingindo as terras pertencentes à comunidade. Em determinado momento, ele expressa o seguinte:

Exemplo 14

1:55 – 1:57: O fogo **engoliu** essas matas tudo aí. (Grifo nosso)

Aqui, percebemos que o fogo é conceptualizado como algo capaz de “engolir”, termo que, de acordo com o dicionário Caldas Aulete, significa:

1. Fazer passar (alimento) da boca para o estômago; DEGLUTIR
2. Comer com sofreguidão; DEVORAR.

No exemplo 14, o fogo é visto como uma entidade capaz de engolir, devorar, fazer desaparecer a natureza nos lugares em que passa. O significado básico associa o ato de "devorar" não se aplica ao significado contextual, sendo assim, trata-se de uma expressão metafórica. Nesse sentido, o fogo se comporta como um monstro, de acordo com Matlock, Coe e Westerling (2017), as pessoas associam as descrições acerca do que os monstros são e o que eles fazem aos danos que o fogo pode causar. Parte-se do domínio alvo “monstros” visto como uma entidade que causa destruição, danos, medo e ansiedade (*op.cit*, 2017), para o domínio fonte “fogo” assumindo que o FOGO É UM MONSTRO que engole as matas que atinge, causando medo e ansiedade àqueles que presenciam essa destruição. No exemplo o processo metafórico fica óbvio pois percebe-se o fogo como algo capaz de consumir.

Na mesma perspectiva, apresentamos mais um dado emergente das transcrições, ao responder ao mesmo questionamento feito a Avati, ou seja, quais eram os danos naturais do lugar onde eles viviam, Porã fez a seguinte declaração:

Exemplo 15

2:06 – 2:10 – O fogo **invadiu** os arredores tudo aí, né? (Grifo nosso)

Nesse exemplo percebemos que a metáfora FOGO É UM SER HUMANO (AFANASIEVA; IVANOVA, 2015), em que o fogo é conceptualizado como uma entidade capaz de invadir os territórios, ou seja, algo ameaçador. Entrelaçando o percurso histórico dos moradores da comunidade e os dados teóricos, percebemos que os episódios envolvendo o fogo são sempre traumáticos, o fogo é aquele que queima as comunidades e os obriga a mudarem-se para outros estados e, mesmo após a mudança, o fogo continua ameaçando, devorando, invadindo. Nesse sentido, partindo dos estudos de Gibbs (1999), Kövecses (2002, 2005), Lopes (2015), Matlock, Coe e Westerling (2017) e outros já abordados ao longo dessa pesquisa,

conceptualizar o fogo como um monstro, é inerente aos processos mentais e ao percurso histórico-cultural dessa comunidade indígena.

5.4 A Terra é a nossa mãe

Uma das nossas perguntas de pesquisa buscava compreender se dentre os dados coletados em campo, surgiriam metáforas relacionadas à metáfora conceptual MÃE TERRA. Após a transcrição das entrevistas percebemos essa presença e ela será discutida ao longo deste tópico. Cabe informar que ela dialoga com a cosmovisão Pataxó, tratada mais esmiuçadamente no Capítulo II, especificamente nas seções 2.1, 2.1.1, 2.1.2 e 2.1.2, e resumidamente retomados nesta seção para auxiliar na análise dos exemplos.

Na América Latina, muitas etnias utilizam a cosmovisão da *Pachamama*, divindade que representa a face sagrada e maternal do solo terrestre (GÖRLITZ, 1978; ESTERMANN, 2006; OLIVEIRA, 2017). Essa divindade, geralmente representada por uma mulher pequena que vive debaixo da terra atua como divindade protetora (ESTERMANN, 2006). Em tal cultura, o homem deve agir como um agricultor, já que ele depende diretamente da terra, não podendo, portanto, explorar seus recursos naturais exaustivamente.

Dentro da cosmovisão Pataxó, também encontramos várias divindades relacionadas à natureza, como os Encantados – que moram na mata e possuem a função de proteger os vegetais, Hamãy ou Caipora – que vivem na mata e possuem a função de proteger os animais, entre outros (SOUZA, 2016).

Conforme Krenak (2018, 2019, 2020), no contexto da cultura indígena, a Terra é reconhecida como um organismo vivo, sendo considerada a mãe e protetora. Essa concepção cultural é transmitida de geração em geração por meio das histórias. Nessas narrativas ancestrais, a Terra é identificada por diferentes nomes, tais como Terra de Mãe, Pacha Mama ou Gaia. De acordo com o autor, os povos indígenas representam uma camada da humanidade que vive em estreita conexão com a terra, de maneira mais rudimentar e rústica, demonstrando uma disposição para "mamar na terra" (KRENAK, 2019, p. 11-12).

Dentre os dados coletados, encontramos vários exemplos que corroboram com as discussões acima apresentadas. Ao serem questionados sobre sua visão acerca da Terra, os participantes responderam o seguinte:

Exemplo 16

Potira - 0:09 – 0:22 – “A terra é uma mãe, tipo assim..., tipo assim... a mãe produz o leite para a criança, para ela se alimentar né, e a terra para a gente que produz a própria... produz a nossa própria alimentação” (Grifo nosso)

Exemplo 17

Anori - 5:02 – 5:25 - A gente...sei lá, pra nós assim, a Terra, em geral, é nossa mãe, então da... da Terra a gente tira tudo, por isso que...por isso que...que talvez nem nós só, Pataxó, mas tem outras etnias também, chama a Terra de Mãe, porque **é de onde nós tira nosso sustento**, dali nós tira a plantação, nós come, nós caça, a água, que também faz parte, né, para nós é isso, **a Terra Mãe é isso.**

Nestes dois exemplos entendemos a conceptualização de MÃE TERRA como provedora, aquela de onde se tira o sustento. Diante disso, percebemos que os exemplos se alinham às pesquisas de Lakoff (1987) que afirma que um dos modelos cognitivos individuais de “Mãe” é o modelo de nutrição (LAKOFF, 1987, p. 103) em que aquela que nutre e cria é vista como mãe. Dessa maneira, o domínio fonte partiria da experiência de mãe como a pessoa que alimenta e cria e seria aplicada ao domínio alvo “Terra” uma vez que esta também fornece os alimentos, o sustento, a caça e a pesca. Essa conceptualização fica ainda mais evidenciada no primeiro exemplo, quando Potira associa os alimentos disponibilizados pela Terra ao leite produzido por uma mãe quando está amamentando seu filho. Assim, percebemos novamente a utilização de experiências corpóreas para conceptualizar experiências mais abstratas.

Lakoff (1987) pontua que não existe um conceito claro e definitivo para o termo Mãe, nesse sentido, apresentamos o seguinte exemplo:

Exemplo 18

Kanu - 0:27 – 0:29 - O planeta Terra, a gente tem ela como um coração nosso, como a nascente nossa que é o Brasil, né?

Exemplo 19

lara- 1:55 – 2:05 - A Terra...pra... pra mim, ahhh, ela é minha mãe, porque a Terra, ela nos criou, ela nos criou...hoje, hoje nós estamos (...) (inaudível) já velhos e aí a Terra é... foi nossa mãe, né.

Os exemplos 18 e 19 também são uma ramificação da metáfora conceptual MÃE TERRA, aqui percebemos a aplicação do modelo cognitivo de nascimento (LAKOFF, 1987) em que a mãe é aquela que dá à luz, aquela de quem se nasce. Percebemos que Lara recupera a experiência corpórea de nascimento, domínio fonte, e a aplica à Terra, domínio alvo, afirmando que a Terra é a nossa nascente, aquela de quem se nasce, portanto, nossa mãe. Já no último exemplo, percebemos que Lara retoma a experiência da mãe como aquela que cria, aquela que nos faz existir, aplicando esse conceito ao domínio alvo Terra. Para finalizar, apresentamos os seguintes exemplos:

Exemplo 20

lara - 2:36 – 2:37 – **A Terra é nossa mãe**, e a mãe é tudo, a mãe é amor, a mãe é carinho, a mãe...que cuida.

Exemplo 21

Jacira - 0:14 – 0:22 - **A Terra é uma mãe** porque ela dá tudo o que a gente precisa, né, igual uma mãe dá uma carinho pra um filho é a Terra para a gente, para nós indígenas, **ela dá tudo o que a gente precisa**, é só cuidar.

Esses exemplos, também alinhados à metáfora conceptual MÃE TERRA, apresenta um modelo afetivo de maternidade, em que a mãe é conceptualizada como a pessoa que dá suporte afetivo, carinho e amor. Dessa maneira, Lara e Potira recuperam suas experiências corpóreas ligadas à maternidade para afirmar que a Terra é mãe já que oferece amor e carinho, ou seja, oferece suporte afetivo. Na fala de Jacira, percebemos ainda a preocupação com o cuidado em relação aos recursos naturais. Para Sorj (1992), as mulheres possuem um lugar privilegiado na luta ecológica já que elas se distanciam menos da natureza.

Por meio dos exemplos 20 e 21, podemos perceber que há divergência entre os conceitos de Mãe (LAKOFF, 1987) e que dentre as ramificações da metáfora conceptual MÃE TERRA, é possível extrair conceptualizações ligadas a suporte

afetivo, modelo de nascimento e de nutrição. Estas conceptualizações partem das experiências corporificadas das relações maternas. Sendo assim, vemos conceitos relacionados a cuidado, amor, carinho e afeto, nutrição, nascimento, sentimentos geralmente transmitidos no contato entre mãe e filhos e que foram resgatados na elaboração destas metáforas.

Partindo da ramificação TERRA PROVIDORA, temos o modelo de nutrição (LAKOFF, 1987) em que vemos que o conceito de mãe está associado a alimentação, fato inclusive citado pelos participantes. Aqui, chamamos atenção para um dado em especial, retirado da entrevista realizada com Potira que, à época da coleta de dados, estava amamentado e disse o seguinte: **“a mãe produz o leite para a criança**, para ela se alimentar né, **e a terra** para a gente que produz a própria... **produz a nossa própria alimentação**” (Grifo nosso). Percebemos como a experiência corpórea foi diretamente ativada quando Potira lança mão de argumentos na tentativa de fazer uma analogia, justificando os motivos que a levaram a conceptualizar a Terra em termos de uma mãe.

A partir da ramificação TERRA PROGENITORA, em que a Terra é vista como modelo cognitivo de nascimento (LAKOFF, 1987). Percebemos também o papel da mãe, mas não somente de cuidado, mas de criação, e aqui vemos a Terra como criadora e como nascente. Nesse caso, o termo “criar” assume significado de “dar origem”, “fazer existir”, significado amplamente associado à maternidade já que, de acordo com o dicionário Caldas Aulete, o termo “mãe” possui, dentre outros, os seguintes significados: “mulher que cria” e “origem de algo”. Já o termo “nascente” assume significado relacionado a nascer, a ter vida, conceitos associados à nossa experiência corpórea com a maternidade e que serviram como domínio fonte para a elaboração destas metáforas.

Nesse cenário, os domínios fontes ativados remetem às nossas primeiras experiências de vida, especialmente durante a infância inicial, quando éramos diretamente dependentes da figura materna para a alimentação, seja por meio da amamentação. Aqui, fazemos uma conexão com o texto de Krenak (2018), no qual ele menciona que os indígenas estão dispostos a “mamar na Terra”, obtendo os alimentos essenciais para a sustentação da vida. Dessa forma, além de haver referência a amamentação, outros domínios, como plantio, colheita, sustento, caça, produção e alimentação, são ativados e transferidos para o domínio alvo. Esses dados estão em consonância com os estudos de Gibbs (1999), os quais destacam

que nossas experiências cognitivas estão intrinsecamente vinculadas às nossas interações corporificadas com o mundo. Também se alinham às ideias de Lakoff (1987), que sustenta a existência de diversas maneiras de conceituar o termo "Mãe". Além disso, corroboram com as perspectivas de Kövecses (2007), para quem a produção de metáforas está diretamente relacionada ao contexto cultural.

Percebemos, por meio da leitura dos exemplos listados, que mesmo pertencendo a uma cultura diferente da compartilhada pelos membros da Comunidade Indígena em que os dados foram coletados, somos perfeitamente capazes de compreender as metáforas relacionadas a metáfora conceptual MÃE TERRA por eles produzidas. Isso se deve ao fato de elas advirem de experiências de sobrevivência que perpassam todos os seres humanos (GRADY, 1997).

Ao retomarmos o artigo "*Gonna be on my fucking period in boomtown, souuuunndd thanks Mother Nature: Using Twitter to Find Multimodal Creativity and Embodied Instant Metaphors*" de Okonski e Ferreira (2019), apresentado no Capítulo 2, seção 2.1.3, podemos observar dados que evidenciam a conceptualização da Terra como mãe, assim como nos exemplos apresentados anteriormente.

Percebemos que as experiências corpóreas são um processo essencial para a produção de metáforas. Para Kövecses (2002, 2005), experiências coletivas, tais como a maternidade, podem dar origem a metáforas consideradas universais, sendo assim, mesmo as pessoas inseridas em contextos culturais diferentes provavelmente serão capazes de compreender metáforas relacionadas a maternidade já que se trata de uma experiência coletiva.

Notamos que os modelos cognitivos idealizados de MÃE, elencados por Lakoff (1987), como o modelo de progenitora, provedora e o modelo afetivo também são encontrados nas falas dos membros da Comunidade Indígena Pataxó Imbiruçu, no entanto, eles aplicam estas conceptualizações ao Planeta Terra, provavelmente, isso se deve aos fatores culturais e também à cosmovisão adotada pela comunidade. Vale ressaltar que os Pataxós acreditam que nasceram da Terra, sendo formados por uma mistura de terra e água da chuva. Dessa maneira, eles acreditam que a Terra exerce o papel de uma mãe, acolhendo, alimentando e cuidando.

No início dessa pesquisa acreditávamos que dentre os dados coletados na Comunidade Indígena Pataxó Imbiruçu haveria grandes chances de encontrarmos a metáfora conceptual MÃE TERRA devido aos aspectos culturais que fazem com os povos indígenas tenham uma ligação muito mais profunda com a Terra do que a

população não indígena. Nesse contexto, confirmamos, mas também adquirimos uma perspectiva ampliada ao notar que as experiências corpóreas com a maternidade fazem com que pessoas de culturas diferentes possam produzir e compreender as metáforas relacionadas à maternidade já que se trata de uma experiência coletiva.

5.5 Os protetores da natureza

As variações interculturais podem fazer com que haja maneiras diferentes de expressar um domínio alvo. Para comprovar essa afirmativa, Kövecses (2010) cita a metáfora conceptual RAIVA É NO CORAÇÃO afirmando que ela é utilizada tanto na língua inglesa quanto na língua zulu. Entretanto, o zulu se diferencia por apresentar uma extensão de domínios diferentes, no que concerne à essa metáfora.

Dentro da cultura indígena, a natureza é vista como sagrada já que existe no campo material e espiritual (ESTERMANN, 2006), os indígenas consideram-se dependentes da natureza, percebendo-o solo como um bem coletivo que não deve ser explorado a exaustão em busca de enriquecimento pessoal.

Percebemos que há uma diferença cultural na maneira em que as pessoas não indígenas e as indígenas relacionam-se com a natureza. Krenak (2020) afirma que grande parte dos seres humanos se esqueceram de que fazem parte do Planeta Terra e produzem condições para morrer quando escolhem viver em ambientes cada vez mais artificiais. Por isso, na concepção do autor, eles acabam perdendo o vínculo com a natureza e passam a considerar o solo como bem material e individual, que pode ser explorado, dividido, vendido, desmatado, poluído e assim por diante.

Durante a análise de dados percebemos que os membros da comunidade indígena fazem uma distinção entre índios e não índios que fica bastante clara. Para comprovar apresentamos os seguintes exemplos.

Exemplo 22

Iberê - 0:54 – 1:10 - Quando eu vejo a destruição da natureza...a gente se sente mal, né, porque não tá, eles não tão, eles estão fazendo uma coisa para eles e prejudicando nós né, porque muitas vezes eles tentam fazer uma coisa para eles e prejudicando nossa água, nossa terra.

Exemplo 23

Kanu: 0:36 – 0:52 - Ahh foi, foi destruído sim, porque quando o dono que era daqui, né, ele era muito **destruidor**, né? Ele não era aquela pessoa que preservava a natureza, ele era destruidor, muita terra que era dele, ele destruía a terra que era dele mesmo.

Exemplo 24

Cauê: 1:36 – Os Pataxós estão aqui desde antes da **invasão**.

Entrevistadora: A qual invasão você se refere?

Cauê: **Invasão do Brasil**, eles falam que descobriram, mas a gente estava aqui.

Conforme evidenciado, os membros da Comunidade Indígena estabelecem uma distinção nítida entre eles e os não indígenas, caracterizando estes últimos como invasores e destruidores. Essa distinção decorre das divergências culturais entre essas duas comunidades, as quais se manifestam de maneira marcante na relação com a natureza. De um lado, temos uma comunidade que demonstra preocupação em preservar, coexistir e cuidar, sentindo o peso da destruição ambiental. Por outro lado, a comunidade não indígena, de acordo com os dados coletados, é identificada como a responsável pela destruição ambiental.

Dessa maneira, os dados apontam para uma relação metafórica de oposição **HOMEM BRANCO DESTRUIDOR** versus **COMUNIDADE INDÍGENA PROTETORA**. Para ilustrar essa afirmação, apresentamos mais exemplos.

Exemplo 25

Iberê - 1:33 – 1:57: “Quando a gente... é... não aqui na nossa aldeia, mas para fora que a gente sai, a gente sempre vê alguma **destruição**, é..., aquilo...aquilo **bate um aperto no coração** porque é... é muito chocante para nós, né? Nós que somos conhecidos como os protetores, os guardiões da... da floresta, isso é muito doloroso.” (grifo nosso)

Exemplo 26

Kanu: 1:12 - 1:23: é porque nós tá aqui hoje é... por causa de nós ser e de defender nosso direito, né? Que é, nós somos índios então nós tem que preservar o que é nosso.

Exemplo 27

Anori - 2:11- 2:37- nossos antepassados vivia da pesca, da caça, das plantas medicinais tiradas da natureza e hoje a gente já não faz mais isso para tentar preservar tudo o que tem. A gente tem esse tipo de conduta para a gente manter ainda a... a... preservação, a nossa tradição com o pouco que ainda resta. (Grifo nosso)

Observando o exemplo 25 e partindo do significado expresso no dicionário virtual Caldas Aulete²¹, guardião é a “pessoa que protege ou defende algo ou alguém”. Percebemos que, ao se denominarem “guardiões da natureza”, os entrevistados conceptualizam a natureza como uma entidade que precisa ser protegida, que está ameaçada, cabendo a eles a função de atuarem como protetores e guardiões dessa entidade. Por isso, quando eles passam por experiências em que presenciam a destruição da natureza, como no exemplo 25, essas experiências se traduzem em termos de sofrimento corporal, de percepção de agentes destruidores (comunidade não indígena) e do fogo como um monstro invasor (Matlock, Coe & Westerling, 2017), conforme apresentado na seção 5.4. Sendo assim, guardar e proteger a natureza, de certa maneira, também significa pouparem-se da dor física, do sofrimento corporal e emocional.

Percebemos que a comunidade indígena se considera responsável por proteger e cuidar da natureza e isso traduz-se também na produção de metáforas. Eles se referem à comunidade não indígena como os destruidores, invasores e causadores de danos ambientais, enquanto referem-se a si mesmos como protetores e guardiões da natureza. A produção de metáforas está diretamente ligada ao contexto cultural, sendo assim, sabendo que a cultura e cosmovisão indígenas estão atreladas à valorização da Terra como espaço sagrado, ao respeito por todas as formas de vida, ao culto às divindades que vivem na natureza e a dependência direta da natureza, é possível compreender que suas motivações

²¹ Disponível em <https://www.aulete.com.br/Guardi%C3%A3o>. Acesso em 02 nov. 2022.

experienciais e culturais os levam a produzir metáforas como as apresentadas nos exemplos anteriores.

A próxima seção será destinada à apresentação e discussão de metáforas gestuais relacionadas ao corpus de análise.

5.6 Metáforas gestuais



Nesse tópico, dedicamo-nos a apresentar e analisar alguns exemplos de metáforas gestuais, optamos por selecionar apenas gestos realizados com as mãos relacionados a temática proposta, ou seja, metáforas relacionadas ao meio ambiente. De acordo com Kendon (2004), para analisar os gestos realizados com as mãos é preciso considerar três fases: preparação, golpe e repouso. A preparação ocorre quando a pessoa abandona a posição de repouso e inicia o gesto, o golpe ocorre no momento de efetivação do gesto e o repouso é quando a pessoa volta a posição inicial. De acordo com Cienki (2008) o stroke é a fase que determina a função do gesto (CIENKI, 2008, p. 17).

Na entrevista com indígenas Pataxós, perguntamos aos entrevistados se eles consideravam a Terra mais como mulher ou homem. Um dos entrevistados, Kanu, respondeu que ver a Terra mais como homem ou mulher é individual (ou subjetivo). Ele procede afirmando que o sol é homem e a lua é mulher, já a Terra é dividida ao meio: homem e mulher. A fala do entrevistado é acompanhada por gestos metonímicos em que ele divide o espaço gestual ao meio com seu braço esquerdo. Consistentemente, o sol e a parte masculina da Terra ficam ao seu lado esquerdo, enquanto que a lua e a metade feminina da Terra ficam à direita. Desta forma, a Terra é personificada como uma entidade cindida entre mulher e homem.

Exemplo 28

Quadro 7 - Esquema de ação de divisão de entidade



Gesto 1, parte 1	
------------------	--

	<p>Fala: “... o homem, a mulher...” (referindo-se à Terra, que para o entrevistado é masculina e feminina)</p> <p>Ponto de partida: entidade precisa ser demarcada/dividida ao meio</p> <p>Causa: há metades diferentes</p> <p>Ação: Dividir ao meio</p> <p>Ponto final: os dois lados da entidade foram demarcados/ separados.</p>
<p>Gesto 1, parte 2</p> 	<p>Gesto: a parte de trás da mão esquerda é lançada para esquerda indicando um lado da divisão dessa entidade (gesto 1, parte 1). Em continuidade, a mão é lançada para a direita indicando o outro lado dessa divisão (gesto 1, parte 2).</p> <p>Resumo: a Terra é metade mulher, metade homem.</p>

Fonte: GECEIR (2019)

Exemplo 29

Quadro 8 - Esquema de ação de separação ao meio

<p>Gesto 2, parte 1</p> 	<p>Fala: “... então para mim é a divisão, né” (referindo-se à Terra ser feminina e masculina)</p> <p>Ponto de partida: entidade forma uma unidade</p> <p>Causa: entidade precisa ser dividida</p>
<p>Gesto 2, parte 2</p> 	<p>Ação: uma entidade é dividida ao meio</p> <p>Ponto final: o que estava unido se encontra separado.</p> <p>Gesto: as mãos se unem, tocando as pontas dos dedos (gesto 2, parte 1). Em continuidade, as mãos se separam (gesto 2, parte 2).</p> <p>Resumo: a Terra tem uma divisão: metade é mulher, e a outra metade homem</p>

Fonte: GECEIR (2019)

De acordo com Miranda (2013), por meio dos gestos é possível descrever espacialmente os domínios fonte de uma metáfora, o que não é possível de se realizar com as metáforas verbais. Esse exemplo demonstra especialmente a divisão da Terra em parte feminina e parte masculina, conceptualização elaborada por Kanu ao longo da entrevista. Isso corrobora com os estudos de Lakoff e Johnson (2002), que tratam a metáfora como um fenômeno cognitivo e também com os de Miranda (2013) que afirma que as metáforas gestuais podem ser desencadeadas pelo conteúdo verbal do discurso, como foi possível observar nos exemplos 28 e 29.

Outro entrevistado, Iberê, quando perguntado acerca de como se sente ao perceber a destruição ambiental, respondeu que quando vê destruições, isso dá um aperto no coração, porque é muito chocante. Em suas palavras: “Isso é muito doloroso”. O entrevistado, que passa a entrevista com os braços cruzados sobre a região abdominal, movimenta uma das mãos (mantendo a outra cruzada sobre a região abdominal). Com a mão que gesticula, ele fecha o punho representando metaforicamente um coração (metáfora perceptual) e comprime a mão, sacudindo-a, sugerindo metaforicamente o pulsar de um coração e simulando o movimento do pulsar com a mão. A preparação para o movimento inicia-se antes que ele expresse o elemento verbal ao qual o movimento faz referência metafórica, o que indica que se trata de um movimento inconsciente.

Exemplo 30

Quadro 9 - Esquema de ação de aperto no coração


	<p>Fala: “... aquilo [a destruição] bate um aperto no coração, é muito chocante para nós...”</p> <p>Ponto de partida: coração está batendo em ritmo normal</p> <p>Causa: algo chocante acontece disparando e comprimindo o coração</p> <p>Ação: o coração bate e é (intensamente) comprimido</p> <p>Ponto final: o coração volta ao seu estado normal</p> <p>Gesto: a mão esquerda está sobre o braço direito, em posição relaxada. Em seguida, a mão esquerda é fechada, comprimida (com força, indicando intensidade forte), e sacudida para dentro e fora do espaço corporal. O gesto é repetido três vezes.</p> <p>Resumo: o entrevistado sente um aperto no coração.</p>
---	--

Para Cienki (2008), os gestos metafóricos são muito importantes pois eles auxiliam o falante a expor suas ideias de maneira lógica para o interlocutor. O gesto exemplificado é altamente metafórico, ele é fundamental na interação porque permite que o interlocutor tenha uma visão mais aprofundada do que está sendo dito. O gesto insere-se na metáfora conceptual CORAÇÃO COMO CENTRO DAS EMOÇÕES, apresentado nesse mesmo capítulo, no item 5.1, demonstrando a forma como presenciar a destruição ambiental afeta o coração do entrevistado.

Prosseguindo a entrevista, perguntamos ainda se o entrevistado considera a Terra uma mãe. O entrevistado afirma que sim, porque o planeta nos sustenta, alimenta, e dá tudo o que nós precisamos (Exemplo 30). Sua fala é acompanhada das mãos que se arqueiam com dedos que quase se tocam, indicando a presença icônica de um objeto. Pelo contexto, infere-se que suas mãos seguram os alimentos provenientes da Terra. A distância entre as mãos aumenta gradualmente, da primeira vez que o entrevistado produz o gesto (acompanhando a palavra “sustenta”) até a terceira vez (acompanhando o segmento “dá tudo aquilo que o índio precisa”), o que pode sugerir abundância.

Exemplo 31

Quadro 10 - Esquema de ação de alimentos

	<p>Fala: “Com certeza, o planeta Terra, a Terra é a nossa mãe. É a Terra que nos sustenta, é a Terra que nos alimenta, é a Terra que dá tudo aquilo que o índio precisa.”</p> <p>Ponto de partida: há alimentos a serem recolhidos com as mãos</p> <p>Causa: necessidade de se alimentar</p> <p>Ação: segurar/receber alimentos com as mãos</p> <p>Ponto final: mãos cheias de alimentos, pois há disponibilidade/ abundância.</p> <p>Gesto: mãos em formato arredondado, com dedos abertos e pontas quase se tocando (indicando a presença de alimento/ abundância). Os alimentos são dados pela Terra. Os gestos são repetidos três vezes, acompanhado as partes em negrito da fala.</p> <p>Resumo: Receber alimentos da Terra.</p>
--	--

Fonte: GECEIR (2019)

Esse gesto insere-se na metáfora conceptual TERRA PROVIDORA, discutida nesse mesmo capítulo, no tópico 5.4, demonstrando como a Terra provê o sustento, o alimento para o entrevistado, as mãos posicionam-se de maneira a representar metaforicamente uma colheita ou retirada de alimentos da Terra.

Durante a realização de uma outra entrevista, com Ailua, ao perguntarmos se ela acreditava que o lugar em que ela morava havia sido destruído por influência das pessoas, ela responde que isso ocorreu nos anos passados, antes da chegada dos Pataxós ao local e durante a resposta, ela realiza um breve gesto circular no espaço, como nota-se no exemplo 31:

Exemplo 31

Quadro 11 - Gesto do Globo

	<p>Fala: Nos anos passados, alguns tempos atrás, falaram que aqui morava um fazendeiro, então, essa parte aí eu já não sabia muito.</p> <p>Ponto de partida: Marcar um espaço no tempo</p> <p>Causa: Necessidade de delimitação</p> <p>Ação: Delimitar tempo</p> <p>Ponto final: Abarcar todo o tempo que precede a chegada dos Pataxós ao território por eles ocupado.</p> <p>Gesto: Com as duas mãos abertas a entrevistada realiza um breve gesto de forma arredondada no ar. O gesto é realizado da parte superior para a inferior e os dedos mindinhos se tocam ao finalizá-lo, fechando o círculo.</p> <p>Resumo: Englobar um espaço na linha temporal.</p>
--	--

Fonte: GECEIR (2019)

Este gesto pode ser categorizado como um gesto global (MCNEILL 1992), ao realizá-lo a entrevistada delimita um conceito e o nomeia na fala, aqui, o conceito delimitado é o de tempo, nomeado na fala como “nos anos passados”, ou seja, o gesto é utilizado para delimitar um objeto abstrato (CALBRIS, 2011). De acordo com Lapaire, (2016), esse gesto cria um senso de coesão pois agrupa vários itens, no exemplo, percebemos que o agrupamento realizado se refere ao recorte de tempo que precede a chegada dos Pataxós ao espaço atualmente ocupado por eles.

Como é possível perceber, por meio da análise dos gestos metafóricos acima apresentados, o objetivo da pesquisa foi atendido, já que conseguimos encontrar gestos metafóricos relacionados a MÃE TERRA e também a proteção e/ou destruição ambiental nos discursos produzidos pelos moradores da comunidade indígena Pataxó Imbiruçu. É preciso destacar que, mesmo utilizando a metodologia de identificação de metáforas gestuais elaborado por Cienki (2017), também foi

necessário buscar outros estudos que dessem conta das especificidades do corpus analisado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Iniciamos este estudo impulsionados pelo desafio de analisar as conceptualizações metafóricas, tanto verbais quanto gestuais, relacionadas às práticas de proteção ambiental, elaboradas pelos membros da comunidade indígena Pataxó Imbiruçu, situada na cidade de Carmésia, em Minas Gerais. Para alcançar esse objetivo, fundamentamo-nos na Linguística Cognitiva, mais precisamente nos estudos da Metáfora Conceptual. Esta abordagem tem como foco a compreensão da linguagem e das conceptualizações, buscando representar linguisticamente a estrutura conceptual a partir do paradigma experiencialista.

Algumas perguntas de pesquisa guiaram este estudo, foram elas: a cosmovisão materializada na cultura, na história e no contexto social em que vivem os membros da Comunidade Pataxó Imbiruçu motivam a produção de metáforas licenciadas pela metáfora conceptual MÃE TERRA? Como essas metáforas licenciadas pela conceptualização de Mãe Terra e de metáforas relacionadas a proteção e destruição ambiental aparecem na fala dos Pataxós? Quais são as metáforas gestuais, alinhadas ao nosso recorte de pesquisa, que emergem dos discursos dos membros da Comunidade Indígena Pataxó e de que forma que elas contribuem para a interação verbal? Visando dar conta de responder a estas perguntas, o objetivo desta pesquisa foi levantar dados que nos permitissem compreender as metáforas verbais e gestuais ligadas ao meio ambiente, produzidas pelos membros da Comunidade Indígena Pataxó Imbiruçu. Para atingi-lo adotamos os seguintes objetivos específicos: mapear as metáforas sobre práticas de proteção e destruição ambiental que prevalecem nos discursos dos membros da comunidade Indígena Pataxó Imbiruçu; descrever e analisar as metáforas sobre práticas de proteção e destruição ambiental e as metáforas relacionadas a metáfora conceptual MÃE TERRA, presentes nos discursos dos membros da Comunidade Indígena Pataxó Imbiruçu; e analisar as metáforas gestuais que emergem dos discursos dos membros da Comunidade Indígena Pataxó, considerando as formas com que elas contribuem para a interação verbal.

A fim de responder à pergunta e de atingir os objetivos propostos, fizemos duas coletas de dados em campo, na Comunidade Indígena Pataxó Imbiruçu, localizada em Carmésia, MG. Por meio da aplicação de questionários semiestruturados, foram realizadas 11 entrevistas, totalizando cerca de 4 horas de

gravação, posteriormente, transcritas com o auxílio do software Elan. Feitas as transcrições, utilizamos o Procedimento de Identificação de Metáforas, criado pelo Grupo PRAGGLEJAZ (2009), para selecionar as metáforas existentes nas entrevistas coletadas, e o Procedimento de Identificação de Metáforas em Gestos, apresentado por Cienki (2017) para identificar as metáforas gestuais.

Realizamos ainda uma pesquisa de campo com suporte bibliográfico, na expectativa de cruzar os resultados desta com os dados coletados em campo. Durante a pesquisa bibliográfica pautamo-nos em autores como Lakoff e Johnson (1983), Batoréo (2010), Ferrari (2002), Kövecses (2001, 2005), Cienki (2013), Krenak (2017,2018, 2019, 2020), Grady (1997), Gibbs (1999) e outros.

Após a análise dos dados percebemos que, devido às diferenças culturais e históricas, e considerando ainda a cosmovisão indígena, os entrevistados, ao utilizarem metáforas conceptuais como CORAÇÃO COMO O CENTRO DAS EMOÇÕES (BATORÉU, 2004) evidenciam que a relação entre a comunidade indígena e o meio ambiente é tão fortemente marcada pela corporeidade que a destruição da natureza culmina em dor física. A motivação para a construção de metáforas como essas é marcada pela experiência corpórea motivada pela vivência de sentimentos ruins como dor e aflição ao ver a terra destruída. Em meio a isso, emergem sentimentos que, ao serem aplicados ao domínio alvo, permitem a produção de metáforas como a proferida por Iberê quando este diz que presenciar a destruição da natureza causa um “aperto no coração”.

O entrevistado Kanu, diz algo bem semelhante ao afirmar que quando presencia alguma destruição ambiental “se sente muito machucado demais” e seu “coração dói muito”, e mais uma vez percebemos a associação entre dor física e destruição ambiental. Por fim, ao retratar o que sentiu na ocasião do rompimento da barragem, Kanu diz que o episódio “matou o coração de todos”, aqui vemos a experiência de morte sendo associada à destruição ambiental de tal forma que a morte da natureza causa a morte do coração, exemplificando que tal expressão metafórica apresenta um forte componente corpóreo, motivado pela metáfora conceptual CORAÇÃO COMO CENTRO DAS EMOÇÕES E DA VIDA (Souza e Stalianob,2020).

Notamos ainda evidências de utilização da metáfora conceptual DIFICULDADES SÃO PESOS. Isso ocorre, pois, nossas experiências corpóreas demonstram que, quando carregamos algo muito pesado, nosso corpo fica curvado

para baixo, o que gera um incômodo. A partir da análise dos dados percebemos que os entrevistados associam o incômodo causado no corpo pela sensação de carregar algo pesado ao incômodo que sentem ao notarem a destruição ambiental. Ao responder acerca de como se sente ao presenciar episódios de destruição ambiental, Kanu diz o seguinte: “eu me sinto muito pesado demais”, entendemos que a destruição ambiental provoca no corpo de Kanu uma sensação semelhante à de carregar algo muito pesado, causando incômodo e sofrimento.

O evento histórico denominado pela comunidade Pataxó como Fogo de 51 (COELHO, 2011) foi fator determinante para a migração destes da Bahia para Minas Gerais, portanto a metáfora possui caráter cultural (GIBBS, 1999; KÖVECSES, 2002, 2005). Esta comunidade é profundamente marcada por esse fato histórico envolvendo o fogo, sabendo que cada cultura elabora metáforas específicas (Kövecses, 2010) compreendemos que as metáforas relacionadas ao fogo elaboradas pelos entrevistados possuem não somente o apelo de sua estreita ligação com a natureza, mas também um viés histórico. Nos dados coletados encontramos exemplos da metáfora conceptual FOGO É UM MONSTRO (MATLOCK; COE; WESTERLING, 2017) quando, durante a entrevista, ao ser questionado sobre os danos ambientais, Avati cita as queimadas provocadas por fazendeiros, dizendo o seguinte: “O fogo engoliu essas matas tudo aí”. No exemplo, verificamos que o fogo é conceptualizado em termos de monstro, uma entidade capaz de causar danos, de engolir a natureza. Noutro exemplo, percebemos evidências da utilização da metáfora FOGO É SER HUMANO (AFANASIEVA; IVANOVA, 2015), quando, respondendo ao mesmo questionamento, Porã diz: “O fogo invadiu os arredores”, aqui o fogo é entendido como uma entidade capaz de invadir os territórios, ou seja, algo ameaçador.

Uma das perguntas que motivou esta pesquisa foi: Como essas metáforas licenciadas pela conceptualização de Mãe Terra e de metáforas relacionadas a proteção e destruição ambiental aparecem na fala dos Pataxós? Percebemos que a forma de conceptualização de metáforas relacionadas a proteção e destruição ambiental emerge da elaboração de metáforas subjacentes às metáforas conceptuais FOGO É SER HUMANO, FOGO É SER HUMANO, CORAÇÃO COMO CENTRO DAS EMOÇÕES E DA VIDA e CORAÇÃO COMO O CENTRO DAS EMOÇÕES.

Ao analisar os dados, percebemos que a cosmovisão materializada na cultura, na história e no contexto social em que vivem os membros da Comunidade Pataxó Imbiruçu motivam a produção de metáforas subjacentes à metáfora conceptual MÃE TERRA, respondendo a uma das perguntas que guiaram nosso estudo. No início da pesquisa, baseados no fato de que a comunidade indígena possuía uma ligação estreita com o meio ambiente, reafirmando a cultura e a crença das comunidades indígenas de que a Terra é um organismo vivo, um espaço sagrado em que plantas, bichos, Encantados e seres humanos dividem espaço e são igualmente importantes, devendo ser respeitados e protegidos, tecemos o questionamento de que essas metáforas emergiriam nos dados coletados. As comunidades indígenas percebem a Terra e a natureza como provedoras de alimento, de água, de ar e de tudo o mais que os seres humanos necessitam para sobreviver, por isso, produziram metáforas relacionadas à metáfora conceptual MÃE TERRA PROVIDORA, tais como: “da Terra a gente tira tudo”, “a mãe produz o leite para a criança, (...) e a terra para a gente que produz a própria... produz a nossa própria alimentação”. Nesses exemplos percebemos o modelo de “mãe” relacionado à nutrição (LAKOFF, 1987), em que aquela que nutre e cria é vista como sendo mãe.

Outro dado levantado diz respeito às metáforas que relacionam o modelo cognitivo de “mãe” ao modelo cognitivo de nascimento (LAKOFF, 1987) em que a mãe é aquela que dá à luz, aquela de quem se nasce. Nesse aspecto, os entrevistados utilizam a experiência de sua cosmovisão das crenças relacionadas à concepção dos primeiros Pataxós, que, segundo eles, nasceram da mistura de uma gota de chuva com a terra, para elaborar metáforas subjacentes à metáfora conceptual MÃE TERRA. Tal fato teria motivado a expressão proferida por Iara: “a Terra, ela nos criou” e por Kanu: “a gente tem ela (...) como a nascente nossa.” Nesses exemplos, compreendemos a aplicação do modelo cognitivo de nascimento (LAKOFF, 1987), segundo o qual a mãe é aquela que dá à luz, aquela de quem se nasce.

Por meio desse estudo, pudemos identificar as metáforas conceptuais COMUNIDADE INDÍGENA PROTETORA e HOMEM BRANCO DESTRUIDOR. Durante a análise de dados, percebemos que os membros da comunidade fazem uma distinção entre indígenas e não indígenas baseado em diferenças históricas, culturais, nas crenças e valores. Também na maneira como os indígenas e os não indígenas percebem e se relacionam com o meio ambiente. Dessa maneira, dos

dados coletados emergiram metáforas como: “muitas vezes eles tentam fazer uma coisa para eles e prejudicando nossa água, nossa terra.”, “ele destruiu a terra que era dele mesmo.”, “Invasão do Brasil, eles falam que descobriram, mas a gente estava aqui.”, “Nós que somos conhecidos como os protetores, os guardiões da... da floresta”, “A gente tem esse tipo de conduta para a gente manter ainda a... a... preservação.” Percebemos que a comunidade indígena se considera responsável por proteger e cuidar da natureza e isso se reflete na produção de metáforas, já que a produção de metáforas está diretamente ligada ao contexto cultural.

A terceira pergunta que guiou nossa pesquisa foi: Quais metáforas gestuais, alinhadas ao nosso recorte de pesquisa, emergem dos discursos dos membros da Comunidade Indígena Pataxó e de que forma que elas contribuem para a interação verbal? As análises das metáforas gestuais evidenciaram que os gestos constituem uma maneira de enriquecer a comunicação, visto que contribuem para a organização e transmissão de informações. Esse achado está em consonância com as proposições de Kendon (2004), que destaca o papel central dos gestos no processo de comunicação. Já para Miranda (2013), por meio dos gestos é possível descrever espacialmente os domínios fonte de uma metáfora, o que não é possível de se realizar com as metáforas verbais. Isso faz com o que interlocutor tenha uma noção mais aprofundada do que está sendo dito pelo locutor. Por fim, de acordo Wilcox (2004), com toda língua é gestual e a origem da linguagem humana pode ser traçada por gestos visíveis” (p. 273-274). Respondendo à nossa última pergunta de pesquisa, foi possível apresentar e analisar 4 amostras, todas relacionadas ao recorte de nossa pesquisa: o primeiro gesto, realizado por Kanu ao falar sobre a Terra, percebemos que a Terra é conceptualizada como uma entidade dividida em duas partes iguais, o segundo momento, Kanu usa as duas mãos, sendo uma mão representando a parte feminina da Terra e a outra representando a parte masculina, demonstrando que são partes separadas, o gesto realizado por Iberê, onde ele demonstra sentir um aperto no coração a cada vez que presencia um episódio de destruição ambiental. Por fim, Iberê faz um outro gesto com as duas mãos ao referir-se a colheita de alimentos na natureza, posicionando-as como se estivesse colhendo ou segurando alimentos.

Dessa maneira entendemos que os entrevistados protegem a natureza porque a consideram parte de sua família, parte de seu corpo, como exposto por Krenak (2019) quando ele escreve que os povos indígenas consideram o Rio Doce,

por eles chamado de Watu, como uma avó, segundo o autor “o Rio Doce tem vida, é uma pessoa. Falar dele é como se referir a um antepassado. Ele tem o dom de curar as pessoas, de alimentar a imaginação e os sonhos. É onde batizamos as crianças. É lógico que não é só um corpo d’água”. Essa crença também explica o motivo pelo qual os dados apontam para a utilização da metáfora COMUNIDADE INDÍGENA PROTETORA em que percebemos, por meio dos exemplos analisados, que os indígenas se consideram os guardiões da natureza.

Ao expor exemplos das metáforas conceptuais que emergiram no discurso dos membros da Comunidade Indígena Pataxó Imbiruçu, analisando-os à luz da TCM, alcançamos o objetivo principal dessa pesquisa, que foi levantar dados que nos permitissem compreender as metáforas verbais e gestuais ligadas ao meio ambiente, produzidas pelos membros da Comunidade Indígena Pataxó Imbiruçu. Os objetivos específicos foram plenamente atingidos, uma vez que realizamos o mapeamento das metáforas predominantes nos dados coletados. Além disso, procedemos à descrição e análise das metáforas associadas às práticas de proteção e destruição ambiental, assim como das metáforas licenciadas pela metáfora conceptual MÃE TERRA. Essas análises foram realizadas a partir dos discursos dos membros da Comunidade Indígena Pataxó Imbiruçu. Além disso, também analisamos as metáforas gestuais que emergem dos discursos dos membros da Comunidade Indígena Pataxó, considerando as formas com que elas contribuem para a interação verbal.

A consideração inicial era a de que emergiriam, no discurso dos entrevistados, metáforas relacionadas à Terra ou natureza enquanto mãe e metáforas relacionadas a situações de proteção e destruição ambiental. Ao longo da pesquisa observou-se a emergência de outras, como TERRA COMO PROVIDORA, TERRA COMO PROGENITORA e HOMEM BRANCO DESTRUIDOR e COMUNIDADE INDÍGENA PROTETORA. Além das metáforas conceptuais já registradas em outras pesquisas, tais como DIFICULDADES SÃO PESOS, CORAÇÃO COMO CENTRO DAS EMOÇÕES, MÃE TERRA

A Terra é retratada pelos entrevistados como aquela que provê toda a alimentação e, não apenas é mãe no sentido de alimentar e cuidar, mas também no sentido de gerar vida. Assim, ela é conceptualizada em termos de provedora, afetuosa e progenitora. Por outro lado, os danos ao meio ambiente são conceptualizados com agressões à essa entidade vista como mãe, portanto, causa

dor, fere e magoa. Diante disso, o homem branco, ou seja, não indígena, é visto pelos entrevistados como um destruidor da natureza, sendo conceptualizado como tal e os indígenas se conceptualizam como aqueles que guardam e protegem a Terra e o meio ambiente, devido à relação cultural, social e histórica que possuem com a natureza.

Acreditamos ter contribuído, ainda que modestamente, para os estudos relacionados da metáfora na medida em que analisamos as conceptualizações metafóricas verbais e gestuais ligadas ao meio ambiente, produzidas pelos membros da Comunidade Indígena Pataxó Imbiruçu. Com esse estudo, comprovamos que os membros dessa comunidade utilizam suas experiências corpóreas, bem como sua cultura, cosmovisão, história e organização social para elaborarem as metáforas que permeiam sua linguagem.

Por fim, entendemos que, da mesma maneira como Matlock, Coe & Westerling (2017) demonstrou, que a utilização de metáforas para se referir às grandes queimadas influencia o pensamento e as atitudes das pessoas, é possível que a disseminação de metáforas que conceptualizam a Terra como mãe e as pessoas como protetoras da natureza, possam ocasionar uma mudança de comportamento, fazendo com que todas as pessoas, e não somente os membros das comunidades indígenas, reavaliem a forma como se relacionam com o Planeta Terra, substituindo a relação de exploração exacerbada, por uma existência que permita a sobrevivência de tudo e de todos.

Encerrando, reforçamos a importância da realização de novos estudos relacionados à emergência de metáforas conceptuais em contextos academicamente marginalizados, como comunidades indígenas, quilombolas, ribeirinhas, entre outras. Acreditamos que tais pesquisas contribuirão para o desenvolvimento de dados mais robustos sobre a influência da cultura e do contexto social na produção de metáforas.

REFERÊNCIAS

- ABREU, D. T. B. D. **Metáfora e emoção: sobre a conceptualização na língua portuguesa**. 220f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada). Unisinos, São Leopoldo, 220 p., 2015. Disponível em: <<https://bit.ly/3UFMPEu>>. Acesso em: 20 jan. 2022.
- AFANASIEVA, E. N. **Metaphoric Models of the Concept FIRE in Sakha and English Languages**. [S. l.: s. n.], 2015.
- AGOSTINHO, P. Identificação Étnica dos Pataxó de Barra Velha, Bahia. *In*: AGOSTINHO, P. **Memorian António Jorge Dias**. Lisboa: Instituto de Alta Cultura – Junta de Investigações Científicas do Ultramar, v. II, 1974. p. 393-400.
- BATORÉO, Hanna Jakubowicz. 2) Enquadramento cognitivo para a estrutura narrativa: uma proposta de olhar para a narrativa a partir da perspectiva da Linguística Cognitiva de Leonard Talmy. **Veredas-Revista de Estudos Linguísticos**, v. 10, n. 1 e 2, 2006.
- BATORÉO, H.. V. 2. N. 2. 2. Competência metafórica e a Linguística Cultural: Exemplo de conceptualização das emoções em Chinês e na cultura ocidental. **Revista Investigações**, Recife, v. 28, n. 2, p. 01-28, jul. 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/index.php/INV/article/viewFile/1695/1421>. Acesso em: 30 jan. 2022.
- BENVENISTE, É. **Problemas de linguística geral II**. 2. ed. Campinas: Pontes, 2006.
- BERNADINO, R. A. D. S. **A reformulação parafrástica na fundamentação teórica de trabalhos de conclusão de curso de Letras**. 153f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada; Literatura Comparada) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 153 p., 2009. Disponível em: <<https://repositorio.ufrn.br/bitstream/123456789/16158/1/RosangelaASB.pdf>>. Acesso em: 30 jan. 2022.
- BERENDT, E. A.; TANITA, K. **The 'Heart' of Things: A Conceptual Metaphoric Analysis of Heart and Related Body Parts in Thai, Japanese and English**. *Intercultural Communication Studies*, v. 20, n. 1, 2011.

BEZERRA, J. L.; SAMPAIO, W. B. D. A. Construções metafóricas espaciais literárias e do cotidiano em narrativas míticas indígenas. **Revista Brasileira de Linguística Antropológica**, online, v. 7, n. 1, p. 145–156, jul. 2015. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/ling/article/view/16294/14582>. Acesso em: 30 jan. 2022.

BLACK, M. Metaphor. In: **Models and metaphor**. Ithaca: Cornell University Press, cap. 3, 1962.

BOAS, G. A. D. V. **Metáforas conceptuais de tempo, vida e morte na construção colaborativa das leituras de um texto literário**. 127 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 127 p., 2010. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/14161/1/Gislaine%20Aparecida%20de%20Vilas%20Boas.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2022.

BOMFIM, A. B. U. **Patxohã, língua de guerreiro**: um estudo sobre o processo de retomada da língua pataxó. f. 127. Dissertação [Mestrado em Estudos Étnicos e Africanos]. Programa multidisciplinar., Salvador, 127 p., 2012. Disponível em: https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/23957/1/dissertacao_ABBomfim.pdf. Acesso em: 20 abr. 2022.

BRASIL. **Resolução nº 304 de 09 de agosto de 2000**. Brasília [Distrito Federal]: Conselho Nacional da Saúde, 2000. Disponível em: https://cep.unifesp.br/images/documentos/Resolucao_304_2000_Ind%C3%ADgenas.pdf.

BRASIL. **Lei n. 13.123, de 20 de maio de 2015. Dispõe sobre o acesso ao patrimônio genético, sobre a proteção e o acesso ao conhecimento tradicional associado e sobre a repartição de benefícios para conservação e uso sustentável da biodiversidade**. Brasília [Distrito Federal]: Ministério da República, 2015.

CALBRIS, G. **Elementos de Significação no Gesto**. Amsterdã: John Benjamins. [S. l.: s. n.], 2011.

CARRIÓN, O. B. **La Semántica De Marcos: Lingüística Cognitiva**. Barcelona: Anthropos Editorial, 2012. 444 p.

CARVALHO, M. R. Pataxó. 2018. Disponível em: Acesso em: 29 set. 2022. **Povos indígenas no Brasil - Instituto Socioambiental**, 2021. Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Patax%C3%B3>. Acesso em: 29 set 2022.

CASTELLÓ, E; MONTAGUT, M. Enquadramento dos Incêndios Florestais e Ativismo Ambiental: um Concurso de Contação de Histórias sobre a Intervenção Humana na Natureza. **Comunicação e Sociedade**, [S. l.], ano 2019, p. 291-306.

CASTELLÓ, E. **Framing Forest Fires and Environmental Activism: a Storytelling Contest about Human Intervention in Nature**. [S. l.: s. n.], 2019.

CAVALCANTI, F. C.. **A polissemia da expressão convencional cabra a partir de uma metodologia quali quantitativa**. 2014.

CHOMSKY, N. **Logical structures in language**. 4. ed. Nova York: Massachusetts Institute of Technology, v. 8, 1957. 284 p.

CIENKI, A. Why study metaphor and gesture? *In*: BENJAMINS, J. **Metaphor and gesture**. Frankfurt: John Benjamins Publishing Company, v. 1, 2008. p. 5-25.

_____. **11. Cognitive Linguistics: Spoken language and gesture as expressions of conceptualization**. Berlim: Gruyter Mouton, v. 1, 2013. p.182-201.

_____. Analysing metaphor in gesture: a set of metaphor identification guidelines for gesture (MIG-G). *In*: SEMINO, E.; (ORG.), D. Z. **The Routledge handbook of metaphor and language**. London: Routledge, 2017. p. 131-147.

_____. J. Metaphoric gestures and some of their relations to verbal metaphoric expressions. *In*: KOENIG, J.-P. **Discourse and cognition: Bridging the gap**. Buffalo: University of Chicago Press, 1998. P. 189-204.

CIENKI, A.; MÜLLER, C. Metaphor, gesture, and thought. *In*: GIBBS, J. R. W. **The Cambridge Handbook Of Metaphor And Thought**. Cambridge: Cambridge University Press, 2008. P. 566.

COELHO, L. S. **Infância, Aprendizagem E Cultura**: as crianças pataxó e as práticas sociais do Guarani. 136f. Dissertação (Mestrado em Lazer da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional) – Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 136 p., 2011. Disponível em: <<http://www.eeffto.ufmg.br/eeffto/DATA/defesas/20150714103348.pdf>>. Acesso em: 20 jan. 2022.

COSTA FILHO, J. M. S. **A referência linguística na atenção conjunta**. 2017.

CROFT, W.; CRUSE, D. A. **Cognitive linguistics**. Cambridge University Press, 2004.

DANTAS, E. M.; MORAIS, I. R. D. **Território e territorialidade**: abordagens conceituais. 109f. Dissertação [Mestrado em Ensino de Geografia]. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Universidade Federal do Rio Grande do Norte., Natal, 109 p., 2008. Disponível em: <https://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:7J3WV_10_0IJ:https://arquivos.info.ufrn.br/arquivos/2015243114c105270524924524b4d907f/Ultima_versao_MESTRADO_PROFISSIONAL_EM_GEOGRAFIA_com_paginao_e_sumrio.pdf&cd=2&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>. Acesso em: 20 ago. 2022.

SOUZA FILHO, C. F. M. O Direito envergonhado (O Direito e os Índios no Brasil). **IIDH**, San José, n. 15, p. 153-168, maio 1992. Disponível em: <https://www.corteidh.or.cr/tablas/r06852-5.pdf>. Acesso em: 30 abr. 2022.

ERICH, A; BERENDT, K. T. **The ‘Heart’ of Things: A Conceptual Metaphoric Analysis of Heart and Related Body Parts in Thai, Japanese and English**. Intercultural Communication Studies: [s. n.], 2011.

ESTERMANN, J. **Filosofía andina**: Sabiduría indígena para un mundo nuevo. 2. ed. Bolívia: La Paz, 2006.

ESTERMANN, J.. F. V. I.. Ecosofía andina: Un paradigma alternativo de convivencia cósmica y de Vivir Bien. **FAIA**, online, v. II, n. IX-X, p. 21, 2013. Disponível em: <https://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:4tTiTAIXeslJ:https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/4714294.pdf&cd=2&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>. Acesso

em: 10 abr. 2022.

EVANS, V.. **Cognitive linguistics**. Edinburgh University Press, 2006.

FELTES, H. P. de M. George Lakoff's Theory of Cognitive Models: a metatheoretical and methodological assessment based on an analysis of abstract concepts. **Linguagem, Cultura e Cognição: Estudos de Linguística Cognitiva.**, Coimbra: Almedina, ano 2004, v. II, p. 227-244.

FELTES, H. P. de M. **Semântica Cognitiva: ilhas, pontes e teias**. Porto Alegre: EDIPUCRS, ano 2007, p. 156-167.

FERREIRA, L. C.. **A compreensão da metáfora em língua estrangeira**. 2007.

_____. Context, Culture, and Communication. **Metaphor**, Metáfora e Símbolo, 2016, v. 31, n. 2 p. 126-130.

FERRÃO, M. C. T. **Teoria da Metáfora Conceptual: Uma breve introdução**. Algarve: Universidade do Algarve, 2008.

FERRARI, L. V. Modelos de gramática em linguística cognitiva: princípios convergentes e perspectivas complementares. **Cadernos de Letras da UFF - Dossiê: Letras e Cognição**, Niterói, n. 41, p. 149-165, 2010. Disponível em: <https://www.academia.edu/31778993/moDELoS_DE_GrAm%C3%A1TiCA_Em_LiNGu%C3%8DSTiCA_CoGNItiVA_PriNC%C3%8DPioS_CoNVErGENTES_E_PErSPECTiVAS_CoMPLEmENTArES>. Acesso em: 20 abr. 2022.

FIORIN, J. L. **Introdução à linguística I**. São Paulo: Contexto, 2002.

FLUSBERG, S.; MATLOCK, T.; THIBODEAU, P..... 2. Metaphors for the war (or race) against climate change. **Environmental Communication**, v. 11, n. 6, p. 769-783, 2017. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/321667380_Metaphors_for_the_War_or_Race_against_Climate_Change>. Acesso em: 15 set. 2022.

FOSSILE, D. K. **O significado aspectual na interpretação de metáforas verbais**. 300 f. Tese (Doutorado em Letras/Linguística) – Curso de Pós-Graduação em

Letras/Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 300f p., 2011. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/95998/295137.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 14 abr. 2022.

GARCIA, M. S. S. **Aprendizagem significativa e colaborativa**. Curitiba: Editora Intersaberes, 2019.

GIBBS JR., R. W. Taking metaphor out of our heads and putting it into the cultural world. *In*: GIBBS JR., R.; STEEN, G. (.). **Metaphor in cognitive linguistics**. Amsterdam: John Benjamins, 1999. p. 145-166.

_____. The Embodied and Discourse Views of Metaphor: Why these are not so different and how they can be brought closer together. *In*: HAMPE, B. **Metaphor, Embodied Cognition and Discourse**. Cambridge: Cambridge University Press, 2017. p. 319-334.

GIBBS JR, R. W.; COLSTON, H. L. **Interpreting figurative meaning**. Cambridge: Cambridge University Press, 2012a.

_____. The cognitive psychological reality of image schemas and their transformations. *Cognitive Linguistics*, Vol 6(4), 1995, p.347-378 em *Cadernos de Tradução*, Porto Alegre, no 31, jul-dez, 2012b, p. 47-79

GIBBS JR, R. W.; DE MACEDO, A. C. Metáfora e cognição corpórea. **DELTA: Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, São Paulo, v. 26, n. 3, p. 680-698, 2010. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/delta/article/view/19944/14842>>. Acesso em: 20 abr. 2022.

GRADY, J. E. **Foundations of meaning: primary metaphors and primary scenes**. 187f. Tese (PhD em Filosofia aplicada a Linguística) - University of California at Berkley, Departament of Linguistics, Berkley, 1997. Disponível em: <<https://escholarship.org/uc/item/3g9427m2>>. Acesso em: 10 mai. 2021.

GOATLY, A. 1997. **The Language of Metaphor**. London: Routledge.

GONZÁLEZ-ABRISKETA, O.; CARRO-RIPALDA, S. A abertura ontológica da antropologia contemporânea. **Disparidades. Revista de Antropologia**, Metáfora e Símbolo, ano 2016, v. 71, n. 1, p. 101-128.

GÖRLITZ, A. M. M. D. **Pachamama Santa Tierra Contribución al estudio de la religión autóctona en los Andes centro-meridionales**. Berlim: Mann, 1978.

HALLIDAY, F.. **Rethinking international relations**. Bloomsbury Publishing, 1994.

HASSEMER, J; EVOLA, V. Linguística Cognitiva e Gesto. **The Routledge Handbook of Cognitive Linguistics**, Wen & JR Taylor, 2021, p. 512-525.

IBARRETXE-ANTUÑANO, I.; BARCELONA, A.; VALENZUELA, J.. Lingüística cognitiva. **Lingüística cognitiva**, p. 1-444, 2012.

JENSEN, T. W; GREVE, L. Ecological Cognition and Metaphor. **Metáfora e Símbolo**, [S. l.], ano 2019, p. 1-16.

JORNALISTAS LIVRES (ed.). Pataxó, uma história de resistência. *In: Jornalistas livres*. [S. l.], 23 jan. 2017. Disponível em: <https://jornalistaslivres.org/pataxo-uma-historia-de-resistencia/>. Acesso em: 13 abr. 2022.

KATZ, J. J. **Semantic Theory** (1972).

KENDON, A. The study of gesture: some observations on its history. **Recherches Semiotique/Semiotic Inquiry**, v. 2, n. 1, p. 25-62, 1982.

KENDON, A. **Gesto. Ação visível como enunciado**. Cambridge: Cambridge University: [s. n.], 2004.

KÖVECSES, Z. Emotion concepts: social constructionist and cognitive linguistics. *In: FUSSEL, S. (). The Verbal communication of emotions*. New York: Psychology Press, 2002.

_____. Emotion, metaphor, and narrative: the mind and its stories. *In: HOGAN, P.*

Narrative Universals and Human Emotion. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

_____. **Metaphor in culture: universality and variation.** Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

_____. Variation In Metaphor Ilha do Desterro. **A Journal of English Language, Literatures in English and Cultural Studies**, Florianópolis, ano 2007, n. 53, p. 13-39, jul-dez. 2007.

_____. **Metaphor: A practical introduction.** New York: Oxford University Press, 2010.

KRENAK, A. A potência do sujeito coletivo. *In: A potência do sujeito coletivo.* [S. l.], 2 jun. 2018. Disponível em: <<https://racismoambiental.net.br/2018/06/02/ailton-krenak-a-potencia-do-sujeito-coletivo-parte-i/>>. Acesso em: 12 jun. 2019.

_____. Ecologia política. **Ethnoscintia**, Altamira, ano 2018, v. 3, n. 2, p. 1-2, 17 ago. 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/ethnoscintia/article/view/10225/0>. Acesso em: 22 abr. 2021.

_____. **Ideias para adiar o fim do mundo.** São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

_____. **O amanhã não está à venda.** São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

KRESS, G. 1985. **Linguistic Processes in Sociocultural Practice.** Victoria, Australia: Deakin University Press.

KRESS, G.; VAN LEEUWEN, T. **Multimodal discourse: the modes and media of contemporary communication.** 2. ed. London: Hodder Arnold, 2001.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Metaphors we live by.** Chicago: University of Chicago Press, 1980.

LAKOFF, G.; KÖVECSES, Z. The Cognitive Model of Anger Inherent in American English. **Cultural Models in Language and Thought**, Cambridge, p. 195-221. Conference on Folk Models at the Institute for Advanced Study at Princeton, May 12-15, 1983.

LAKOFF, G. **Women, fire and dangerous things**. Chicago: University of Chicago Press, 1987.

LAKOFF, G. Women fire and dangerous things: what categories reveal about the mind. **The Routledge Handbook of Cognitive Linguistics**, Chicago: University of Chicago Press, 1987.

_____. The Invariance Hypothesis: Is abstract reason based on image schemas? **Cognitive Linguistics**, Milwaukee, v. 1, n. 1, p. 39-74, 1990. Disponível em: <<http://www.uwm.edu.pl/anglistyka/uploads/files/drogosz/lakoff-the-invariance-hypothesis-is-abstract-reason-based-on-image-schemas.pdf>>. Acesso em: 30 abr 2022.

_____. The contemporary theory of metaphor. In: ORTONY., A. **Metaphor and thought**. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1993. p. 202-251.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Philosophy in the flesh: the embodied mind and its challenge to western thought**. New York: Basic Books, 1999.

_____. Philosophy in the flesh: the embodied mind and its challenge to western thought. **The Routledge Handbook of Cognitive Linguistics**, New York: Basic Books, 1999.

LAPAIRE, J.R. **A coreografia do tempo: metáfora, gesto e interpretação** In: GABRIEL, R.; PELOSI, A. C. Linguagem e cognição: emergência e produção de sentidos. Florianópolis: Insular, 2016, pp. 217-234.

_____. **Da metáfora ontológica ao faz de conta semiótico: dando forma e substância a objetos fictícios de concepção com o “gesto do globo”**. *Signo*, [S. l.], v. v41i70.6413. Disponível em: <<https://shre.ink/Hn0r>>. Acesso em: 29 set. 2022.

LEE, S.W; SCHWARZ, N. Framing love: When it hurts to think we were made for each other. **Journal of Experimental Social Psychology**, Toronto, v. 54, p. 61-67, 2 set. 2014.

LEHRER, A. The influence of semantic fields on semantic change. **Historical semantics. Historical word-formation**. Berlin: Mouton, p. 283-296, 1985.

LÉVI-STRAUSS, C.; ERIBON, D. **De perto e de longe**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

LIMA, E. C; OLIVEIRA, J.C. Remoções forçadas de grupos indígenas no Brasil Republicano. **Mediações-Revista de Ciências Sociais**, Londrina, ano 2017, v. 22, n. 2, p. 13-23, 30 dez. 2017. DOI <https://doi.org/10.5433/2176-6665.2017v22n2p13>. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/article/view/32254>. Acesso em: 23 jun. 2020.

LIMA, E. R. S.; CRUZ-SANTOS, A. Aquisição dos gestos na comunicação pré-linguística: uma abordagem teórica. **Revista da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia**, v. 17, p. 495-501, 2012.

LIMA, G. A. B. Categorização como um processo cognitivo. **Ciências e Cognição**, New York: Basic Books, 2010, n. 11, p. 156-167, 18 maio 2023.

LIMA, P. L. C.; JÚNIOR, R. G.; FRANÇOZO, E. Emergência e natureza da metáfora primária DESEJAR É TER FOME. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, v. 40, p. 107-140, 2001.

LOCKE, J. **Ensaio acerca do entendimento humano**. Tradução de Anoar Aiex. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural: [s. n.], 1978.

MARMARIDOU, S. S. A. **Pragmatic Meaning and Cognition**. Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2000.

MARTELOTTA, M. E. **Mudança linguística: uma abordagem baseada no uso**. São Paulo: Cortez, 2008.

MATLOCK, T.; COE, C.; WESTERLING, A. L.. Monster wildfires and metaphor in risk communication. **Metaphor and Symbol**, v. 32, n. 4, p. 250-261, 2017.

MACCORMACK, S.; KASTER, R. A. **Guardians of Language: The Grammarian and Society in Late Antiquity**. (The Transformation of the Classical Heritage, number 11.) Berkeley and Los Angeles: University of California Press. 1988.

MCNEIL, D. **Mão e Mente. O que os gestos revelam sobre o pensamento**. Chicago: The University of Chicago Press: [s. n.], 1992.

MELIÀ, B. **Educação indígena e alfabetização**. São Paulo: Loyola, 1979.

MIRANDA, M. R; CAMARGO, F. M. B; STRELHOW, F. G. Tupiabá: cartas do mundo para os (as) guardiões (ãs) da terra. **Olhar de Professor**, Côm-pixaba, 2021, v. 24, n. 2, p. 1-9, 26 jun. 2021. DOI <https://doi.org/10.5212/OlharProfr.v.24.15947.067>. Disponível em: <<https://revistas.uepg.br/index.php/olhardeprofessor/article/view/15947>>. Acesso em: 25 out. 2022.

MÜLLER, C.; CIENKI, A. Words, gestures and beyond: forms of multimodal metaphor in the use of spoken language. *In*: FORCEVILLE, C.; URIOS-APARISI, E. **Multimodal metaphor**. Nova York: Mouton de Gruyter, 2009. P. 297-328.

OKONSKI, L; FERREIRA, L. C. **Gonna be on my fucking period in boomtown, souuuunndd thanks Mother Nature**: Using Twitter to Find Multimodal Creativity and Embodied Instant Metaphors. [S. l.: s. n.], 2019.

OLIVEIRA, D.M Pachamama, Paqarina e Pachacamac: uma perspectiva religiosa quéchua sobre natureza e religião. **Estudos de Religião**, São Paulo, ano 2017, v. 31, n. 1, p. 297-328, jan-abr 2017. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/ER/article/view/6859>>. Acesso em: 29 jul. 2021.

PARREIRA, M. S. A. A importância do pensamento de Saussure e da teoria de Chomsky para a Linguística Moderna, 2017. **Domínios de Lingu@gem**, São Paulo, ano 2017, v. 11, n. 3, p. 1024-1044, 1 out. 2017. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/36978>. Acesso em: 25 abr. 2022.

PEIRÓ MÁRQUEZ, L.; IBARRETXE-ANTUÑANO, I. **¿Cómo incide la gestualidad en la codificación del movimiento?** 2021.

PORTO, H. T.; BONIN, J. A. A educação indígena Pataxó: entre distopias e utopias. **Tellus**, [S. l.], v. 20, n. 41, 2020. DOI: 10.20435/tellus.v20i41.648. Disponível em: <https://tellusucdb.emnuvens.com.br/tellus/article/view/648>. Acesso em: 20 abr. 2021.

RÉMI, J. Da metáfora ontológica ao faz de conta semiótico: dando forma e substância a objetos fictícios de concepção com o “gesto do globo”. **LAPAIRE**, [S. l.], ano 2015, v. 41i70.6413. DOI 10.17058/. Disponível em: <https://shre.ink/Hn0r>. Acesso em: 9 nov. 2022.

RICHARDS, I. A. **The philosophy of rhetoric**. Oxford: Oxford University Press: [s. n.], 1936.

ROCHA, J. M. P.; ORENHA-OTTAIANO, A.; SABINO, M. A. As metáforas do coração nos discursos do Papa Francisco. *Calidoscópio*, v. 16, n. 3, p. 403-411, 2018.

ROSCH, E. Reclaiming cognition: The primacy of action, intention, and emotion. **Reclaiming concepts Metáfora no Discurso Elena Semino**, Cambridge University Press, ano 1999, v. II.

RODRIGUES, A. D. Macro-Jê. In: DIXON, R. M. W.; AIKHENVALD, A. Y. (org.). **The Amazonian Languages**. Cambridge: Cambridge University Press, 1999, p. 164-206.

SAMPAIO, W. B.; LAMARÃO, J. B. Metáfora ontológica: a personificação na narrativa mítica e nos processos de formação de palavras Tupí. **História, histórias**, v. 7, n. 1, p. 113- 133, 2015.

SANTILLI, M. Natureza e situação da demarcação das terras indígenas no Brasil. *In*: KASBURG, C.; GRAMKOW, M. (.). **Demarcando terras indígenas**: experiências e desafios de um projeto de parceria Brasília. Distrito Federal: Funai, 1999. p. 23-44.

SANTOS, F. H. D. O. **Trioká Ui Pataxí**: saberes etnobotânicos em narrativas dos pataxós da Gerú Tucunã. 119f. Dissertação (Mestre em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação e Formação Humana. Universidade do Estado de Minas Gerais., Belo Horizonte, 119f p., 2020. Disponível em: <https://mestrados.uemg.br/phocadownload/userupload/lucas.santana/DISSERTACA O2020_6.pdf>. Acesso em: 10 abr. 2022.

SANTOS, R. Y. O esquema imagético ligação como elemento básico na construção da metáfora. **Cadernos do IL**, online, v. 46, p. 25-44, jun. 2013. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/cadernosdoil/article/view/35177>. Acesso em: 30 abr. 2021.

SANTILLI, J. **Socioambientalismo e novos direitos: proteção jurídica à diversidade biológica e cultural**. Editora Peirópolis LTDA, 2005.

SAUSSURE, F. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Cultrix, 2006.

SILVA, A. S. D. A linguística cognitiva uma breve introdução a um novo paradigma em linguística. **Revista portuguesa de humanidades**, online, v. 1, n. 1, p. 59-101, 1997.

SILVA, A. C. **O Massacre de 1951 e a Resistência dos Pataxó Meridionais**. Teixeira de Freitas: UNEB, 2010.

SILVA, A. S.; BATORÉO, H. J. Gramática cognitiva: estruturação conceptual, arquitectura e aplicações. *In*: BRITO, A. M. **Gramática**: história, teorias, aplicações. Porto: Universidade do Porto, 2010.

SILVA, G. A. F. 40 anos de Metaphors we live by: considerações sobre a teoria das metáforas conceituais de Lakoff e Johnson. **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, v. 29, n. 1, p. 153-214, 2021. Disponível em:

<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/16792>. Acesso em: 20 jan. 2022.

SILVEIRA, E. M. Teoria do valor no Curso de Linguística Geral Letras. **Revista Letras**, Uberlândia, v. 25, n. 1, p. 39-54, jan./jun. 2009. Disponível em: <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/16792/pdf>>. Acesso em: 02 abr. 2022.

SIQUEIRA, M. PARENTE, M. A. P.; GIL, M. Metáfora e Cultura: uma interface entre a Linguística e a Antropologia. **ANTARES: Letras e Humanidades**, [S. l.], p. 99-111, 24 maio 2023.

SORJ, B. O feminino como metáfora da natureza. **Rev Estudos Feministas**, [S. l.], ano 1992, p. 143-150.

SOUZA, F. J. A. D. Os distintos seres do universo Pataxó e o movimento das puxadas de rama em Minas Gerais. In: V Congresso em Desenvolvimento Social. **Anais [.]Proceedings**. Montes Claros: Unimontes, 2016. p. 05-23. Disponível em: https://congressods.com.br/quinto/anais/gt_08/OS%20DISTINTOS%20SERES%20O%20UNIVERSO%20PATA XO%20E%20O%20MOVIMENTO.pdf. Acesso em: 20 abr. 2022.

SOUZA, T. S.; STALIANOB, P. Coração como centro das emoções e da vida: um estudo com pacientes cardiopatas em hospitais gerais. **Vittalle – Revista de Ciências da Saúde**, Dourados, v. 32, p. 140-147, abr. 2020. Disponível em: <https://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:ciHGJfk9cgkJ:https://periodicos.furg.br/vittalle/article/download/9700/7891/37698&cd=2&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>. Acesso em: 20 abr. 2021.

SPERANDIO, N. E. A multimodalidade no processo metafórico: uma análise da construção das metáforas multimodais. **ANTARES**, Porto Alegre, v. 7, n. 14, jul-dez. 2015.

SWEETSER, E. *From etymology to pragmatics: the mind-as-body metaphor in semantic structure and semantic change*. Cambridge, US: Cambridge University Press, 1990.

TEßENDORF, S. Pragmatic and metaphoric: combining functional with cognitive approaches in the analysis of the “brushing aside gesture”. *In: MÜLLER, C. E. A. **Body–language–communication: An international handbook on multimodality in human interaction.** Berlim: Walter de Gruyter, v. 1, 2014a. p. 1540-1557.*

_____. Pragmatic and metaphoric: combining functional with cognitive approaches in the analysis of the “brushing aside gesture”. *In: MÜLLER, C. E. A. **ody - Language - Communication. Volume 2: An International Handbook on Multimodality in Human Interaction.** Berlim: Gruyter Mouton, v. 2, 2014b. p. 1540-1558.*

THIBODEAU, P. H.; BORODITSKY, L. Metaphors we think with: The role of metaphor in reasoning. **PloS one**, Japan, v. 6, n. 2, nov 2011. Disponível em: <https://journals.plos.org/plosone/article?id=10.1371/journal.pone.0016782>. Acesso em: 20 abr. 2023.

VEREZA, S. **The fabric of metaphor in discourse.** *Figurative Language–Intersubjectivity and Usage*, v. 11, p. 339, 2022.

VILELA, M. Ter metáforas à flor da pele (ou outra forma de “ter nervos”). *In: FELTES, H. P. D. M. (.). **Produção de sentido: estudos transdisciplinares.** Caxias do Sul: Educs, 2003.*

VILHENA, L. S. **A Bahia no Século XVIII.** Livro II. Salvador: Editora Itapuã, 1969.

WIERZBICKA, A. **Emotions Across Languages and Cultures: Diversity and Universals.** Cambridge: Cambridge University Press. 1999.

WILCOX, S. **Cognitive iconicity: Conceptual spaces, meaning, and gesture in signed languages.** Germany: Walter de Gruyter, 2004.

YU, N. The Chinese conceptualization of the heart and its cultural context Implications for second language learning. *In: SHARIFIAN, F.; PALMER, G. B. (.). **Applied cultural linguistics: Implications for second language learning and intercultural communication.** Amsterdam: John Benjamins, 2007. p. 65-86.*

ANEXO 1: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado (a) participante,

Você está sendo convidado (a) a participar da pesquisa intitulada

“COMPARAÇÃO INTERLINGUÍSTICA DAS METÁFORAS DE MÃE TERRA NO BRASIL E NOS EUA”, desenvolvida pelas pesquisadoras Luciane Corrêa Ferreira (UFMG), professora adjunta na Faculdade de Letras e professora do Programa de Pós-Graduação em estudos linguísticos (Poslin) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), e Lacey Okonski do Departamento de Psicologia da Universidade da Califórnia, Santa Cruz (UCSC). Esta pesquisa de caráter interlinguístico tem como objetivo explorar como falantes do Brasil e dos Estados Unidos entendem o conceito MÃE TERRA. A cultura é altamente relevante para a produção desse conceito, pois este, não raro, deriva de nossas experiências de vida e, em contextos culturais diferentes, como no caso das populações urbanas e indígenas, as experiências dos indivíduos também serão diferentes. Dessa forma, esperamos, com os resultados da pesquisa, revelar como a associação a uma cultura molda os padrões de mapeamento cognitivo nos processos de pensamento metafórico e como tais metáforas corporificadas moldam o comportamento dos indivíduos. Sua participação é voluntária e você é livre para, tanto agora quanto no futuro, se recusar a participar da pesquisa. Caso concorde em participar, solicitaremos que você responda a um questionário por meio do qual coletaremos algumas de suas informações pessoais (língua materna, nacionalidade, grupo étnico, entre outras.). Se você se sentir desconfortável com qualquer pergunta do questionário, não é necessário respondê-la. Você pode deixar a pergunta em branco. Estima-se que o tempo para o preenchimento do questionário seja de 30 minutos. As informações do questionário são pertinentes, pois é a partir delas que pretendemos alcançar nosso objetivo de pesquisa. Assim, não se preocupe, pois não há riscos para os participantes deste estudo.

Rubrica do participante: _____

Rubrica da (s) pesquisadora (s): _____

Embora não haja nenhum benefício direto para você, sua participação é muito importante para este estudo, uma vez que você estará ajudando as pesquisadoras a compreender mais sobre o conceito da metáfora MÃE TERRA.

Além do questionário supracitado, você também passará por uma entrevista feita pelas pesquisadoras, durante a qual responderá perguntas equivalentes às do questionário. A entrevista de áudio e vídeo tem por objetivo a análise de dados visuo-gestuais e oral-auditivos cruciais para se compreender as simulações em tempo real dos falantes. Os áudios e vídeos gravados serão armazenados pelas pesquisadoras por um período máximo de 10 anos ou enquanto durar a pesquisa. Após esse período os áudios e vídeos serão destruídos.

Importante ressaltar que sua identidade será protegida durante todo o processo. Por isso, seu nome NÃO será revelado ou divulgado, em nenhum momento presente ou futuro, a pessoas que não façam parte da equipe de pesquisadores. Garantimos, assim, proteção à sua identidade tanto durante o processo de pesquisa quanto após o término dela. Os resultados da pesquisa serão utilizados em trabalhos acadêmicos e científicos publicados ou apresentados oralmente em congressos e outros eventos do tipo. Nesses casos, conforme já mencionado, seu nome NÃO será divulgado de nenhuma maneira. Os pesquisadores se comprometem em divulgar os resultados da pesquisa, em formato acessível ao grupo ou população que foi pesquisada, conforme estipulado pela Resolução CNS nº 510 de 2016, Artigo 3º, Inciso IV.

A fim de diminuir o risco do seu desconforto ou constrangimento, salientamos que tomaremos os seguintes cuidados: 1) a garantia do caráter voluntário da pesquisa por meio da assinatura ou não assinatura neste documento; 2) a garantia do anonimato dos participantes; 3) a estimativa de que o participante não gastará mais do que 30 minutos do seu tempo pessoal para responder ao questionário; 4) a opção de o participante responder apenas às perguntas que desejar no questionário; 5) a utilização dos resultados obtidos apenas da maneira e de acordo com os propósitos já esclarecidos neste documento; 6) a assistência integral ao participante de acordo com a Resolução 466/12, em caso de complicações e danos previstos e imprevistos.

Rubrica do participante: _____

Rubrica da (s) pesquisadora (s): _____

Riscos da Pesquisa: essa pesquisa pode oferecer algum risco ou danos aos participantes, para melhor entendimento, esclarecemos que, de acordo com a Resolução CNS nº 510 de 2016, Artigo 2º, Inciso XXV, define-se risco da pesquisa como “a possibilidade de danos à dimensão física, psíquica, moral, intelectual, social, cultural do ser humano, em qualquer etapa da pesquisa e dela decorrente”. Caso o participante venha a sofrer algum risco ou dano decorrente da participação na pesquisa, ele terá direito a solicitar indenização através das vias judiciais (Código Civil, Lei 10.406/2002, Artigos 927 a 954 e Resolução CNS nº 510 de 2016, Artigo 19). Você não terá nenhum tipo de despesa ao participar desta pesquisa. Também não receberá nenhuma remuneração por sua participação.

Em caso de dúvida ou problema, você poderá contatar a (s) pesquisadora (s), Profa. Dra. Luciane Corrêa Ferreira, pelo e-mail lucianeufmg@gmail.com, telefone (31) 3409-6033, ou na Faculdade de Letras da UFMG, na Avenida Antônio Carlos, 6627, sala 4040. Dúvidas em relação a questões éticas da pesquisa podem ser dirigidas ao Comitê de Ética em Pesquisa (COEP) da UFMG, localizado na Avenida Antônio Carlos, 6627, Unidade Administrativa II, 2º andar, sala 2005, Belo Horizonte, Minas Gerais, CEP: 31270-901. Telefone: (31) 3409-4592. E-mail: coep@prpq.ufmg.br e ao CONEP (Comissão Nacional de Ética em Pesquisa) localizado na SRNTV 701, Via W 5 Norte - Edifício PO 700, 3º andar, Asa Norte, DF, Brasília, CEP: 7 0.719-049, Telefone: (61)3315-5877, E-mail: conep@saude.gov.br.

Assim, se você se sentir suficientemente esclarecido (a), solicito a gentileza de assinar sua concordância no espaço abaixo. Ao assinar este Termo, todos os seus direitos legais continuam preservados. O participante de pesquisa receberá uma via do documento, assinada por si mesmo ou por seu representante legal e pelo/a pesquisador/a, e rubricada em TODAS as páginas por ambos.

Rubrica do participante: _____

Rubrica da (s) pesquisadora (s): _____

Eu, _____,
confirmando estar esclarecido (a) sobre a pesquisa e concordo em dela participar.

Eu, _____,

- () Autorizo a gravação e utilização de áudios e vídeos para fins acadêmicos.
() Não autorizo a gravação e utilização de áudios e vídeos para fins acadêmicos.

Belo Horizonte, ____ de _____ de 2019.

Assinatura do (a) participante

Profa. Dra. Luciane Corrêa Ferreira

Faculdade de Letras

Universidade Federal de Minas Gerais

ANEXO 2: PARECER CONSUBSTANCIADO DA CONEP (COMISSÃO NACIONAL DE ÉTICA EM PESQUISA – PLATAFORMA BRASIL)



COMISSÃO NACIONAL DE ÉTICA EM PESQUISA

PARECER CONSUBSTANCIADO DA CONEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: COMPARAÇÃO INTERLINGUÍSTICA DAS METÁFORAS DE MÃE TERRA NO BRASIL E NOS EUA

Pesquisador: LUCIANE CORREA FERREIRA

Área Temática: Estudos com populações indígenas;

Versão: 3

CAAE: 07643118.0.0000.5149

Instituição Proponente: UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 3.498.720

Apresentação do Projeto:

As informações elencadas nos campos "Apresentação do Projeto", "Objetivo da Pesquisa" e "Avaliação dos Riscos e Benefícios" foram obtidas do arquivo contendo as Informações Básicas da Pesquisa (PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1273240.pdf) e do Projeto Detalhado.

INTRODUÇÃO

Metáforas são ferramentas sociais e culturais que moldam quem somos, como experienciamos o mundo e como abordamos nossos problemas. Usar a metáfora para raciocinar e tomar decisões acerca de questões sociopolíticas abstratas é um processo conhecido como enquadramento metafórico. O enquadramento metafórico, por sua vez, é uma maneira de potencialmente moldar a forma como as pessoas



raciocinam em relação a um domínio particular, bem como mudar a maneira como as pessoas se comportam no mundo. Diante disso, o projeto aqui proposto busca explorar o enquadramento metafórico do conceito de Mãe Terra e explorar como esse enquadramento específico impacta o pensamento e os comportamentos relacionados

É mudança climática. A maneira como uma pessoa conceitualiza o planeta pode causar impacto em seus esforços para proteger o meio ambiente. Conceitualizações modernas do meio ambiente, como um pano de fundo para seres humanos e de recursos naturais como mercadoria, podem contribuir sistematicamente para a crise climática atual. O objetivo deste estudo é comparar falantes dos EUA e do Brasil para entender as semelhanças e diferenças interculturais em suas conceitualizações da

Endereço: SRTVN 701, Via W 5 Norte, lote D - Edifício PO 700, 3º andar

Bairro: Asa Norte

CEP: 70.719-040

UF: DF

Município: BRASÍLIA

Telefone

: (61)3315-5877

E-mail: conep@saude.gov.br

COMISSÃO NACIONAL DE ÉTICA EM PESQUISA

Continuação do Parecer: 3.498.720

metáfora Mãe Terra, focando em como as perspectivas corpóreas de homens e mulheres moldam a forma como eles pensam sobre o planeta. Além disso, buscamos investigar se a maneira como populações rurais e urbanas conceitualizam suas experiências com a natureza causam impacto em seus enquadramentos de questões ambientais. Por fim, buscamos determinar se manipulações sistemáticas de tais enquadramentos metafóricos seriam capazes mudar a maneira como uma pessoa aborda a crise climática.

HIPÓTESE

A psicolinguística é dominada por dados em inglês de falantes do inglês. Este trabalho oferecerá uma significativa contribuição para diversidade da literatura linguística, o que contribuirá para o entendimento da cognição humana, e não somente das estruturas cognitivas de falantes do inglês. Além disso, este trabalho ajudará a realçar vozes tipicamente marginalizadas. Em específico, espero trazer as vozes de mulheres de comunidades indígenas para o centro deste trabalho. Este projeto busca adotar uma natureza colaborativa, para que possamos refletir as vozes e narrativas de participantes indígenas, da maneira que elas desejarem ser retratadas, de fato. Este projeto busca coletar dados desses grupos para documentar as metáforas de suas línguas em ameaça de extinção para as próximas gerações. Isso porque elas não possuem somente valor social e cultural, mas também relevam aspectos importantes da cognição humana.

METODOLOGIA

Este estudo será qualitativo e quantitativo por natureza. Perguntas com resposta aberta constituirão os dados qualitativos. Serão coletados dados, por meio da aplicação de um questionário padrão e de filmagem e gravação (dados de áudio e vídeo), entre os alunos da Faculdade de Letras (FALE) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), em Belo Horizonte, que se interessarem por participar voluntariamente. Na comunidade indígena pretendemos aplicar o mesmo procedimento para os falantes urbanos. Para a coleta dos dados em vídeo serão utilizados microfone de lapela sem fio e uma câmera, todas as especificações da FUNAI para uso e exploração de imagens, sons e sons de voz, serão observadas. Os integrantes da comunidade indígena que aceitarem voluntariamente realizar a entrevista oral, que será gravada em vídeo, responderão as mesmas perguntas do questionário padrão. Pelo menos dois assistentes de pesquisa codificarão os dados qualitativos em três estágios: I) os codificadores agruparão um subconjunto dos dados para assegurar consistência; II) em seguida, eles irão, então, analisar os dados independentemente; III) por fim, os codificadores se reunirão novamente para discutir

Endereço: SRTVN 701, Via W 5 Norte, lote D - Edifício PO 700, 3º andar

Bairro: Asa Norte

CEP: 70.719-040

UF: DF

Município: BRASÍLIA



COMISSÃO NACIONAL DE ÉTICA EM PESQUISA

Continuação do Parecer: 3.498.720

discrepâncias. Os dados primeiramente serão codificados através de critérios específicos que buscarão encontrar tipos de categorias de respostas (ex.: O participante relatou simulação corporificada: sim ou não). Essa análise será conduzida através de uma abordagem centrada nos dados, de acordo com os temas metafóricos mais pervasivos. Perguntas em escala Likert (grau de concordância ou discordância de uma declaração em uma escala de 1 a 7) constituirão os dados quantitativos. Testes Z emparelhados para comparações entre duas proporções dependentes serão utilizados para analisar os dados de proporção para vários grupos emparelhados. Testes Z de medidas repetidas ou testes T serão usados para analisar os dados da escala Likert e comparar as diferenças médias entre grupos emparelhados, aplicando-se uma análise de variação geral de medida repetida. Esses dados serão discutidos em relação à Teoria da Metáfora Conceitual (TMC) e outras abordagens teóricas importantes, como o Ecofeminismo (GEBARA, 1999).

CRITÉRIOS DE INCLUSÃO

Qualquer membro da comunidade adulto que consinta em participar do nosso processo de entrevistas será incluído.

CRITÉRIOS DE EXCLUSÃO

Qualquer participante que não atenda aos critérios de inclusão.

Objetivo da Pesquisa:

OBJETIVO PRIMÁRIO

Este estudo de caráter interlinguístico objetiva explorar como falantes do Brasil e dos EUA entendem a metáfora Mãe Terra. A partir disso, esperamos que os resultados revelem como a associação a uma cultura pode moldar os padrões de mapeamento cognitivo nos processos de pensamento metafórico e como tais metáforas corporificadas moldam o comportamento humano.



OBJETIVOS SECUNDÁRIOS

- a) Coletar dados com participantes brasileiros e estadunidenses para estabelecer uma comparação intercultural;
- b) Identificar e descrever as implicações metafóricas mais predominantes nas respostas narrativas;
- c) Investigar como associações culturais, diferenças de gênero e cenário moldam os padrões de mapeamento cognitivo;
- d) Investigar como considerar ou adotar essa metáfora indica uma determinada abordagem à mudança climática;

Endereço: SRTVN 701, Via W 5 Norte, lote D - Edifício PO 700, 3º andar

Bairro: Asa Norte

CEP: 70.719-040

UF: DF

Município: BRASÍLIA

Telefone

:

(61)3315-5877

E-mail: conep@saude.gov.br

COMISSÃO NACIONAL DE ÉTICA EM PESQUISA

Continuação do Parecer: 3.498.720

e) Conduzir uma análise de corpus em inglês norte-americano (DAVIES, 2008) e em português brasileiro (RASO & MELO, 2012) dos termos Mãe Terra e Mãe Natureza.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

RISCOS

Não há riscos físicos nesse estudo, sendo que ele consiste em uma entrevista. As perguntas que estamos fazendo contém riscos ínfimos, pois se trata somente da explicação de um conceito metafórico. Os participantes entrevistados deverão avaliar diversas conceitualizações em torno do conceito Mãe Terra e a eficácia dessa conceitualização como um enquadramento capaz de influenciar atitudes em relação à crise ambiental, em comparação com outros enquadramentos metafóricos. Caso se perceba qualquer risco na entrevista, ou caso o participante expresse o desejo de parar a entrevista por qualquer razão, a entrevista será interrompida de imediato. As informações fornecidas pelos participantes serão manuseadas



confidencialmente e seus nomes não serão usados em relatório algum. Esse projeto em específico procura assumir uma natureza colaborativa. Portanto, os participantes terão a possibilidade de contribuir futuramente, apresentando dados que poderão ser compartilhados em publicações futuras, caso eles concordem em participar do estudo. Particularmente, o pesquisador tem como objetivo centralizar vozes marginalizadas, permitindo que mulheres e homens indígenas recebam o devido crédito por seus testemunhos e permitindo que mantenham uma voz ativa, opinando sobre como suas falas estão sendo apresentadas, aumentando, assim, a natureza colaborativa do projeto. Essa será uma decisão deles, e eles têm a possibilidade de manter seus nomes e informações biográficas completamente anônimos, caso assim o desejem. Grau de vulnerabilidade dos sujeitos e medidas protetoras propostas: Entendemos que grupos indígenas são populações vulneráveis e faremos o máximo esforço para respeitar e proteger os participantes a todo momento. Como pesquisadores não indígenas, que não têm acesso a conhecimentos desses povos, buscamos usar métodos de pesquisa participativos e incorporar o paradigma de pesquisa indigenista, que foca em relações, reflexões, respeito e interações éticas (Barton, 2004). Nosso questionário de perguntas abertas apresenta riscos baixos e se enquadra dentro dessas estruturas importantes, para que a atividade de pesquisa possa ser negociada. Métodos de pesquisa-ação participativa, conduzidos em fases claramente planejadas (definição, planejamento, ação, avaliação/observação e reflexão/revisão; O'Brian, 1998), podem representar um processo pelo qual o conhecimento compartilhado facilita a ação colaborativa para gerar mudanças (Kendell *et al*, 2011). Pretendemos negociar a participação com cada comunidade, a fim de criar um ambiente com respeito, abertura e flexibilidade mútuos. Por fim, nosso projeto se estrutura em torno de sabedorias indígenas e o projeto será centralizado

Endereço: SRTVN 701, Via W 5 Norte, lote D - Edifício PO 700, 3º andar

Bairro: Asa Norte

CEP: 70.719-040

UF: DF

Município: BRASÍLIA

Telefone

: (61)3315-5877

E-mail: conep@saude.gov.br

Continuação do Parecer: 3.498.720

em torno de vozes indígenas tanto na coleta de dados quanto no processo de revisão.

BENEFÍCIOS

Um dos nossos objetivos principais nesse estudo é dar um enfoque a vozes marginalizadas. Um benefício em participar desse estudo é que os participantes poderão usá-lo como uma forma de compartilhar sua sabedoria e suas vozes. Outro benefício indireto de se participar da pesquisa é que alguns dos enquadramentos metafóricos poderão ser usados como recomendação para campanhas de preservação ambiental e, portanto, ajudar a preservar suas terras e recursos naturais. Este estudo foi inspirado em uma mulher indígena estadunidense e, portanto, pretendemos continuar seu legado e preservar a sabedoria contida em suas metáforas, de modo que se mantenha essa tradição de preservação. Quando línguas morrem e as gerações mais jovens deixam de aprendê-las fluentemente, esse tipo de conhecimento infelizmente se perde para sempre. Um terceiro benefício dessa pesquisa será a documentação e preservação das metáforas e conceitos culturalmente específicos da comunidade indígena Pataxó para as gerações futuras. Um quarto benefício é que todos os artigos que vierem a ser publicados no Brasil ou no Exterior, e que se pautarem nos dados coletados, deverão citar como coautores os pesquisadores e estudantes brasileiros envolvidos na coleta e análise dos dados da pesquisa. Isso ressaltará a relevância dos trabalhos desses agentes e promoverá a cooperação entre os responsáveis pela coleta de dados e quaisquer pesquisadores que queiram utilizar tais dados.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

O projeto propõe uma análise das interpretações dos conceitos de "Earth Mother" e "Mãe Terra" no português brasileiro e no inglês norte-americano.

Semelhanças e diferenças nos padrões de raciocínio metafórico por meio desses dois contextos culturais serão analisadas com o objetivo de entender as conceitualizações interculturais da metáfora Mãe Terra, focando em como as perspectivas corpóreas de homens e mulheres moldam a forma como eles pensam sobre o planeta.



O enquadramento metafórico será usado para prever comportamentos relacionados à atual crise climática. Os dados serão coletados com uso de questionário (série de perguntas com resposta aberta, além de responderem duas perguntas em escala Likert (uma escala para obter o grau de concordância ou discordância do participante em relação a um tema específico)) aplicado aos falantes brasileiros adultos de áreas urbanas, alunos de graduação, e falantes de áreas rurais, como indígenas, para cotejar com dados já obtidos de falantes norte-americanos.

Endereço: SRTVN 701, Via W 5 Norte, lote D - Edifício PO 700, 3º andar

Bairro: Asa Norte

CEP: 70.719-040

UF: DF

Município: BRASÍLIA

Telefone

: (61)3315-5877

E-mail: conep@saude.gov.br

COMISSÃO NACIONAL DE ÉTICA EM PESQUISA

Continuação do Parecer: 3.498.720

Locais de coleta de dados:

1. Faculdade de Letras da UFMG;
2. Comunidade indígena Pataxó Imbiruçu, localizada na cidade de Carmésia, no estado de Minas Gerais. Essas descobertas serão consideradas em relação a teorias atuais em Ciência Cognitiva, Teoria da Metáfora Conceitual e Contextos Aplicados.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Vide item "Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações".

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Análise das respostas ao Parecer Conep nº 3.248.085 emitido pela Conep em 08/04/2019:

1. Quanto ao projeto detalhado, descrito no documento intitulado "proje.doc", solicita-se informar no projeto detalhado como ocorrerá o processo de consentimento livre e esclarecido, com informações sobre a forma de contato inicial



e abordagem dos potenciais participantes de pesquisa (Norma Operacional CNS n° 001 de 2013, item 3.4.1.8).

RESPOSTA: Conforme solicitado, as informações acerca do contato inicial e abordagem dos potenciais participantes de pesquisa foram acrescentadas seguindo os pressupostos estabelecidos na Norma Operacional CNS n° 001 de 2013.

ANÁLISE: PENDÊNCIA ATENDIDA.

2. O projeto detalhado informa que haverá coleta de dados na Comunidade indígena Pataxó Imbiruçu. Como a pesquisa prevê entrada em terra indígena, solicita-se a autorização da Presidência da FUNAI conforme estabelece a legislação Brasileira e Instrução Normativa n° 001/PRESI/1995 - FUNAI ou a declaração da pesquisadora de que esta será obtida antes do início da pesquisa.

RESPOSTA: Será anexada a documentação a Autorização de Ingresso em Terra Indígena n° 29/AAEP/PRES/2019 expedida em atenção ao processo de n° 08620.012945/2018-16 pela FUNAI. ANÁLISE: PENDÊNCIA ATENDIDA.

3. Em comunidades cuja cultura grupal reconheça a autoridade do líder ou do coletivo sobre o indivíduo, a obtenção da autorização para a pesquisa deve respeitar tal particularidade, sem prejuízo do consentimento individual, quando possível e desejável. Desta forma, solicita-se apresentar autorização das lideranças ou, caso seja inviável sua apresentação no momento,

Endereço: SRTVN 701, Via W 5 Norte, lote D - Edifício PO 700, 3º andar

Bairro: Asa Norte

CEP: 70.719-040

UF: DF

Município: BRASÍLIA

Telefone

: (61)3315-5877

E-mail: conep@saude.gov.br

COMISSÃO NACIONAL DE ÉTICA EM PESQUISA

Continuação do Parecer: 3.498.720

declaração da pesquisadora que esta será obtida antes do início da pesquisa (Resolução CNS n° 304 de 2000, item 2.4).

RESPOSTA: Será anexada a documentação uma autorização para realização de pesquisa assinada pelo cacique da Comunidade Indígena Pataxó Imbiruçu, localizada em Carmésia, MG. ANÁLISE: PENDÊNCIA ATENDIDA.

4. Quanto ao Registro do Consentimento Livre e Esclarecido, descrito no documento intitulado "Tcle.pdf":

4.1. O Registro do Consentimento Livre e Esclarecido é o meio pelo qual é explicitado o consentimento livre e esclarecido do participante ou de seu responsável legal, sob a forma escrita, sonora, imagética, ou em outras formas que atendam às características da pesquisa e dos participantes, devendo conter informações em LINGUAGEM CLARA E DE FÁCIL ENTENDIMENTO para o suficiente esclarecimento sobre a pesquisa (Resolução CNS nº 510 de 2016, Artigo 15). Solicita-se adequação.

RESPOSTA: Em atenção ao exposto acima, o TCLE sofreu as alterações necessárias para que se fizesse inteligível, foram esclarecidas expressões como Metáfora e Experiências Corporificadas. ANÁLISE: PENDÊNCIA ATENDIDA.

4. 2. Como o modelo de Registro do Consentimento Livre e Esclarecido será aplicado a todos os participantes, solicita-se que a pesquisadora esclareça se apenas um modelo de Registro contempla todos os diferentes grupos, ou se seria mais adequado elaborar um modelo de Registro para cada um dos grupos de participantes.

RESPOSTA: Em atenção ao solicitado nesse item, optamos por elaborar um novo TCLE, dessa forma, haverá um TCLE para Populações Urbanas e um TCLE para Populações Indígenas.

ANÁLISE: PENDÊNCIA ATENDIDA.

4.3. Solicita-se incluir no Registro do Consentimento Livre e Esclarecido a informação de que, havendo algum dano decorrente da pesquisa, o participante terá direito a solicitar indenização através das vias judiciais (Código Civil, Lei 10.406/2002, Artigos 927 a 954 e Resolução CNS nº 510 de 2016, Artigo 19).

RESPOSTA: Informação incluída, conforme solicitado. ANÁLISE: PENDÊNCIA ATENDIDA.



Endereço: SRTVN 701, Via W 5 Norte, lote D - Edifício PO 700, 3º andar

Bairro: Asa Norte

CEP: 70.719-040

UF: DF

Município: BRASÍLIA

Telefone

: (61)3315-5877

E-mail: conep@saude.gov.br

COMISSÃO NACIONAL DE ÉTICA EM PESQUISA

Continuação do Parecer: 3.498.720

4.4. A Resolução CNS nº 510 de 2016, Artigo 2º, Inciso XXV, define risco da pesquisa como "a possibilidade de danos à dimensão física, psíquica, moral, intelectual, social, cultural do ser humano, em qualquer etapa da pesquisa e dela decorrente". Ao subestimar os riscos envolvidos em um estudo, a pesquisadora não transmite as informações necessárias para que o indivíduo tome uma decisão autônoma sobre sua participação na pesquisa. Desta forma, solicita-se que os RISCOS DA PESQUISA sejam expressos de forma clara no Registro de Consentimento Livre e Esclarecido e demais documentos. RESPOSTA: Informação incluída, conforme solicitado.

ANÁLISE: PENDÊNCIA ATENDIDA.

4.5. Solicita-se incluir no Processo e Registro do Consentimento Livre e Esclarecido o compromisso da pesquisadora de divulgar os resultados da pesquisa, em formato acessível ao grupo ou população que foi pesquisada (Resolução CNS nº 510 de 2016, Artigo 3º, Inciso IV). RESPOSTA: Informação incluída, conforme solicitado.

ANÁLISE: PENDÊNCIA ATENDIDA.

4.6. Considerando que é um projeto cuja metodologia utilizada é de Ciências Humanas e Sociais, recomenda-se estar em conformidade com a Resolução CNS nº 510 de 2016 (Normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais) e



à Resolução CNS n° 304 de 2000 (Pesquisa com População Indígena) no Registro do Consentimento Livre e Esclarecido.

RESPOSTA: Verificação de adequação metodológica realizada, conforme solicitado.

ANÁLISE: PENDÊNCIA ATENDIDA.

4.7. Por tratar-se de um projeto de pesquisa com apreciação ética pela Conep, solicita-se informar os meios de contato com a Conep (endereço, E-MAIL e TELEFONE), assim como os horários de atendimento ao público (Resolução CNS n° 510 de 2016, Artigo 17, Incisos IX e X). RESPOSTA: Informação incluída, conforme solicitado.

ANÁLISE: PENDÊNCIA ATENDIDA.

4.8. O Registro do Consentimento Livre e Esclarecido deve assegurar de forma clara e afirmativa que o participante de pesquisa receberá uma via (E NÃO CÓPIA) do documento, assinada pelo participante da pesquisa (ou seu representante legal) e pelo/a pesquisador/a, e rubricada em

Endereço: SRTVN 701, Via W 5 Norte, lote D - Edifício PO 700, 3º andar

Bairro: Asa Norte

CEP: 70.719-040

UF: DF

Município: BRASÍLIA

Telefone

: (61)3315-5877

E-mail: conep@saude.gov.br

COMISSÃO NACIONAL DE ÉTICA EM PESQUISA

Continuação do Parecer: 3.498.720

TODAS as páginas por ambos (Resolução CNS n° 510 de 2016, Artigo 17, Inciso X). E, de forma a garantir sua integridade, o documento deve apresentar a numeração das páginas, recomendando-se ainda que esta seja inserida de forma a indicar, também, o número total de páginas, por exemplo: 1 de 2 e 2 de 2. Solicita-se adequação.

RESPOSTA: Informação incluída, conforme solicitado.

ANÁLISE: PENDÊNCIA ATENDIDA.

Considerações Finais a critério da CONEP:

Diante do exposto, a Comissão Nacional de Ética em Pesquisa - Conep, de acordo com as atribuições definidas na Resolução CNS nº 510 de 2016, na Resolução CNS nº 466 de 2012 e na Norma Operacional nº 001 de 2013 do CNS, manifesta-se pela aprovação do projeto de pesquisa proposto.

Situação: Protocolo aprovado.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1273240.pdf	24/06/2019 11:17:01		Aceito
Outros	CARTARESPOSTCer.docx	24/06/2019 11:15:53	LUCIANE CORREA FERREIRA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLEURBANASmarcado.docx	04/06/2019 18:04:55	LUCIANE CORREA FERREIRA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLEIndMarcado.docx	04/06/2019 18:04:07	LUCIANE CORREA FERREIRA	Aceito
Outros	Autorizacaooinifunai.pdf	06/05/2019 19:26:23	LUCIANE CORREA FERREIRA	Aceito
Outros	Autorizacaooprorcacique.pdf	06/05/2019 18:41:18	LUCIANE CORREA FERREIRA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLEpu.pdf	06/05/2019 18:40:49	LUCIANE CORREA FERREIRA	Aceito
Outros	AutorizacaoCacique.pdf	06/05/2019	LUCIANE CORREA	Aceito

Endereço: SRTVN 701, Via W 5 Norte, lote D - Edifício PO 700, 3º andar

Bairro: Asa Norte

CEP: 70.719-040

UF: DF

Município: BRASÍLIA

Telefone: (61)3315-5877

E-mail: conep@saude.gov.br

COMISSÃO NACIONAL DE ÉTICA EM PESQUISA

Continuação do Parecer: 3.498.720

Outros	AutorizacaoCacique.pdf	18:36:38	FERREIRA	Aceit o
Brochura Pesquisa	ProjetoalteracoesCONEP.pdf	06/05/2019 18:36:07	LUCIANE CORREA FERREIRA	Aceit o
Outros	AutorizacaoFUNAI.pdf	06/05/2019 18:35:24	LUCIANE CORREA FERREIRA	Aceit o
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLEindigenas.pdf	06/05/2019 18:26:04	LUCIANE CORREA FERREIRA	Aceit o
Folha de Rosto	Folhaderos.pdf	31/01/2019 13:51:10	LUCIANE CORREA FERREIRA	Aceit o
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	proje.doc	07/12/2018 20:22:19	LUCIANE CORREA FERREIRA	Aceit o
Parecer Anterior	PARECER.pdf	07/12/2018 20:22:06	LUCIANE CORREA FERREIRA	Aceit o
Cronograma	CRONOGRAMA.docx	07/12/2018 19:45:16	LUCIANE CORREA FERREIRA	Aceit o

Situação do Parecer:

Aprovado

BRASILIA, 13 de Agosto de 2019

Assinado por:

1.8 Jorge Alves de Almeida Venancio

(Coordenador(a))

Anexo 2- Questionário

Questionário

1. Você acha que o lugar onde você mora foi destruído por influência das pessoas?
2. Você pode falar sobre o dano ambiental onde você mora?
3. Como você sente essa destruição no próprio corpo?
4. A sua cultura tem relatos tradicionais na forma de músicas e histórias?
 - 4.1 Quais são os temas dos relatos?
 - 4.2 Pode contar algum conto?
5. Como você entende a vida, as doenças, a morte?
 - 5.1 O que isso significa para você?
6. Por favor, descreva o mais detalhadamente possível o que significa para você pensar no planeta Terra como uma mãe?
7. Existem outros conceitos ou palavras que você associe com a Mãe Terra?
8. Você entende a conceitualização do planeta terra como uma mãe como uma metáfora ou você acredita de forma mais literal que o planeta terra é uma mãe?
9. O que significa dizer que o planeta Terra é um ser feminino? Como o gênero afeta o modo como tratamos o planeta?
10. Você acredita que mulheres desempenham um papel especial na proteção da Terra?
11. 11. Você consegue pensar em algumas frases comuns que incluam o conceito de Mãe Terra (incluindo frases de conversas pessoais, orações, canções, locutores, histórias ou poemas)?

Parte II

1. Você é membro de uma comunidade indígena?
2. Qual tipo de relacionamento você possui com o território da comunidade? Você possui algum relacionamento com outra área rural?
3. O que você sente quando fala ou aprende a Língua Pataxó? E quando fala Português?